



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de Marília

Virgilio Manoel Trindade de Lima Avelino

Os novos cossacos

O uso de empresas militares privadas pela Rússia

Marília
2025

Virgílio Manoel Trindade de Lima Avelino

Os novos cossacos

O uso de empresas militares privadas pela Rússia

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Relações Internacionais, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP - Câmpus de Marília, para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais

Financiadora: FAPESP – Proc. 2024/21057-5

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Cruz Aguilar

Marília
2025

A948n	Avelino, Virgilio Manoel Os novos cossacos : O uso de empresas militares privadas pela Rússia / Virgilio Manoel Avelino. -- Marília, 2025 99 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Relações Internacionais) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília Orientador: Sérgio Luiz Cruz Aguilar 1. Política internacional Séc. XXI. 2. Segurança internacional. 3. Conflitos de baixa intensidade (Ciência militar). 4. Empresas militares privadas. I. Título.
-------	---

Virgílio Manoel Trindade de Lima Avelino

Os novos cossacos

O uso de empresas militares privadas pela Rússia

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Relações Internacionais, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP - Câmpus de Marília, para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais

Financiadora: FAPESP – Proc. 2024/21057-5

Banca Examinadora

Prof. Dr. Sérgio Luiz Cruz Aguilar
UNESP – Câmpus de Marília
Orientador

Lais Cavallin Rodrigues
Mestranda em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-graduação “San
Tiago Dantas” (UNESP, UNICAMP, PUC-SP)

Andressa Regis Melquiades Queiroz
Mestranda em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-graduação “San
Tiago Dantas” (UNESP, UNICAMP, PUC-SP)

Marília, 8 de dezembro de 2025.

Aos meus pais Mário e Maria, e aos meus avós Manoel, Virgílio, Ana e
Laurinda.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e todos os santos, em especial à Virgem Maria pelas bênçãos.

Aos meus pais, Mário e Maria, pelo esforço contínuo pela minha educação, sem eles eu não seria um terço do que sou. Tenho orgulho de minha criação e dos ensinamentos.

Agradeço à minha companheira Isabela Campanhã, pela enorme paciência e compreensão durante minha graduação. Sem ela esse trabalho seria completamente diferente, por isso serei sempre grato por suas observações.

Sou grato à minha família, meus tios, tias, primos de todos os graus. O nível de letramento dos meus familiares é o meu impulso diário e me instigam em meu aprendizado.

Agradeço aos meus amigos de faculdade e da cidade de Marília. Obrigado Tiago, Ítalo, Gabriel, Vanessa, Isadora, Ana Caetano e todos os moradores do Araxá e Cavalari que compartilham experiências variadas comigo.

Agradeço ao meu orientador e professor Sérgio Aguilar, sem sua paciência e ensinamentos semanais eu jamais conheceria 10% do cenário mundial de conflitos e segurança internacional. E muito menos sonharia em ter uma bolsa FAPESP.

Sou grato à UNESP e suas instalações, em especial a biblioteca, na qual passei inúmeras horas da minha graduação. Agradeço aos servidores também por sempre serem atenciosos e me ajudarem a achar o livro Diplomacia do Kissinger que não estava no sistema.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2024/21057-5.

RESUMO

Tomando por partida as empresas militares privadas, o presente trabalho busca analisar o uso de empreendimentos do gênero em várias instâncias do meio militar; da logística ao uso efetivo em combate direto e indireto, tanto os casos em que há vínculo com o governo da Rússia quanto os que ocorrem o advento da negação plausível. A partir da análise de diversas companhias, procura compreender sua utilização em prol da política externa russa em países da África, Oriente Médio e Leste Europeu. A pesquisa se baseia em métodos qualitativos, fundamentando-se em uma base de artigos, sites da internet, vídeos, verbetes de enciclopédia e documentos oficiais russos. A análise se dá majoritariamente sob a perspectivas dos teóricos de empresas militares privadas, e na análise política pelo realismo de Mearsheimer e os Complexos de Segurança Regional de Buzan e Waever.

Palavras-chave: Grupo Wagner; Rússia; Empresas Militares Privadas; Conflito Russo-ucraniano; Política Internacional.

ABSTRACT

Taking private military companies as a starting point, this paper seeks to analyse the use of such enterprises in various military contexts, from logistics to effective use in direct and indirect combat, both in cases where there is a link to the Russian government and in those where plausible deniability comes into play. Based on the analysis of several companies, it seeks to understand their use in support of Russian foreign policy in countries in Africa, the Middle East, and Eastern Europe. The research is based on qualitative methods, drawing on articles, websites, videos, encyclopaedia entries and official Russian documents. The analysis is mainly from the perspective of private military company theorists and, in terms of political analysis, Mearsheimer's realism and Buzan and Waever's Regional Security Complexes.

Keywords: Wagner Group; Russia; Private Military Companies; Russian-Ukrainian Conflict; International Politics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Metáfora da ponta de lança	25
Figura 2 – Abordagens das EMPs	27
Figura 3 – Visão de satélite da base militar de Molkino	36
Figura 4 – Representação da Batalha de Bakhmut	36
Figura 5 – Slide apresentado por Gerasimov	59
Figura 6 – Índice da fragilidade da RCA	72
Figura 7 – Focos da atuação do GW no Mali	75
Figura 8 – Linha do tempo do GW na Líbia	79
Quadro 1 – Diferenças entre o conceito de mercenário e EMP	23
Quadro 2 – Definição de EMPs	28
Quadro 3 – As três teorias, seus conceitos e análises	32
Quadro 4 – Relação entre as EMPs, o serviço prestado e seu local de atuação	39
Quadro 5 – Doutrinas Russas	56
Quadro 6 – Uso das EMPs pelas Rússia	62
Quadro 7 – EMPs e Rússia em perspectiva	65
Quadro 8 – Modelo de colonialismo em comparação com o Neocolonialismo por procuração	67
Quadro 9 - Comparação entre as operações Sangaris e do Grupo Wagner	72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Africa Corps
ACLED	Armed Conflict Location & Event Data
CIA	Agência Central de Inteligência
CRS	Complexo Regional de Segurança
<i>DShRG</i>	<i>Desantno-Shturmovaya Razvedyvatelnaya Gruppy</i> (Grupo de Reconhecimento e Assalto)
EMP	Empresa Militar Privada
EO	Executive Outcomes
EUA	Estados Unidos da América
FACA	Forças Armadas da República Centro-Africana
FFAAs	Forças Armadas
FSB	Serviço Federal de Segurança (Rússia)
GRU	Diretoria Principal de Inteligência (Rússia)
GW	Grupo Wagner
ISIS	Estado Islâmico do Iraque e Síria
LNR	República Popular de Luhansk
MD	Ministério da Defesa (Rússia)
MPRI	Military Provider Resources Inc.
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PMC	<i>Private Military Company</i>
RCA	República Centro-Africana
RSB-Group	<i>Rossiskie System Bezopasnosti Group</i>
TCRS	Teoria dos Complexos Regionais de Segurança

VDV

Tropas Aerotransportadas Russas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A HISTÓRIA DO USO DE FORÇAS PRIVADAS: DA GRÉCIA ANTIGA AOS ESTADOS UNIDOS	16
2.1	O nascimento das empresas militares privadas – os casos da Executive Outcomes e Constellis	19
3	A TEORIA DAS EMPS E A POLÍTICA INTERNACIONAL DE MEARSHEIMER, BUZAN E WAEVER	24
3.1	O neorrealismo e a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança	29
4	AS EMPS RUSSAS	33
4.1	A criação do Grupo Wagner	34
4.2	A rede de EMPs russas	38
4.3	O confronto entre Rússia e Ucrânia, das batalhas até o motim e a substituição pelo Africa Corps	49
5	O USO DE EMPRESAS MILITARES PRIVADAS PELA RÚSSIA	55
5.1	As EMPs nas doutrinas da Rússia	55
5.2	A cultura estratégica russa	60
5.3	A Rússia e as suas EMPs sob a ótica de Singer e McFate, Buzan e Waever e Mearsheimer	61
6	O GRUPO WAGNER NO CONTEXTO GLOBAL	67
6.1	O caso da Líbia, Egito, Sudão e Sudão do Sul	75
6.2	O fracasso em Moçambique e a relação com a ditadura em Burkina Faso e Níger	82
6.3	Participações menores em outros países	84
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
8	REFERÊNCIAS	87

1 INTRODUÇÃO

Com o fim da Guerra Fria, e a derrocada da corrida armamentista, as perspectivas de livre mercado dominaram a política internacional. O fim da ameaça constante de um ataque entre as potências nucleares causou a redução de sete milhões de militares empregados nas forças armadas do mundo todo (Singer, 2008).

Essa desmobilização massiva levou a mão de obra qualificada a migrar para o setor privado. Neste contexto, nascem e crescem as principais empresas militares privadas (EMP) no mundo como a Constellis (antiga Blackwater), Military Provider Resources Inc. (MPRI) e a Executive Outcomes (EO). Essas empresas combinam a expertise de seus militares com as necessidades de emprego dos Estados em diversos cenários – o principal empregador sendo os Estados Unidos da América (EUA). Segundo relatório da União Europeia, o mercado de força privada lucrou 858 bilhões de dólares em 2023 (Conselho da União Europeia, 2023).

McFate (2015) e Singer (2008) apontam para o uso de EMPs como “ponta de lança” e exploram outras dimensões como a logística e de engenharia militar. Em suma, essas empresas se tornaram imensamente populares nos anos 1990 e 2000. Participaram de guerras civis na África e da Guerra do Iraque (Singer, 2008). Na busca por fontes na academia brasileira, Pimentel e Paoliello (2018) oferecem uma definição *tout court* do fenômeno. Sendo companhias de capital privado, que atuam diretamente ou indiretamente no uso da força coercitiva, bem como todas as atividades correlatas ao uso da força. E, nos últimos dez anos, um novo ator modela o uso de EMPs, a Rússia.

Dessa forma, a pesquisa explora como a Rússia utiliza da Indústria de Segurança Privada, seja legalmente ou não, para fins de sua política externa em outras regiões do globo, principalmente na África, Oriente Médio e Leste Europeu. Em geral, elas são usadas no treinamento de forças militares de outros países, interferência militar direta, escolta de pessoas importantes, proteção de gasodutos e oleodutos, proteção de instalações de extração e refinamento de petróleo, apoio logístico, escolta de embarcações, dentre outros. Elas prestam serviços formais, aqueles regulados, e informais, aqueles utilizados de formas obscuras (Marten, 2018; Rondeaux, 2019; Ferreira; Kostiuk; Rodrigues, 2023). Estatísticas apontam o aumento de mais de 2500% de incremento na busca pelo termo “empresas militares privadas” quando houve o motim da principal EMP russa, o Grupo Wagner (GW) (Silva, 2023).

O trabalho é de natureza qualitativa com o objetivo de explicar as relações entre o uso de EMPs e a política externa da Rússia. A pesquisa se baseará na revisão da literatura científica sobre: (i) empresas militares privadas russas e (ii) conflitos em países dentro do escopo da

pesquisa. Focando em estudos de caso da atuação das empresas militares privadas em diversas regiões do globo, sendo: República Centro-Africana (RCA), Sudão, Líbia, Síria, Moçambique, Ucrânia, Burkina Faso, Mali e Egito. A busca pela literatura feita pelas plataformas de periódicos digitais Sagepub, Jstor, Google Scholar e Periódicos CAPES, utilizando-se de operadores booleanos relacionando os termos da pesquisa (um exemplo: *Mozambique AND Russia AND Private Military Company*).

Também utilizamos notícias de portais internacionais como Al Jazeera e mídias russas como Pravda. Para busca de matérias jornalísticas utilizamos tanto o próprio portal de notícias quanto a plataforma PressReader. Documentos oficiais do governo russo, contratos públicos e privados e documentos internacionais também são analisados, como o Documento de Montreux (2008) e a Doutrina Putin, elaborada por Sergei Karaganov (2022). Imagens, vídeos e produção cinematográfica também serão analisadas, como imagens de satélite, sites das EMPs e produções como documentários da estadunidense VICE (2021).

A partir de dados coletados das EMPs, tanto das fontes bibliográficas quanto de fontes primárias, será triangulado para fins de confirmação e submetidos à análise nas perspectivas de Singer (2008) e McFate (2015), duas referências no estudo de EMPs. Com base nos conceitos de ambos os autores, a análise política baseia-se no realismo de Mearsheimer (2001), e na perspectiva regional de Buzan e Waever (2003). Dessa forma, os casos fornecem dados relevantes para análise, entender o cálculo político da Rússia em utilizar essas empresas. As doutrinas, enquanto documentos programáticos serão submetidos à análise para identificar os padrões entre o discurso e as ações nos diversos casos.

Então, o trabalho é dividido em quatro capítulos. O primeiro explora o uso de forças privadas pelos Estados ou corpos políticos (anteriores à existência do Estado) e como a Rússia historicamente utiliza essas forças. Identificamos que, ao longo da história, existem mais experiências de forças privadas do que de forças nacionais comandadas pelo Estado. A contribuição de Huntington (1996) sobre a transição para o oficialato e a nacionalização das forças privadas pelos Estados é paradigmática para entendermos a criação dos Exércitos Nacionais. Em sequência, o fim do modelo do monopólio das forças militares pelo Estado com o surgimento das EMPs no século XX.

Observamos que a separação entre normatividade (dever ser) e a análise política (o que é) é latente no caso de EMPs. Esta compreensão nos ajudará na análise posterior sobre as EMPs russas, ou seja, entender que elas existem numa gama de regulações, contratantes e atividades.

O segundo capítulo nos oferece uma base teórica de Singer (2008), McFate (2015), Buzan e Waever (2003) e Mearsheimer (2001). Os conceitos estudados são explorados em todo

o trabalho, visto serem diferentes níveis de análise. Singer e McFate são autores voltados para o estudo do objeto das EMPs, enquanto Buzan e Waever são pesquisadores do nível regional na política internacional e Mearsheimer é um neorrealista que fornece ferramentas para a análise de potências globais, como a Rússia.

O terceiro capítulo analisa o GW e outras EMPs russas complementares, para isso levantamos evidências e empregamos as considerações dos autores da temática como Singer (2008) e McFate (2015). Buscamos a origem do GW e suas primeiras operações e a relação do grupo com o Governo russo. O horizonte temporal vai dos anos 2000 até 2023, neste período exploramos a ascensão como principal EMP russa e a queda com o motim de 23 de junho de 2023.

Além do GW, outras EMPs são importantes para análise. Para isso exploramos os antecessores do GW como o Moran Security Group e Slavonic Corps. Empresas concorrentes de membros do GRU como Redoubt, Shield e o sucessor do GW, o Africa Corps. E grupos privados diversos como o RSB-Group, *MAR PMC* e Akhmat PMC. Esses grupos englobam diversas regiões de operação, meios e contratos. Levamos em conta suas características e seu cruzamento com as características tradicionais de EMPs, algumas sendo legais e outras sendo ilegais.

O terceiro capítulo aborda a política externa russa em sua visão doutrinária, cultura estratégica russa e nossa análise sob a perspectiva neorrealista das Relações Internacionais, aquelas mais próximas do neorrealismo ofensivo de Mearsheimer (2001). Para isso definimos doutrina e abordamos as principais para o estudo como a Doutrina Gerasimov, Putin e o Conceito de Segurança Nacional.

Também abordamos a cultura estratégica, que vemos desde a nossa abordagem histórica, de como a Rússia costuma utilizar entes privados para seu benefício. Por fim, exploramos como o vácuo deixado por potências como EUA e França, fazem da África e Oriente Médio espaço para projeção do poder russo, na forma latente e militar segundo Mearsheimer (2001). Com isso, o Quadro 7 responde nossa pergunta de “como a Rússia utiliza as empresas militares privadas como braço de sua política externa?” elencando os fatores operacionais, políticos, econômicos e históricos que levantamos.

O último capítulo é um apanhado das operações do GW e Africa Corps (AC) no contexto global. Nele destacamos mais o nível regional e as relações estabelecidas entre o GW e os governos locais, dessa forma subsidiando com dados a nossa análise do capítulo anterior.

2 A HISTÓRIA DO USO DE FORÇAS PRIVADAS: DA GRÉCIA ANTIGA AOS ESTADOS UNIDOS

As forças militares privadas não são um fenômeno recente, pelo contrário, elas são identificadas anteriormente ao nascimento do Estado-nação. Na Grécia Antiga, o exercício da profissão militar era parte essencial do mote cívico do cidadão – levado até suas últimas consequências na morte do indivíduo pela pólis (Louro, 1997). E tal entrega pela comunidade era feita sem qualquer tipo de remuneração ou bônus qualquer que fosse.

Péricles reforça tal ideia no excerto:

Ver-se-á em uma pessoa ao mesmo tempo o interesse em atividades privadas e públicas, e em outros entre nós que dão atenção principalmente aos negócios não se verá falta de discernimento em assuntos políticos, pois olhamos o homem alheio às atividades públicas não como alguém que cuida apenas de seus próprios interesses, mas como um inútil (Tucídides, 2001, p. 110).

Em contrapartida, aqueles que cobravam por seus serviços eram chamados de *misthophoros* (aquele que recebe o pagamento) durante a Guerra do Peloponeso. Vê-se que tal distinção entre ser pago ou não pode ser problemática ao penetrarmos na história das falanges macedônicas que instauram o profissionalismo sob o comando do general Epaminondas – afinal, o profissionalismo parte do conceito de que essas tropas passam a receber uma remuneração que garante o exercício exclusivo da função militar, sem mais a necessidade de serem civis, artesãos ou comerciantes da pólis (Louro, 1997).

No período da Renascença Italiana, as forças privadas receberam nomenclatura na atividade de *condotta* - palavra que significava contrato na Itália renascentista, e sua derivação *condottiere* significando algo como contratado¹. Este sistema era composto por companhias livres que ofereciam serviços aos Estados italianos (Benedetti, 2018). Estes grupos eram verdadeiros substitutos das Forças Armadas; cidades como Florença, Veneza e Milão mantinham contratos anuais e que eram renovados por anos – até mesmo em tempos de paz os *condottieri* eram contratados (Caferro, 2008). A figura dos *condottieres* era tão permanente na península italiana que Maquiavel nos aponta as habilidades de Francisco Sforza, um *condottiere* que estabeleceu uma dinastia em Milão por meio de sua *virtú* (Maquiavel, 2019).

Também no século XV e XVI, nas regiões da atual Alemanha via-se a ascensão dos chamados *Landsknechte* (lansquenets). Curiosamente, estas eram as tropas com características mais próximas ao que hoje conhecemos como EMPs, pois: (i) eram contratadas por estados ou

¹ Um paralelo linguístico seria o termo *contractor* (língua inglesa), ainda utilizado nos dias de hoje para se referir ao membro de uma *private military company* ou empresa militar privada (EMP).

peessoas importantes, (ii) confiáveis devido a veteranian da corporação, (iii) sua capacidade era muitas vezes superior à dos exércitos regulares, (iv) seus salários eram maiores, (v) tinham estrutura interna similar a uma guilda ou sindicato e, em alguns casos, (vi) sua lealdade era definida pelo seu pagamento (Tallet, 2013). Nos dias de hoje, em alguns países, a palavra *Landsknechte* pode ser usada como sinônimo de mercenários.

Além da Alemanha e Itália, outro grupo histórico que existe até os dias de hoje são os cossacos na Rússia. Originalmente um povo com cultura eslava oriental que habitava ao norte dos rios Negro e Cáspio, foram constituídos a partir de camponeses fugitivos que buscavam liberdade do serviço feudal (Rosa, 2022). Em sua época, os cossacos eram vistos como bandos militares, tanto que negociavam com os príncipes russos para a defesa de assentamentos na fronteira (Rosa, 2022).

Ao longo do séc. XVIII e XIX, se tornaram uma força amortecedora contra a expansão do islamismo e sua qualidade de combatentes fez com que as brigadas cossacas fossem sinônimo de tropa de elite russa. Durante a invasão napoleônica em 1812, utilizavam táticas assimétricas para saturar a linha da *Grand Armée* (Benaso, 2021).

Embora parte do Império Russo, os cossacos eram independentes e mantinham uma relação de equidistância com o Czar. Ainda que o chefe supremo dos cossacos (*ataman*) fosse nomeado pelo Ministro de Guerra, tornado os cossacos uma casta militar especial nas forças imperiais após as revoltas contra o império (Rosa, 2022).

Durante a Revolução Bolchevique, foram caçados e sua cultura suprimida, visto serem associados com um movimento de contrarrevolução e ameaça ao novo governo instaurado. O que mudou com a queda da União Soviética, a identidade os fez atuar como mercenários em zonas de conflito como a Chechênia e a Transnístria (Rosa, 2022).

Sob o governo de Putin em 2005, os cossacos foram revividos legalmente pela lei russa “Sobre o serviço estatal dos cossacos”, que estabeleceu o recrutamento de cossacos como parte diferenciada das forças armadas. Deu poder público para mais de 600 mil cossacos, incutindo o dever de defender regiões fronteiriças, proteger a ordem pública, combater o terrorismo e dentre outras atividades de segurança pública (Rosa, 2022).

As concessões aos cossacos criaram um exército privado que continha manifestações e participava de conflitos, como a anexação da Crimeia em 2014 (Rosa, 2022). O povo cossaco se demonstrou útil para a manutenção de Putin no poder e, principalmente, na posterior intervenção russa na Ucrânia em 2022.

Até a Idade Média, a comercialização da força possuía diversas definições, em alguns casos eram mal vistos como nos gregos ou eram bem vistos como os lansquenetes, mas de toda

forma, eram parte integral do poder militar. No entanto, com a Paz de Vestfália em 1648, a ascensão dos estados-nação levou à redução da atividade de forças privadas nos estados (McFate, 2015). Desde então, o termo mercenário ganhou conotação negativa, e, na década de 1970, recebeu definição legal pelo Protocolo I Adicional da Convenção de Genebra (1977) no artigo 47, sendo: (i) recrutado no local ou no exterior, (ii) participa das hostilidades, (iii) motivado pelo ganho privado, (iv) não é nacional de uma parte do conflito, (v) não é membro das forças armadas, (vi) não foi enviado por um Estado que não é parte no conflito.

Em suma, a definição genebrina mirava um tipo específico e considerada uma resposta ao mercenarismo que atuava na descolonização africana na década de 1960 (Piehler, 2013). Pelas definições, é pouco útil para a aplicação nos conflitos que pesquisamos, visto ser um dispositivo datado, e que para os fins deste estudo é pouco útil.

O tópico do profissionalismo é sensível para entendermos o conceito de empresa militar privada. Huntington (1996) aponta três características principais para o profissionalismo: especialização, responsabilidade e corporatividade. As três guiam o oficial na administração da violência, que impõe responsabilidades e se dirige de forma licenciada em um corpo jurídico-burocrático.

Além de apresentar as características do oficialato, Huntington (1996) também cita o período anterior ao profissionalismo e divide-o entre aristocratas e mercenários como membros de corpos oficiais – estes últimos de natureza individualista e sem espírito corporativo. A mudança ocorre quando as sociedades começam a se preocupar com a sua segurança ao nível militar, junto disso, o Estado regula todas as profissões em algum nível, no entanto, a única que é monopólio completo dele é a profissão militar (Huntington, 1996).

O contexto do fortalecimento dos exércitos estatais foi no séc. XVII, com o Sacro Império Romano, a França de Luis XIV e durante a ditadura de Oliver Cromwell na Inglaterra. Com o desenvolvimento das burocracias e administração, os estados tornaram-se mais capazes de suprir suas próprias forças. Foi, então, com Napoleão que ocorreu a consolidação do modelo que conhecemos hoje, com a conscrição em massa de cidadãos (*levée en masse*) (McFate, 2015).

O fenômeno de forças privadas nos Estados Unidos da América tem a sua origem vinculada ao emprego da população civil nos esforços de guerra – durante a Guerra Revolucionária o sucesso do exército continental dependeu dos meios de transporte e víveres dos colonos, visto o nascituro Estado não possuir coesão e capacidades para certas tarefas. Durante a Guerra do México, o país chegou a gastar 78 milhões de dólares em serviços e bens de origem do mercado. Já na Guerra Civil, o país excedeu sua margem de capacidades,

mobilizando toda a industrial civil para a guerra, algo que veremos que ocorrerá na Primeira Guerra Mundial, no entanto, em mobilização total (Bruneau, 2023).

Durante a Primeira Guerra Mundial, a primeira guerra industrial do mundo, os EUA desenvolveram um Conselho Industrial de Guerra (CIG), que unia segmentos empresariais e governantes para gerir os esforços de guerra – o Congresso definiu limites para as licitações e prezou pela competitividade. O resumo da ópera se deu em 85 mil contratados prestando serviços para as FFAAs dos EUA (Bruneau, 2023).

Já na Segunda Guerra Mundial, Franklin D. Roosevelt criou o Conselho de Produção de Guerra com os mesmos fins do CIG, no entanto, Donald Nelson, presidente do conselho, pelo caráter de urgência, teve de suspender as licitações competitivas por conta da excepcionalidade da situação, exigindo mobilização em massa. Em números, 730 mil contratados apoiaram mais de 5,4 milhões de soldados estadunidenses, um aumento de 758% em relação à 1917 (Bruneau, 2023). A partir daí, o Governo dos EUA percebera que a organização e planejamento para emprego da indústria em um cenário de conflito era algo fremente ao exercício de suas capacidades de potência.

Durante a Guerra Fria, os EUA formalizaram suas contratações de defesa pela Lei de Segurança Nacional de 1947 e a Lei de Aquisições dos Serviços Armados de 1947. No entanto, mediante a formulação do Regulamento Federal de Aquisições, muitas das contratações militares se tornaram burocratizadas e acabavam por não seguir o cenário dinâmico da Guerra Fria e, posteriormente, do seu fim (Bruneau, 2023). Nos anos 1990, em seguida à queda do muro de Berlim e do fim da Guerra Fria, houve um clima de quase desmobilização total, chegando até a sete milhões de soldados desmobilizados no mundo todo, muitos desses sendo operadores do Special Air Service e das forças especiais dos EUA (Singer, 2008).

2.1 O nascimento das empresas militares privadas – os casos da Executive Outcomes e Constellis

A origem das empresas militares privadas (EMPs), objeto de nosso estudo, é ligada a dois fenômenos distintos, mas complementares: o fim do Apartheid na África do Sul e o fim da Guerra Fria. No primeiro caso, está relacionado ao nascimento da Executive Outcomes (EO) e, no segundo caso, com a criação da Constellis nos Estados Unidos. Durante o séc. XX houve outras experiências que se assemelham ao fenômeno das EMPs, mas, no campo de estudo, essas duas empresas são os modelos definitivos (Singer, 2008).

Embora debatida academicamente, a definição concisa de EMP é a de empresas multinacionais, com financiadores e acionistas, organizadas na forma corporativa, motivadas pelo lucro que oferece serviços militares e de segurança. Seus serviços podem variar e vão de acordo com as necessidades do cliente (Singer; 2008, McFate; 2014, Avant; 2005). Os dois principais autores da temática são P.W. Singer (2008) e Sean McFate (2015), abordaremos as elaborações teóricas de ambos após esta seção histórica.

O fim do Apartheid na África do Sul causou o efeito de redução do efetivo de diversas forças do Estado. A grande massa de soldados com expertise foi absorvida pela criação da EO, do então tenente-coronel das Forças de Defesa Sul-Africanas, Eeben Barlow. Eeben além de militar também foi agente do Escritório de Cooperação Civil, a agência de inteligência sul-africana. Com esse histórico, a EO promoveu contratos corporativos se estruturando em uma rede complexa de *holdings* multinacionais.

A EO operava como uma subsidiária da Strategic Resources Corporation e mantinha laços com a *holding* Heritage Group, que garantiu o primeiro grande contrato na Angola, o EO entrava com a força militar e a *holding* com a exploração dos recursos minerais na região. Segundo McFate (2014), a EO foi a primeira empresa militar privada autossuficiente, capaz de ser contratada e atuar sozinha em cenários de conflito.

Os serviços da EO eram completos, tinham força aérea própria e cadeia de suprimentos. Conseguiram estabelecer frentes de batalha em diversos países da África, de acordo com as necessidades do contratante. Em 1993, estabeleceu seu primeiro contrato grande com o governo angolano para derrotar os rebeldes da União para a Independência Total de Angola (UNITA), exigindo que a EO retomasse as instalações de petróleo na cidade portuária de Soyo e treinasse as forças armadas, o montante foi estabelecido de 40 milhões de dólares ao ano.

A força conjunta da EO com as Forças Armadas Angolanas obteve grande sucesso e retomou todas as principais cidades angolanas e a maioria das áreas ricas em recursos. A eficácia da EO foi tamanha que forçou os rebeldes da UNITA a concordarem com um acordo de paz em Lusaka (novembro de 1994), colocando como condição para assinatura a retirada da empresa do país (Singer, 2008).

A EO também esteve envolvida em Serra Leoa, cujo governo enfrentava o colapso interno com a Frente Revolucionária Unida. A entrada da EO no país foi impactante e expulsou os rebeldes da capital Freetown, seguindo da expansão para o interior e segurança dos campos de extração da diamantes. Utilizaram táticas de armas conjuntas, conjugando força terrestre e aérea por meio de helicópteros de combate (McFate, 2015).

O resultado da operação foi um sucesso militar e político momentâneo. Garantiram eleições livres no país em 1996 e obtiveram uma vitória definitiva contra os rebeldes, no entanto, em longo prazo, mantiveram a estabilidade treinando milícias locais como os kamajors, e não as forças armadas do país (McFate, 2015). Isso trouxe o retorno da instabilidade entre as milícias e o governo, fazendo com que a EO tenha que se retirar do país em 1997, para cimentar um acordo de paz (Avant, 2004).

Além dos dois casos, a EO esteve presente em outros cenários de conflito, na República Democrática do Congo (RDC), o regime de Mobuto Seko negociou com a EO para obter ajuda contra a rebelião no país, ainda que, por motivos de não solvência do governo congolês, a EO negou o serviço (Singer, 2008). Em Ruanda, durante o genocídio em 1994, a EO ofereceu seus serviços para o Departamento de Operações de Manutenção de Paz das Nações Unidas para conter a violência, no entanto foram negados (McFate, 2015).

O fim dessa aventura corporativa foi em 1999, por meio de regulação sul-africana no tema de assistência militar estrangeira. O governo sul-africano enxergava as EMPs como ameaças a sua política externa e como resquícios do apartheid, pois agremiavam ex-militares do período repressivo (Avant, 2005).

Posteriormente, a mudança de paradigma no emprego da indústria militar privada veio com o 11 de setembro de 2001. A subsequente Guerra ao Terror necessitou do emprego da expertise dos melhores militares no mercado, além disso, os EUA encontraram aí uma flexibilidade operacional que se alia à negação plausível – ou seja, a possibilidade de negar o envolvimento com terceiros. O emprego de EMPs levou a números de 173.300 contratados para 146.000 soldados estadunidenses durante o fim de 2008, superando a paridade de 1 para 1 (Singer, 2008; Dunigan, 2011).

A amplitude de possibilidades para o emprego de EMPs se expandiu, os EUA contrataram empresas militares de engenharia, logística, inteligência, treinamento, interrogadores e tradutores, serviço aéreo, segurança pessoal e, finalmente, voltadas para o combate (Jung, 2016).

A Constellis (ex-Blackwater), uma EMP fundada por Erik Prince, ex-militar da Marinha dos EUA, se tornou o principal modelo de negócio e o de maior uso extensivo pelos Estados Unidos durante a Guerra do Iraque em 2003. Criada em 1998, a Constellis nasceu a partir de pequenos trabalhos de treinamento em campos de tiro nos estados americanos do Missouri e na Carolina do Norte.

Os cortes orçamentários e fechamento de bases foram os principais motivadores do crescimento da Constellis, visto a falta de treinamento de membros das forças de segurança e

das forças armadas, ela veio para preencher esse mercado deixado em aberto pelo governo dos Estados Unidos. Esses primeiros contratos de treinamento em bases nos EUA criaram um ambiente propício para que o governo dos EUA externalizasse cada vez mais as suas funções militares e de segurança.

Durante a invasão do Iraque em 2003, a Constellis cresceu exponencialmente, com a necessidade cada vez maior de mobilização, ofereceu serviços de escolta de comboios e proteção de bases. Devido à natureza do confronto de baixa intensidade no Iraque, a EMP engajou em ataques diretos, não se limitando aos serviços contratuais de segurança, em operações similares ao EO, mas, neste caso, em coordenação com as forças armadas dos EUA.

Realizou a segurança pessoal do procônsul Paul Bremer, fechou contratos com o Departamento de Estado dos EUA que chegavam até 1,2 bilhões de dólares e forneceu guardas para a Agência Central de Inteligência (CIA) sem licitação (McFate, 2015; Scahill, 2008). No entanto, houve problemas com membros da EMP, como a emboscada em Fallujah em março de 2004, e uma perceptível quebra da cadeia de comando, quando em abril de 2004, na cidade de Najaf, os membros da Constellis começaram a dar ordens para soldados do Exército e dos Fuzileiros Navais dos EUA (Scahill, 2008).

Os atritos entre a Constellis, as Forças Armadas dos EUA e a população iraquiana chegou no seu ápice em setembro de 2007, quando guardas da Constellis abriram fogo na praça Nisour em Bagdá, matando 17 civis iraquianos (Scahill, 2008). O caso criou um incidente diplomático relativizando a autoridade do Iraque em seu próprio território. O que mais agravou a situação foi a Ordem 17 da Autoridade Provisória da Coalizão, que promovia a imunidade contra processos iraquianos, fazendo com que os envolvidos apenas fossem demitidos da Constellis (Jung, 2016).

Os constantes atritos levaram à adoção de um novo Acordo de Status das Forças em janeiro de 2009. Permitindo que os estadunidenses serem julgados pelas cortes iraquianas, dando fim à imunidade (McFate, 2015). Em suma, a experiência da Constellis no Iraque foi dupla, em um momento demonstraram-se como parte do teatro de guerra e, posteriormente, como independentes e sem cadeia de comando própria, tornando os atritos cada vez mais frequentes.

Esses dois modelos de EMP são paradigmáticos para o nosso estudo, visto serem atuações consagradas em análises acadêmicas e casos díspares de uso de forças privadas pelo Estado contemporâneo. No caso da EO, um verdadeiro mercado da força, seus serviços eram disponibilizados sem qualquer forma de auxílio, complementaridade e responsabilidade com o

governo que os contratava. Já a Constellis, foi um caso de uso massivo em uma intervenção aberta, atuavam de forma combinada com as forças oficiais dos EUA.

Ao final de toda a exposição histórica do uso de forças privadas, qual a sua utilidade para compreendermos as empresas militares privadas no contexto da política externa russa? Primeiro destacarmos que mercenarismo parece uma categoria útil em primeiro momento, mas se torna equivocada e imprecisa, é um conceito muito antigo e cujo significado varia ao longo do tempo. Ao examinarmos sob a perspectiva do direito, o mercenarismo é uma violação do Direito Internacional Humanitário, na visão da ciência política é um fenômeno característico tanto das cidades italianas da renascença quanto das guerras de descolonização da África dos anos 1960 e, na perspectiva da ciência militar, é um subterfúgio que é pouco utilizado pelas grandes potências nos contextos atuais.

O quadro a seguir sintetiza a diferenciação entre empresa militar privadas e mercenarismo:

Quadro 1 – Diferenças entre o conceito de mercenário e EMP

Característica	Mercenário	EMP
Estrutura	Indivíduo ou pequeno grupo informal	Entidade corporativa com hierarquia e departamentos
Escala	Operações localizadas e de pequena escala	Operações transnacionais de grande escala
Base Legal	Opera em uma zona cinzenta legal ou ilegal	Contratos formais com clientes, com status legal definido
Motivação	Principalmente o ganho financeiro individual	Lucro corporativo alinhado com a ideologia de seus principais clientes
Portfólio	Foco em combate direto	Ampla gama de serviços

Fonte: Elaborado pelo autor com base em McFate, 2015; Singer, 2008; Protocolo I Adicional da Convenção de Genebra, 1977.

3 A TEORIA DAS EMPS E A POLÍTICA INTERNACIONAL DE MEARSHEIMER, BUZAN E WAEVER

Em seu livro basilar, P.W. Singer define o campo de estudos do fenômeno das EMPs como variado, apoiando-se na “teoria das Relações Internacionais, Estudos de Segurança, Economia Política, Política Comparada, Análise Industrial e Comportamento Organizacional” (Singer, 2008, p. ix).

Este arcabouço multidisciplinar é natural, no entanto, Singer (2008) desenvolve a análise das EMPs para além do estudo de caso, mas para o entendimento da indústria como um todo, ou seja, a rede de EMPs que atuam em um dado país ou conflito. Ele busca entender a indústria militar privada para encontrar generalizações que possam ser feitas. Dessa forma, utiliza o referencial histórico como dados para sua análise.

Neste sentido, o autor define empresas militares privadas como:

(...) organizações empresariais que comercializam serviços profissionais intimamente ligados à guerra. São entidades corporativas especializadas no fornecimento de competências militares, incluindo operações de combate, planejamento estratégico, inteligência, avaliação de riscos, apoio operacional, treinamento e competências técnicas.² (Singer, 2008, p. 8)

Seguindo para possíveis abordagens, problematiza a teoria da empresa passiva e empresa ativa, visto ambos os conceitos se relacionarem, segundo o autor “a empresa ativa de um pode ser a empresa passiva do outro” (Singer, 2008, p. 89). Logo, definir uma EMP pelo papel de direto e indireto no conflito é problemático, visto evidências apontarem para EMPs que atuam tanto em uma perspectiva quanto na outra (Singer, 2008). Uma segunda abordagem é a teoria ofensiva-defensiva, os serviços ofertados pelas EMPs seriam medidos a partir de um binômio no qual ou se amplifica ou detém a agressão (Singer, 2008). O problema nesta teoria é o mesmo da anterior, uma questão de perspectiva, a funcionalidade depende de quem a utiliza, sejam as forças armadas ou uma doutrina militar.

Pela necessidade de uma teoria para as EMPs, Singer (2008) elabora uma tipologia que une duas dimensões, a econômica e militar. A partir da visão estrutural da empresa e da organização militar, a metáfora da “ponta de lança” pode dissecar como as EMPs se organizam em meio ao conflito. Na organização militar estadunidense existem três tipos de unidade elencadas ao espaço que ocorre um conflito: as que estão no teatro de guerra, no teatro de operações e na área de operações. Assim como na organização de empresas terceirizadas, que

² “(...)business organizations that trade in professional services intricately linked to warfare. They are corporate bodies that specialize in the provision of military skills, including combat operations, strategic planning, intelligence, risk assessment, operational support, training, and technical skills.”

são divididas em três: provedores de serviço, empresas de consulta e de serviços não essenciais (Singer, 2008).

Singer separa as EMPs em três tipos: firmas provedoras de meios militares (*Military Provider Firm*), firmas de consulta militar (*Military Consultant Firm*) e firmas de suporte militar (*Military Support Firm*) – ou seja, no primeiro caso, auxiliando as forças aliadas ou agindo de forma autônoma junto de seu contratante³, no segundo caso, prestando serviço de consultoria e reestruturando forças armadas⁴, e no terceiro caso, as firmas de suporte militar atuam em todas as áreas não-letais, como logística, inteligência e até alimentação⁵. A metáfora da ponta de lança pode ser visualizada na figura 1, na qual existe uma gradação dos serviços da EMP em relação ao quanto está próxima da linha de frente (Singer, 2008).

Figura 1 – Metáfora da ponta de lança



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Singer, 2008

Por sua vez, Sean McFate (2015) define EMPs como empreendedoras de conflitos expedicionários e que são estruturadas como corporações multinacionais que usam força letal ou treinam outros para fazê-lo. Argumentando junto de Singer, McFate cita a literatura acadêmica como ampla, abordando “as Relações Internacionais, Direito, Ciência Política e Economia, majoritariamente se repousando em poucos aspectos do problema” (McFate; 2015, p. 10).

³ A Executive Outcomes é um exemplo de *military provider firm*.

⁴ A Constellis é um exemplo de *military consultant firm*.

⁵ A Military Professional Resources Inc. é um exemplo de *military support firm*.

McFate discorda de Deborah Avant (2005), pois esta analisa as EMPs em uma tipologia de segurança interna e externa, vista como excessivamente estadocêntrica e que ignora a dinâmica transnacional (McFate, 2015). Com isso, assim como Singer (2008), propõe uma tipologia tríplice, no entanto baseada nas categorias funcionais do Exército dos EUA.

A tipologia de McFate (2015) se divide em: *Combat Arms*, sendo o equivalente de *Military Providers* de Singer, ou seja, as empresas voltadas para o combate direto; as *Combat Support*, equivalentes às *Military Consultant* de Singer (2008), mas podem estar envolvidas em combate no caso de autodefesa, seria o caso de serviços de inteligência, segurança e policiamento; por último, as *Combat Service Support*, que estão mais associadas à áreas de construção, transporte, alimentação e todo tipo de serviço que antecede o combate.

Ainda, distingue dois tipos de empresas que atuam no mercado de força privada, as EMPs mercenárias e as EMPs empreendedoras (McFate, 2015). A diferença entre ambas se baseia no modelo da EO e Constellis, ou seja, a primeira firma é um exército completo capaz de se autossustentar em combate e possui todos os ativos militares, enquanto no segundo caso, se assemelham às parcerias público-privadas, visto serem uma extensão das forças armadas contratantes.

A tese central de McFate (2015) repousa no conceito de neomedievalismo, a sobreposição de soberanias tal qual ocorria na Idade Média. Na época, a soberania era fragmentada entre reis, imperadores, igrejas, bispos e vários outros entes, que em vários momentos tomavam atitudes unilaterais e usavam mercenários para isso. No entanto, com a paz de Westfália de 1648 e a criação dos exércitos e polícias nacionais, os Estados se tornaram o principal monopólio da força em um território que antes era de múltiplas autoridades (McFate, 2015).

O autor argumenta que a ordem westfaliana está em erosão devido aos atores que se encontram na arena internacional, os senhores da guerra e estados falidos junto de atores não estatais que desafiam a autoridade desses Estados. O conceito de neomedievalismo é emprestado de Hedley Bull para descrição da nova ordem mundial, não um retorno à Idade Média, mas sim uma estruturação de poder semelhante (McFate, 2015).

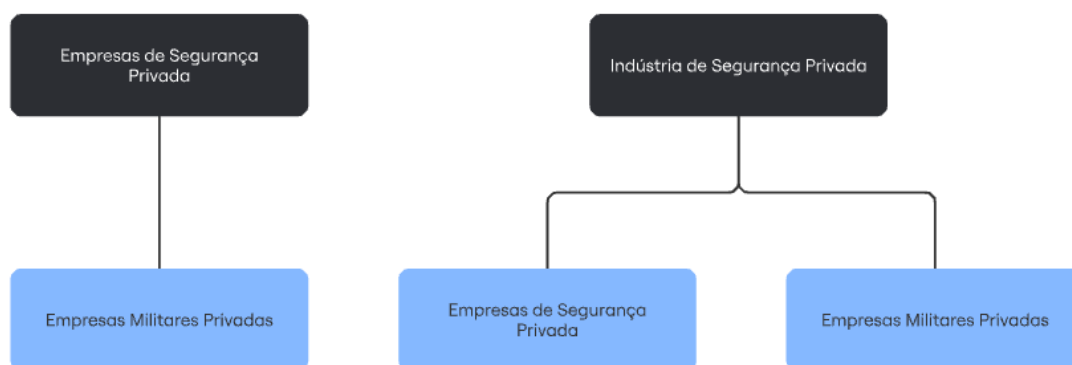
McFate (2015) examina o fenômeno das EMPs em um quadro mais amplo de guerra neomedieval, diferentemente daquelas que vemos nas Guerras Mundiais, neste período atual, as guerras se encontram em um estado de baixa intensidade em que problemas não são resolvidos, mas gerenciados. Nesta nova fase de guerras os Estados são substituídos por milícias, senhores da guerra, EMPs e terroristas, e o objetivo deixou de ser o controle de

território, mas o cumprimento de objetivos ideológicos e lucrativos. Houve a separação entre vitória militar e vitória política, fenômeno que já ocorria desde a Guerra do Vietnã com os EUA.

As EMPs são atores perfeitamente adaptados a este novo ambiente, elas prosperam na ambiguidade dos conflitos neomedievais. Fundamentalmente rejeitam o *ethos* guerreiro westfaliano de dever e pátria, em vez disso, como afirma McFate (2015, p. 99) "as EMPs abraçam as normas do mercado, com seu apego à lei da oferta e da demanda". Para elas, a guerra é um negócio e o sucesso é medido por métricas de eficiência e lucro.

Pesquisadores como Zheng e Xia (2021), ao abordarem o uso de EMPs chinesas no Quênia, trazem uma definição diferente em que existem dois eixos principais no estudo das forças privadas: a Indústria de Segurança Privada e as empresas militares e de segurança privada. O importante desta conceitualização é que os autores separam a atuação militar da de segurança, ou seja, definem que diferentes empresas exploram mercados separados dentro do mundo das forças privadas – ora estariam explorando o mercado de segurança com atividades de escolta e vigilância, e outrora estariam atuando em combates e realizando treinamento militar. O esquema a seguir expõe as duas principais abordagens do mercado de força privado:

Figura 2 – Abordagens das EMPs



Fonte: Elaborado pelo autor com base em McFate, 2015; Zheng; Xia, 2021.

Uma controvérsia é a questão do lucro. Os mercenários lutam pelo dinheiro, da mesma forma que uma empresa opera para maximizar seus lucros, mas, em determinados casos, estas ultrapassam a margem da lei e entram numa zona cinzenta do Direito Internacional, outras EMPs não o fazem, então depende do caso. A sul-africana EO é classificada por McFate (2015) como uma empresa mercenária, enquanto existem EMPs que desafiam essa categorização como o próprio GW. Por outro lado, EMPs como Constellis (Estados Unidos), MPRI (Estados Unidos) e Armorgroup (Reino Unido) possuem relações próximas e de relativa transparência com os governos que fornecem seus serviços (Avant, 2005).

As EMPs, ainda, podem ser definidas sob a égide do Direito Internacional, este as consagrou por meio do Documento de Montreux (2008), acordo de Direito Internacional Humanitário que busca regular as atividades das EMPs e preencher o vazio jurídico existente. Para melhor compreensão das características das EMPs, o Quadro 2 resume o ponto de vista do Direito e dos autores anteriormente citados.

Quadro 2 - Definição de EMPs

EMPs	Singer	McFate	Documento de Montreux
O que são EMPs?	Corporações especializadas em prover capacidade militar	Empreendedores de conflitos expedicionários	Entidades empresariais privadas que prestam serviços militares e/ou de segurança
Quais serviços prestam?	Operações de combate, planejamento estratégico, suporte, treinamento e técnica militar	Usam força letal ou treinam outros para fazê-lo	Vigilância armada, proteção de pessoas e objetos, detenção de prisioneiros e o aconselhamento ou treino das forças militares ou de segurança
Quem as contrata?	Os Estados e seus órgãos	Mercado livre de força (qualquer parte) e mercado mediado (Estados)	Os Estados contratantes
Quais são os padrões de operação?	Estão inseridas em mercados globais, operam de forma aberta com <i>websites</i> , recrutam pessoal ex-militar e trabalham com subcontratos	Buscam o maior lance ou fazem parcerias público-privadas, podem prolongar o conflito, cancelam contratos em caso de risco, buscam sediar-se em locais com baixa fiscalização	As EMPs devem ser selecionadas sem o único critério de preço mais baixo, seus membros não tenham participado de nenhum crime grave, equipamento lícito e atender licenças e autorizações

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Singer, 2008; McFate, 2015; Documento de Montreux ,2008.

Singer e McFate são úteis para esse estudo visto: (i) unificam o campo de pesquisa do fenômeno, (ii) fornecem ferramentas de análise das EMPs e (iii) McFate desenvolve uma concepção de política internacional baseada no neomedievalismo. Esses autores multidisciplinares são importantes pois, com os estudos de caso de diferentes EMPs, eles

oferecem o arcabouço teórico e o passo a passo de como analisar o fenômeno no nível da empresa e do conflito.

A existência de EMPs, por si, já desafia a visão de um mundo centrado em estados como atores isolados. A indústria militar privada desenvolve uma capacidade que vai além dos territórios do Estado, e segue uma lógica de mercado mundial. Acaba se tornando uma ferramenta útil para superpotências e estados frágeis⁶, pois capta a expertise e a tecnologia que este não possui daqueles que possuem e buscam lucrar. Neste sentido, as EMPs se tornam uma realidade política e que deve ser analisada como tal. Então, para que nossa análise não se torne uma tipologia descritiva, os interesses e a política internacional devem ser levados em conta por meio de outras teorias como o neorrealismo e a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (TCRS).

3.1 O neorrealismo e a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança

O neorrealismo fornece uma importante ferramenta para a análise de altas políticas, e suas elaborações podem ser consideradas no nível da política externa da Rússia. As principais contribuições de Mearsheimer para os fins deste estudo se encontram em seu livro *The Tragedy of Great Power Politics* (Mearsheimer, 2001) e em suas análises sobre o conflito entre Rússia e Ucrânia (Mearsheimer, 2022). Associando a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) com as justificativas russas baseadas em autopreservação e esferas de influência que resultaram na intervenção aberta de 2022 (Mearsheimer, 2022).

A busca da teoria de Mearsheimer é entender como as grandes potências se comportam. O seu pressuposto é que a própria estrutura do sistema internacional que força os Estados a competir pelo poder, mesmo que seu objetivo final seja a autopreservação. Esse pressuposto parte de cinco fundamentos.

A anarquia do sistema internacional pela ausência de autoridade central limita os Estados à sua própria soberania. A existência de uma capacidade militar ofensiva oferece os meios para as potências se digladiarem. A incerteza sobre as intenções, a constante “névoa da guerra” faz os Estados nunca abaixarem as armas frente a um vizinho (Mearsheimer, 2001).

Mearsheimer (2001), ao citar Joseph Stalin, diz que o objetivo prioritário do Estado é sobreviver, mantendo a integridade territorial e a autonomia de sua ordem política interna. Bem como as grandes potências são atores racionais que são capazes de elaborar estratégias sólidas

⁶ Aqui se entendem aqueles que seguem a tipologia do *Fragile State Index* (s.d).

que maximizem suas perspectivas de sobrevivência, mesmo tomando decisões com base em informações incompletas.

A partir dos cinco fundamentos, Mearsheimer (2001) oferece uma série de resultados disso como o medo que faz com que todo Estado seja uma ameaça potencial, a autoajuda que faz com que os Estados tenham apenas a si mesmos para sua própria segurança, contar com outras entidades que também possuem seus próprios interesses é arriscado. E, por último, a maximização do poder acaba sendo o objetivo final de toda grande potência, afinal a única forma de garantir relativa segurança é se tornar o Estado mais poderoso do sistema. Então, o objetivo de uma grande potência é a hegemonia.

Ainda que a busca pela hegemonia global seja um objetivo árduo, a hegemonia regional é o resultado mais desejável para as grandes potências. Um exemplo são os EUA ao garantir a sua hegemonia no Hemisfério Ocidental, eliminando qualquer ameaça séria em sua vizinhança (Mearsheimer, 2001).

Para metodologicamente determinar o que é o poder que os Estados buscam, divide-se em dois tipos: o poder potencial ou latente, determinado por ativos como economia e população; e o poder militar ou real, ou seja, aquele que advém das forças militares. E, no mundo moderno, o poder terrestre é o dominante, visto a vitória política estar atrelada à conquista de territórios e seu controle por um grande exército (Mearsheimer, 2001).

Com base nessas características, as grandes potências elaboram um conjunto de estratégias racionais para o ganho de poder e retaliação de rivais em ascensão. As principais estratégias são a guerra que possui diversas funcionalidades como econômicas, aumento de contingente, aumento da segurança por Estados-tampão ou apenas para conter um inimigo perigoso. A segunda estratégia é a chantagem que, sem grandes custos, utiliza do poderio militar para ameaçar o uso da força a fim de dissuadir o inimigo, a denominada deterrence (Mearsheimer, 2001).

Uma terceira estratégia é o equilíbrio, a busca por contrabalancear a ascensão do inimigo por meio de aprimoramento interno ou pela formação de alianças entre Estados para uma frente unida contra o agressor. A última estratégia é a mais relevante para este estudo, a transferência de responsabilidade. Nela a grande potência tenta fazer com que o outro Estado assuma o fardo de conter o agressor, mantendo-se na margem do conflito, nesta estratégia o Estado prefere transferir a responsabilidade do que equilibrar o cenário. Busca evitar o desgaste ao longo prazo que a guerra entre duas potências pode causar (Mearsheimer, 2001).

No ano de publicação do livro de Mearsheimer a Rússia estava enfraquecida pelo processo de fim da União Soviética e as diversas guerras civis e crises econômicas que passava.

Por isso, Mearsheimer (2001) faz a previsão do séc. XXI como um embate entre EUA e China, no entanto, não deixa de classificar a Rússia como uma grande potência, e ainda ameaçada pela expansão da OTAN. Em 2014, Mearsheimer apontava para uma possível guerra entre Ucrânia e Rússia, e que o Ocidente havia “jogado gasolina na fogueira” (Mearsheimer, 2014, p. 4) ao realizar três ações políticas: a crescimento da OTAN, a expansão da União Europeia e a promoção da democracia.

Em suma, o neorrealismo ofensivo nos oferece uma gama de ferramentas para pensar a política internacional na perspectiva russa, do seu status de grande potência e a ameaça do equilíbrio da OTAN frente ao seu espaço de segurança. Além de Mearsheimer, a teoria realista é a majoritária na academia e política externa russa. Tendo isso em vista, Tsygankov (2021) explora a política externa russa desde o fim da União Soviética, suas contribuições são levadas em conta em nosso estudo. Com o esclarecimento do neorrealismo e a definição da Rússia no sistema internacional de acordo com Mearsheimer, podemos entender quais objetivos políticos as EMPs cumprem.

No nível estratégico, a Rússia pode ser avaliada sob a lente de Buzan e Waever e da TCRS. Esta abordagem é complementar àquela do Mearsheimer, visto ambas tratarem de relações de força entre as unidades do sistema internacional, e a TCRS “usar uma mistura de abordagens construtivistas e materialistas. No lado materialista utiliza ideias ligadas à territorialidade e distribuição de poder que são próximas do neorrealismo (...)” (Buzan; Waever, 2003, p. 4).

No entanto, a abordagem da TCRS foca no nível regional e não global, ou seja, as disputas por poder são locais, a segurança nacional de um Estado é compartilhada com aqueles que são seus vizinhos, e quando uma potência como Estados Unidos ou Rússia participam, elas o fazem de forma regional como *penetrators* (Buzan; Waever, 2003).

As interações nos complexos regionais de segurança (CRS) se dão em padrões de amizade e inimizade, daí a veia construtivista da TCRS. As dinâmicas securitárias se desenvolvem em torno de comunidades de segurança com alguns fatores geográficos, culturais e econômicos (Buzan; Waever, 2003). No entanto, a TCRS não é abstrata, seu uso é instrumental e se volta para a análise da estrutura de segurança internacional.

A TCRS organiza o mundo em três níveis de análise: global, regional e doméstico. Dando maior relevância ao nível regional, e destacado com uma única superpotência (EUA) de projeção global em face de quatro grandes potências (Rússia, China, Japão e União Europeia) de projeção global limitada (Buzan; Waever, 2003).

A partir do construtivismo de Alexander Wendt e do neorrealismo, Buzan e Waever (2003) desenvolvem três tipos de estruturas que um CRS pode assumir: a hobbesiana, lockeana e kantiana. Na primeira existe o constante sentimento de medo mearsheimeriano e o conflito sempre está presente, na segunda, os Estados mantêm as relações de rivalidade bem como sua soberania, mas desenvolvem normas e organizações para mediação e, no terceiro, existem comunidades de segurança, com confiança mútua e identidades compartilhadas.

Em suma, a visão de mundo da TCRS nos auxilia na análise da presença russa em diversas regiões do globo, não nos limitando à perspectiva mearsheimeriana de potências globais que fazem a política, mas sim os países que estão em um CRS.

Por isso, é importante destacarmos as relações entre potências baseadas no realismo e o nível de análise regional. A Rússia é uma grande potência que está presente em diversos CRS africanos, europeus e do Oriente Médio. Como Singer (2008) aponta, o nível regional é importante, pois as EMPs são poder fungível, ou seja, o poder militar está completamente ligado ao quanto se pode gastar nele. Neste raciocínio, potências regionais conseguem, pelos seus recursos econômicos, ter poder militar sem possuir a tecnologia e expertise em suas forças armadas.

As teorias de Singer, McFate, Mearsheimer e Buzan e Waever se complementam em nossa análise. A abordagem das EMPs russas perpassa a noção de EMPs, política internacional, nas perspectivas de grandes potências e regionais. O quadro 3 demonstra como analisamos o fenômeno pelos autores citados.

Quadro 3 – As três teorias, seus conceitos e análises

Autores	Singer e McFate	Buzan e Waever	Mearsheimer
Conceitos	Empresa militar privada, neomedievalismo, negação plausível, tipologia das EMPs,	Penetradores, grandes potências, potências regionais, complexos regionais de segurança	Poder militar, poder latente, interesse

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Singer, 2008; McFate, 2015; Buzan; Waever, 2003; Mearsheimer, 2001.

Pelo quadro 3 acima, nota-se uma gradação em nossa análise. Primeiramente a definição micro dessas EMPs e a atuação delas, seguida pela análise em um contexto limitado ao regional e, por último, na forma macro da política internacional na visão do poder das grandes potências, a Rússia, EUA e França.

4 AS EMPS RUSSAS

Para falarmos do uso de forças privadas pela Rússia em sua política externa, é preciso conhecer a fundo as operações e a história da maior das EMPS russas, e a que é um enclave conceitual – o GW⁷. O GW operou em mais de 30 países, dentre eles Angola, Bielorrússia, Botswana, Burkina Faso, Camarões, Chade, Comores, Congo (República do Congo), Guiné, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Iêmen, Líbia, Madagascar, Mali, Moçambique, Níger, Nigéria, Quênia, República Centro-Africana, República Democrática do Congo, Síria, Sudão, Sudão do Sul (Presença relatada ou intenção de deslocamento), Ucrânia (incluindo Crimeia e Donbas/Ucrânia Oriental), Venezuela e Zimbábue (Reynolds, 2019; Heinemann-Grüder, 2023; ACLED, 2022; Neethling, 2023; Strong, 2022; Amoah, 2023; Oliinky; Mehra; Demuynck, 2025; Benaso, 2021; Bosch; Kimble, 2025).

O GW como modelo para o estudo das EMPS russas é essencial visto que o Grupo de Pesquisa do Conselho Europeu (2023) considerou o GW um novo tipo de EMP, a partir de um modelo tríplice que o integra juntamente da Constellis e Executive Outcomes.

O colapso da União Soviética e o caos dos anos 1990 criaram um terreno fértil para o florescimento de atores de segurança privados. "Destacamentos de voluntários" e empresas de segurança surgiram, muitas vezes formados por ex-membros das agências do Serviço Federal de Segurança (FSB) e da GRU, e financiados por oligarcas (Marten, 2019).

Este período estabeleceu o paradoxo legal que definiria o GW. O Artigo 359 do Código Penal Russo (1996) proíbe explicitamente o "mercenarismo", com penas de até oito anos de prisão. No entanto, em 2012, Vladimir Putin, então primeiro-ministro, endossou publicamente as EMPS como "uma forma de implementar os interesses nacionais sem o envolvimento direto do Estado" (Bukkvoll; Østensen, 2020).

Essa contradição é uma decisão deliberada. Enquanto o Ocidente, por meio do Documento de Montreux (2008), usa a legalização para regular e integrar as EMPS, o modelo russo de ilegalidade controlada é uma característica fundamental do seu sistema. A lei em si é instrumentalizada: a ameaça constante de processo judicial torna-se um limitador que garante a lealdade desses grupos, ao mesmo tempo em que sua ilegalidade formal maximiza a negação plausível para o Kremlin.

Com base nisso, este capítulo explora o GW sob a teoria de Singer (2008) e McFate (2015), as características estruturais, operacionais e a relação entre o GW e o governo russo são

⁷ O grupo deixou de existir em 2023, sendo substituído pelo Africa Corps, com basicamente as mesmas prerrogativas, no entanto, com comando direto da Inteligência Militar Russa (GRU).

analisados sob esta lente conceitual. O GW funciona como um quadro geral que define o uso de EMPs pela Rússia e se tornou o modelo para a criação de outras EMPs, visto seu pioneirismo e massificação, por isso sua predominância neste trabalho.

4.1 A criação do Grupo Wagner

As origens do GW remontam meados dos anos 2000, com a criação da EMP Anti-terror *Orel*⁸, fundada por membros das forças especiais da Rússia (*spetsnaz*) em 2005 e que teve seu fim em 2016. Suas atividades incluíram a segurança de negócios russos no Iraque, tal qual pequenas EMPs que McFate (2015) define como *Fly-by-night*, ou seja, voltadas para um fim específico e com vida curta. No entanto, pouco se sabe sobre esta EMP, sua maior contribuição foi a origem dos membros que fariam parte do Grupo Wagner, juntamente a outra EMP, a Moran Security Group. Esta era uma EMP que atuava na segurança marítima contra a pirataria e de instalações, tendo operações na Nigéria, Somália e Iraque. No entanto, em dado momento, começou a recrutar mais homens para uma nova empresa, Slavonic Corps de propriedade de Vadim Gusev, registrada em Hong Kong para fugir tanto das sanções que a Rússia poderia complementar quanto da proibição de operações de empresas russas no Iraque pelos EUA (Marten, 2019).

A Slavonic Corps foi criada em 2013 com urgência para empregar forças na defesa da base aérea de Hmeimim, na Latakia, província da Síria (Pili, 2025). A ideia era fornecer um grupo de elite russo para auxiliar na segurança de estações de petróleo e gás do regime de Bashar al-Assad, parte do poder de penetração russo no Complexo do Oriente Médio (Buzan; Waeber, 2003). No entanto, a missão teve sua derrocada nos campos de petróleo de Deir-Ez-Zor quando foram atacados pelo Estado Islâmico da Síria e Iraque (ISIS) em outubro de 2013 na Batalha de Homs, fazendo com que o grupo debandasse devido ao seu equipamento da era soviética não ser suficiente para enfrentar os jihadistas (Rondeaux, 2020).

Graças à experiência na Síria o GW conseguiu se desdobrar em tantos países, lá seus operadores ganharam experiência em treinar outras forças armadas e lidar com extremistas e rebeldes. O país enfrentava uma guerra civil desde 2011, no mesmo contexto da primavera árabe que ocorria na Líbia, vindo das pressões de Bashar Al-Assad que criaram o Exército Livre

⁸ Como trabalharemos com EMPs de nomenclatura russa, o termo EMPs ou *PMCs* tem sua tradução em ЧБК (ChVK), ou seja, Частная Военная Компания (Chastnaya Voennaya Kompaniya), o que significa literalmente empresa militar privada. É importante pontuar isso pois, do cirílico para o inglês, o Grupo Wagner é chamado de ChVK "Vágner" e a tradição de chamar essas companhias com a mesma nomenclatura do inglês ocorre em várias EMPs russas como ChVK "MAR", ChVK "Gázprom" e ChVK "Akhmat".

Sírio (ELS). O caos político que iniciou no país abriu portas para o extremismo, no caso, com a criação do Al-Nusra (ramo sírio da Al-Qaeda) e, posteriormente, com o ISIS (Hybrid CoE, 2022).

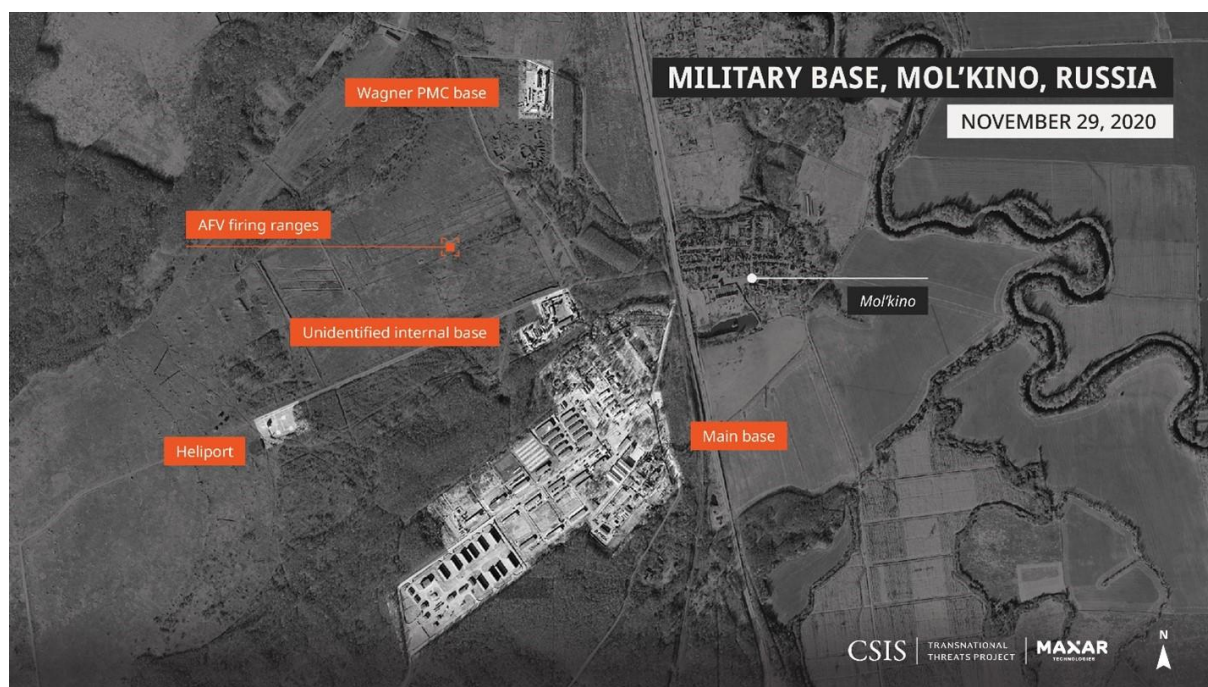
A relação entre Rússia e Síria já era de longa data, no entanto, a preservação do regime Baath está aliada à vontade da Rússia em se tornar uma superpotência e o embate entre Ocidente e Rússia no Complexo do Oriente Médio (Buzan; Waever, 2003). Os interesses militares se resumem à base naval de Tartus, única da Rússia no Oriente Médio e a base aérea de Hmeimim, parte da projeção no Oriente Médio (Pili, 2025).

Além dos ganhos militares, os ganhos econômicos pelo gás e petróleo também somam no apoio russo. Empresas de Prigozhin possuíam contratos de exploração em que o Estado sírio recebe parte dos lucros, uma empresa com participação significativa é a EvroPolis, em um contrato de serviços, a exploração do campo fornece 25% da produção sendo transferida diretamente para a empresa (EvroPolis, 2016).

Além dos produtos de origem fóssil, a venda de armas é parte histórica dos lucros da Rússia na Síria (Hybrid CoE, 2022). O colapso da Síria iria ter efeitos fortes na indústria armamentista russa (Benaso, 2021). E, além das rendas em meio ao conflito, as empreiteiras faziam parte da reconstrução no pós-conflito (Hybrid CoE, 2022).

Este episódio ficou conhecido como um “laboratório” do que se tornariam as EMPs russas que atuam de forma ilegal. O Kremlin retirou toda a expertise dos combatentes da Slavonic Corps, um deles sendo Dmitri Utkin, que seria o líder operacional do Grupo Wagner (Marten, 2019). O fornecedor de *catering* e membro de crime organizado, Yevgeny Prigozhin, também fora escalado para ser o intermediário entre o governo da Rússia e o novo empreendimento. Durante a análise das EMPs, vemos que uma grande parte delas mantém relações com o Kremlin, herança da cultura estratégica russa de muitas vezes confundir privado e público.

Figura 3 – Visão de satélite da base militar em Mol'kino



Fonte: CSIS, 2021.

Por volta de 2014, o GW foi estabelecido pelo financiador, Prigozhin, e o líder militar, Utkin, que batizou o grupo com o seu codinome (Harper, 2023). A base de treinamento do grupo foi estabelecida em Mol'kino na Criméia, na 10ª Brigada de *Spetsnaz* da Rússia. A imagem de satélite feita pelo Center for Strategic and International Studies (CSIS) acima nos mostra que a base do GW é separada da base das Forças Armadas da Rússia.

O GW era muito mais do que uma simples empresa militar. Funcionava como o nexo de uma complexa rede de interesses políticos, militares e econômicos que serviam simultaneamente aos objetivos do Kremlin e à agenda de negócios de Yevgeny Prigozhin. Esta estrutura tornou-se um modelo inovador de projeção de poder de baixo custo (Giles; Akimenko, 2019).

Suas primeiras funções foram a de serviços de segurança, treinamento e na condução de operações contra insurgentes de Estados aliados da Rússia. Em troca, empresas de mineração ou petrolíferas como M-Invest, Evro Polis e Lobaye Invest recebiam licenças para explorar as minas nas regiões que liberavam (Jones *et al.*, 2021).

Os teatros operacionais da Síria e Ucrânia foram o batismo de fogo do grupo. Na anexação da Criméia, o Grupo Wagner atuou ao lado dos *little green men* – soldados russos sem insígnia (Reynolds, 2019). Durante a Guerra do Donbass, os combatentes do GW forneceram treinamento avançado e liderança para as milícias separatistas e participaram de

batalhas estratégicas, como a de Deblatseve em 2015 (Fuentes, 2023). A Ucrânia permitiu que a Rússia testasse o uso de uma força por procuração negável para atingir objetivos estratégicos.

Na Síria, no desembarque de 2015, após a derrocada do Slavonic Corps, o GW teve suas primeiras operações fora do Complexo da Comunidade dos Estados Independentes (Buzan; Waever, 2003). No princípio, o GW tinha duas missões: auxiliar o exército sírio e garantir a segurança de estações de petróleo e gás (Benaso, 2021). O GW entrou na conta das rendas dos campos pois, com a tomada de territórios do ISIS, o grupo recebia uma quantia, incentivando o combate ao terrorismo (ACLED, 2025). Na Síria, a Rússia viu que pode baratear a intervenção militar por meio dessas EMPs, ganhando politicamente e economicamente.

A funcionalidade principal do grupo foi de ser uma tropa destacada, um multiplicador de forças⁹ que atua como tropa de choque e em táticas de incursão, além do treinamento de milícias do regime sírio, como unidades do 5º Corpo de Assalto em bases como a al-Draij. Essas milícias, incluindo os ISIS Hunters (Rondeaux, 2020). Alguns exemplos de embates são o de Palmira¹⁰, ao longo de 2016 e 2017, quando o GW exerceu funções de ponta de lança e operações similares às forças armadas, ou seja, o emprego da força de forma eficiente, utilizando o tempo todo a comunicação com o Kremlin e operando aos lados das forças armadas sírias contra o ISIS, tanto na primeira ofensiva, quanto na segunda, na qual os terroristas tomaram a cidade novamente (Jones *et al.*, 2021). Putin sediou um evento de música clássica nas ruínas da cidade histórica (Marten, 2019).

Além do simbolismo e do êxito operacional, Palmira possui importantes campos de petróleo e gás e empresas russas como Sroytransgaz, que atua na mineração de fosfato (Marten, 2019). Esta empresa emprega a EMP Shchit (*Shield*) para a segurança de suas instalações (Jones *et al.*, 2021).

O confronto de fevereiro de 2018, perto da fábrica de gás da Conoco em Deir Ez-Zor, expôs os perigos para o modelo de uso de EMPs. A fábrica de gás seguia a lógica do contrato com a EvroPolis anteriormente citada, no entanto, ela fazia parte do ELS que estava sob proteção dos EUA (Marten, 2019). A Rússia deu ordens para o ataque da instalação para o GW, enquanto, ao mesmo tempo, mantinha comunicação com os estadunidenses, negando que o grupo ofensivo fosse de sua parte. O GW avançou com 5º corpo sírio e outras milícias, com o total de 500 homens (Jones *et al.*, 2021).

⁹ Multiplicador de forças são definidas como condições que façam com que uma força tenha maior eficácia sem recorrer a números ou poder de fogo tradicional, mas sim por meio de estratégias, táticas e tecnologias (Hurley, 2006).

¹⁰ A região de Homs-Palmira detém cerca de 80% da capacidade de produção de gás da Síria (Rondeaux, 2020).

A resposta estadunidense foi devastadora, com veículos aéreos não tripulados MQ-9 Reaper utilizados para abater os drones e garantir a chegada dos caças F22, com a estimativa de 100 a 300 mortos (Miranda *et al.*, 2023). Mesmo que a Rússia, posteriormente, negasse a presença de cidadãos russos, os contratados feridos do GW foram evacuados em aviões militares russos e levados para hospitais militares na Rússia, com o tratamento custeado pelo país (Marten, 2019).

Neste incidente, Prigozhin ficou ao lado de seus wagneritas, denunciando a decisão do Ministério da Defesa (Fuentes, 2023). No entanto, essa não será a última vez em que a Rússia utilizou o argumento da negação plausível e que Prigozhin denunciaria a falta de suporte da Rússia para com os EMPs.

Mesmo após o incidente de Kasham, o GW continuou operando sob as diretrizes de segurança dos campos de petróleo e gás. Empresas ligadas ao Prigozhin chegaram a faturar 20 milhões de dólares por mês em 2018. O GW manteve presença para proteger instalações estratégicas, por exemplo, a Base Aérea T-4 continuou a servir como ponto de apoio para o GW assegurar projetos de infraestrutura energética, permitindo que Prigozhin e outros membros do círculo de Putin lucrassem (Jones *et al.*, 2021). A Síria se tornou um ponto de projeção de EMPs na África (Badawi, 2024).

4.2 A rede de EMPs russas

Esta seção discute outras EMPs com a intenção de sintetizar as principais que estejam relacionadas aos cenários apresentados ou que atuam em outros conflitos. A Rússia possui empresas no contexto de segurança marítima, em outros países e no conflito russo-ucraniano. Entendendo a atuação dessas companhias e do GW, conseguimos avaliar a política externa russa baseada na amplitude de suas EMPs.

As principais fontes são abertas, ou seja, de jornais, agências de inteligência independentes, agência de governos e sites. No entanto, muitos trabalhos acadêmicos citam EMPs, a identificação dessas nos ajuda no aprofundamento e na averiguação se são de fato companhias militares privadas ou grupos de civis armados.

O principal desafio de levantar essas EMPs é a baixa quantidade de estudos e o papel secundário dado a elas pelo Ocidente em relação ao Grupo Wagner. De forma geral, existe um grande número de EMPs russas, e que existem desde os anos 1990, como a Alpha-B (Alpha-B, s.d). Enquanto a maioria é dos anos 2000, algumas são antigos grupos militantes ou

paramilitares que foram absorvidos em grandes EMPs como o GW ou o Redut. Depois da queda do GW, a Redut se tornou a principal EMP russa.

O quadro a seguir lista as EMPs russas, suas operações e onde são empregadas:

Quadro 4 – Relação entre as EMPs, o serviço prestado e seu local de atuação

EMP	Tipo de serviço	Atuação
Akhmat PMC	Combate direto	Ucrânia (Mariupol, Soledar e Lysychansk)
Andreyevsky Krest PMC	Treinamento	Ucrânia
Anti-terror Orel	Segurança de instalações e desminagem	Iraque, Nigéria, Índia, Serra Leoa e Angola
ATK Group	Sem dados	Ucrânia e Síria
Berkut PMC	Atividades de segurança	Sem dados
Black Sea PMC	Atividades de segurança e fabricação de armas	Sebastopol, Ucrânia
Brigada dos Veteranos das Forças Especiais	Combate direto	Ucrânia
Byzantium (Vizantiya)	Recrutamento	Ucrânia
Caçadores de ISIS (Al-Sayyad)	Combate direto para proteção de campos de petróleo e gás	Donetsk, Ucrânia e Síria
CHOA PMC	Atividades de segurança	Sebastopol, Ucrânia
Companhia Militar Médica Privada	Serviços médicos no <i>front</i>	Ucrânia
Convoy	Combate direto	Ucrânia
DShRG Rusich	Combate direto	Ucrânia, Síria e RCA
E.N.O.T.	Combate direto e escolta de suprimentos humanitários	Criméia e Donbas, Ucrânia, Bielorrússia, Sérvia, Azerbaijão, Síria e Tajiquistão
Ferax	Combate direto, segurança e escolta	Iraque, Afeganistão, Curdistão iraniano e Sri Lanka
Gazprom PMC	Proteção de instalações de petróleo e gás	Ucrânia e Ártico
Global PMC	Atividades de segurança	Sem dados
Movimento Imperial Russo	Recrutamento e combate	Donbas, Ucrânia
Patriot	Proteção de funcionários, combate e recrutamento	Ucrânia, Síria, Iêmen, RCA, Burundi, Sudão e Gabão
PMC MAR	Proteção da população de língua russa na Transnístria e Abecásia e o combate	Ucrânia, Moldávia, Geórgia, Líbia e Síria
Polite People PMC	Investigação	Ucrânia
Redoubt (Redut)	Proteção de instalações e combate	Ucrânia, Síria, Iraque, Geórgia e Somália

RSB-Group	Segurança de navios, consultoria militar e treinamento de forças especiais	Ucrânia, Sri Lanka, Líbia, Golfo de Aden, Estreito de Malaca e Golfo da Guiné
Sewa Security Service Shield (Shchit)	Proteção presidencial	RCA
	Proteção de instalações e recrutamento	Criméia, Ucrânia e Síria
Slavonic Corps (Moran Security Group)	Combate direto	Síria
Strazh PMC	Atividades de segurança	Kaliningrado, Rússia
Tavrida PMC	Combate e atividades de segurança	Ucrânia
Tsarskie Volki	Desenvolvimento e teste de novas armas e consultoria militar	Ucrânia
Wagner Group	Operações de combate, treinamento, consultoria, segurança de instalações e proteção de autoridades	Ucrânia, Síria, RCA, Líbia, Sudão, Sudão do Sul, Chade, Moçambique, Congo, Mali, Bielorrússia, Burundi, Guiné-Bissau, Venezuela, Nigéria, Madagascar, Botsuana, Comores, Ruanda e Lesoto
Yastreb	Segurança de instalações, escolta de cargas, negociações, proteção pessoal, ajuda humanitária (evacuação de refugiados, restauração de gás)	Ucrânia, Síria, Iraque, Líbia e Venezuela

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Molnar Intelligence Institute (2023a)

Algumas das listadas no quadro são de difícil localização de informações, como a ATK Group, Berkut e Global PMC. Esta última sendo uma EMP de 2008 e com pouco material disponível (Molnar Intelligence Institute, 2023a). Outras são amalgamas, como a Moran Security Group e o Slavonic Corps; e o Black Sea PMC com o Tavrida PMC, ambas partes do esforço cossaco. Enquanto outras são pouco relevantes para o trabalho.

Muitas delas são EMPs no estilo operacional do GW, grupos ideologicamente motivados que existem na zona cinza do direito. Começando pela Akhmat, esta é uma nomenclatura que na Rússia têm três significados: (i) a unidade de elite da República da Chechênia, (ii) um destacamento voluntário do Ministério da Defesa russo e (iii) uma empresa militar privada do governante checheno Ramzan Kadyrov (Daly, 2024). Akhmat Kadyrov é o nome do pai de Ramzan, antigo líder da Chechênia.

A origem desse grupo é intimamente ligada ao início da “operação militar especial” na Ucrânia, sua criação por Ramzan foi em 2022 com 3.600 soldados (Molfar Intelligence Institute, 2023a). Está disponível um site de recrutamento das forças especiais e da EMP¹¹. Além de operações militares, a EMP é conhecida como “brigada Tiktok”, visto o uso da rede social para a guerra psicológica, aterrorizar os ucranianos e aumentar o apoio interno (Al Jazeera, 2023). Suas unidades são consideradas de grande brutalidade, cometendo crimes de tortura e assassinato de civis e militares (UNITED24, 2024).

Suas operações principais foram em Zaporizhzhia, na cidade de Enerhodar, com atividades de policiamento da região, onde receberam o status de elite entre os soldados separatistas e tropas russas regulares. Em Kursk, o comandante das forças especiais do Akhmat reportou a derrota de uma unidade especial ucraniana e de uma EMP estadunidense chamada Forward (Grigoriev, 2024). E, ainda, os Akhmat participaram da chamada “limpeza de Mariupol”, nas imediações da cidade, aliados de Kadyrov receberam empresas e posses pela luta na Ucrânia e lealdade ao líder checheno (Churmanova, 2023).

A importância do Akhmat após 2023 foi a de absorver o pessoal do extinto GW. Em 2024, Ramzan anunciou que 3.000 ex-wagneritas se uniriam ao Akhmat, bem como o ex-comandante Kuznetsov (codinome Ratibor) se uniria ao Akhmat comandando uma unidade formada de membros anteriores do GW (Zaikin, 2024).

O Akhmat funciona em um sistema de vassalos militares no contexto da Rússia: assim como um senhor feudal detinha múltiplas companhias de cavaleiros e milícias com diferentes propósitos (alguns para batalha, outros para a ordem interna), Ramzan Kadyrov mantém unidades de elite (Forças Especiais do MD) e unidades de policiamento (EMP Akhmat), todas sob a sua lealdade pessoal, desempenhando tarefas que vão desde o combate direto até a segurança de infraestruturas críticas e a repressão interna em territórios ocupados (Zaikin, 2024).

Outro fenômeno nebuloso de EMP russa é o Andreyevsky Krest (tradução: Cruz de Santo André). Esta EMP tem laços diretos com a Igreja Ortodoxa Russa, sob o monitoramento do GRU e financiada por grupos industriais e doações para a Igreja Ortodoxa Russa. Sua base é na Catedral Naval de Kronstadt, em São Petersburgo (Orthodox in dialogue, 2023). Seu recrutamento é feito em meio aos paroquianos que possuem experiência militar anterior. Embora realmente treine e atue dessa forma, o reitor da Catedral não adereça o grupo como uma EMP (Seltzer, 2024).

¹¹ (<https://xn----9sbdgi8aqcbbt0fob0do2d.xn--p1ai/>).

Uma EMP relacionada ao nascimento do GW é a anti-terror Orel (Águia), formada por membros das *Spetsnaz*, sendo parte da chamada família anti-terror, que engloba a Redut. Sua fundação é debatida entre 1998 e 2005, suas operações eram de treinamento pelas forças especiais e educação patriótica militar e, posteriormente, contratos de segurança no Iraque (Marten, 2019; Shaw, 2020).

Embora sejam membros de *spetsnaz*, não executavam ações de combate direto, restringiam-se apenas na segurança de instalações e trabalhos de desminagem nos locais que eram contratados (Molfar Intelligence Institute, 2023a). Seu pioneirismo como EMP ajudou na composição das fileiras do GW e Redoubt, pois sua rede de diversos *spetsnaz*, membros do GRU e Forças Aerotransportadas da Rússia (VDV) forneceu expertise para empreendimentos futuros (Olson, 2024). Ela não existe mais desde 2016 (Molfar Intelligence Institute, 2023a).

Enquanto o anti-terror Orel opera no estrangeiro, a Brigada dos Veteranos das Forças Especiais é uma agremiação de veteranos desde a Grande Guerra Patriótica (Segunda Guerra Mundial) que auxilia e prepara soldados para o combate na Ucrânia. Em seu site oficial¹² vemos todo tipo de auxílio prestado aos familiares e aos voluntários (Molfar Intelligence Institute, 2023a). Em suma eles atuam como uma rede de recrutamento e promoção da Forças Armadas da Rússia. Eles estão aqui presentes visto terem contrato assinado com o MD e serem um caso de firma de suporte militar (Singer, 2008).

Um caso de autonomia regional para a segurança é a Convoy, anunciada pelo governador da Crimeia, Sergey Valerievich Aksyonov, em 24 de março de 2023. Aksyonov, que é o governador desde 2014 e conhecido nos círculos criminais como "Goblin", é um dos principais patrocinadores da Convoy e está sujeito a sanções internacionais (UE, EUA, Reino Unido, Austrália, Ucrânia, Japão, Canadá e Suíça) (Olson, 2024). A liderança operacional é gerida por Konstantin "Mazai" Pikalov, um coronel descrito como o "braço direito" de Prigozhin que trabalhou brevemente para o GW na África. Pikalov está na lista negra do Banco Central da Ucrânia como suspeito de lavagem de dinheiro e provavelmente lutou no Donbass em 2014 e na Síria (Olson, 2024).

No contexto da queda do GW em 2023, o Convoy foi uma das EMPs que absorveu os membros do GW (Taylor, 2025) em outubro de 2023, relatou-se que os combatentes da Convoy infligiram danos de fogo ao pessoal e equipamento da 126ª Brigada de Defesa das Forças Armadas na região de Berislav e atacaram concentrações inimigas nas áreas da Ilha Aleshkinsky e da pequena ponte ferroviária sobre o rio Dnieper (Boussel, 2024).

¹² (<https://veteransrussian.ru/initsiativy/>)

Além das EMPs que mantêm uma lógica de combate e lucro, existem outras que são originárias de movimentos políticos, a DShRG (*Desantno-Shturmovaya Razvedyvatelnaya Gruppа*) Rusich (Grupo de Assalto, Reconhecimento e Sabotagem “Filhos de Rus”, tradução nossa) é uma EMP neonazista fundada em 2014, possui um vasto rol de violência, estupros até o sacrifício humano, se identificam com diversos símbolos como o sol negro, runas pagãs e o grafo “88” que remetem ao neopaganismo russo e ao nazismo (Molfar Intelligence Institute, 2023b).

Os líderes Milchakov e Petrovskiy foram mercenários do GW, em 2017 Milchakov e Rusich juntaram-se ao GW. Em dezembro de 2022, houve a colaboração entre os canais online de Rusich e GW, bem como comentários sobre a conexão da DShRG Rusich com Yevgeny Prigozhin (Starosiek, 2023). O grupo é financiado parcialmente pela Rússia e treinou menores russos em campos de treinamento pertencentes ao MD em 2017, com financiamento provável do orçamento estatal. Eles também utilizam bases de treinamento do GW na região de São Petersburgo em troca de sua participação em conflitos apoiados pela Rússia (Daly, 2024).

Em 2014, o grupo participou do ataque ao aeroporto de Donetsk (Molfar Intelligence Institute, 2023a). A partir de 2022, combateram nas regiões de Kharkiv e Lugansk e, em janeiro de 2023, a Rusich iniciou o recrutamento de pessoal na Crimeia, provavelmente para a defesa da região (Starosiek, 2023).

No mesmo mote da Rusich, outra EMP ligada ao nacionalismo russo foi a E.N.O.T. (Parceria Comunal do Povo Unido, a sigla significa raposa, tradução nossa), ligada à Guerra do Donbass e à anexação da Crimeia. Seu fundador foi Igor Mangushev, criador do movimento Svetlaya Rus em 2009 e, posteriormente, criou o E.N.O.T. O grupo mantinha relações próximas com a FSB, afinal organizava protestos na região do Donbass e ajudava a financiar as milícias pró-Rússia (Jones *et al.*, 2021; Molfar Intelligence Institute, 2023a).

Além da Ucrânia, é listado que o grupo atuou em outras regiões. Na Síria, ajudou o governo sírio e outras forças a retomar territórios de grupos rebeldes, junto do GW e outros grupos como Vega e o Batalhão Vostok (Ferreira, Kostiuk e Rodrigues, 2023). O grupo foi processado em 2022 pela justiça russa por ser uma organização criminosa paramilitar. E seu líder foi morto em 2023 na Ucrânia (Molfar Intelligence Institute, 2023a).

Tratando de uma EMP mais similar ao modelo da Constellis, a Ferax é considerada uma das poucas com extensa experiência em diversos cenários, no entanto, há pouca informação sobre sua origem ou endereço, sendo um grupo de elite que opera encobertamente (Kurylev *et al.*, 2017; Molfar Intelligence Institute, 2023a). Até pouco tempo a empresa tinha

um site próprio¹³. No entanto, desde 2018 poucas informações se sabem sobre ela, a não ser as oferecidas em um site terceiro que faz contratos de serviço¹⁴.

Com a popularização de EMPs como novo modelo de segurança, a Gazprom PMC é um conjunto de forças paramilitares criado pela gigante estatal russa de energia, a Gazprom, como parte de uma tendência mais ampla de grandes empresas e figuras políticas russas que buscam estabelecer seus próprios exércitos privados, seguindo o modelo do Grupo Wagner (Pravda, 2023). Primeiro teve-se a criação da Gazpromneft, uma empresa de segurança privada que opera nas instalações de petróleo e gás da empresa, liderada tanto pelo Ministério do Interior quanto pela FSB. Além dela, a Gazprom também promove as *Fakel* (tocha), *Potok* (torrente) *Plamya* (chama), essas EMPs são contingentes de funcionários de segurança da Gazprom que foram direcionadas para o conflito na Ucrânia (Fokht e Barabanov, 2023).

O batalhão *Potok* foi enviado para Bakhmut em auxílio ao GW. Enquanto Prigozhin criticava a massificação do uso de EMPs por agências, alegando despreparo (Fokht e Barabanov, 2023). Importante pontuar que, embora essas EMPs operem, tanto a Gazprom quanto o MD russo não reconhecem oficialmente a existência de companhias militares privadas ligadas ao monopólio do gás. O governo russo frequentemente se refere a esses grupos como "destacamentos voluntários" (AReferência, 2024).

No entanto, um enclave sob o debate das EMPs, é o Movimento Imperial Russo (MIR), afinal é um meio termo entre uma EMP e um grupo paramilitar ou terrorista. Ao analisarmos, o Grupo Rosich, também de extrema-direita, ainda pode ser considerado uma EMP visto seus contratos e financiamento pelo Estado russo (Molfar Intelligence Institute, 2023a).

No entanto, o MIR critica abertamente Putin, Kadyrov e Prigozhin (White Jr., 2023). Mesmo que durante o conflito da Ucrânia, o MIR tenha fortes relações com partidos de extrema-direita da Duma, ainda assim eles não são um grupo financiado ou supervisionado diretamente por nenhum órgão do governo. O fato de lutarem na Ucrânia como parte das forças armadas da Rússia é pela ideologia da Nova Rússia e não por dinheiro ou em alinhamento com o governo (Pigni, 2025). Por isso, o grupo é reconhecido como organização terrorista global pelos Estados Unidos (White Jr., 2023).

Enquanto outras EMPs possuem relações próximas com o Governo russo. A Patriot, fundada em 2018, é uma EMP global diretamente subordinada ao MD e criada pelo ex-ministro da Defesa Serguei Shoigu (Molfar Intelligence Institute, 2023a). A Patriot foi vista perto de Bakhmut e Vuhledar e a imprensa noticiou que competia com o GW na região de Donetsk

¹³ (<https://chvk-ferax.ru/>)

¹⁴ (<https://militaryarms.ru/chvk/feraks/>)

(Boussel, 2024) e está entre os grupos russos na África (Giles e Akimenko, 2019). Relatos sugeriram que a presença da Patriot e Sewa Security Services na RCA poderia ser um esforço para rebatizar o Wagner ou servir de fachada para forças regulares do GRU (Winnerstig, 2019). Em 2018, a EMP estava alegadamente envolvida na proteção de altos funcionários. Em Burundi, o grupo teria fornecido serviços de segurança e proteção (Seltzer, 2024).

Após a tentativa de motim do Grupo Wagner em junho de 2023, a Patriot foi citada como um dos exemplos de EMPs de alcance limitado e controlado que o regime russo continua a explorar para mitigar riscos (Tasic, 2025). A natureza da Patriot, que é abertamente ligada ao MD, é mais próxima das EMPs Ocidentais, ela opera de forma mais ofensiva e integrada com as forças regulares e de operações especiais, tal qual a EO e a Constellis (Singer, 2008; Harper, 2023).

Outro exemplo de EMP vinculada ao mercado é a PMC MAR LLC (EMP MAR¹⁵) notável por seu papel inicial no conflito em Donbass e por sua dependência de financiamento privado de empresários de São Petersburgo. O motivo do seu encerramento está diretamente ligado à fonte de financiamento: em 2018, o interesse dos empresários na guerra desapareceu e, conseqüentemente, teve de encerrar suas atividades (Molfar Intelligence Institute, 2023a).

O site da EMP listava parcerias com entidades como o Fundo de Caridade "Assistência à Conservação, Restauração e Proteção de Recursos Biológicos" e o centro público para veteranos de combate "Soyuz-V". Suas operações na Ucrânia renderam bonificações, o grupo havia feito transbordo de material humanitário para a República de Donetsk (Pavel e Evgeny, 2018).

A última menção da MAR em um contexto de combate foi em 2015. Investigadores especularam que a MAR poderia ter sido usada como uma cobertura para o FSB com o objetivo de coletar dados de militares profissionais dispostos a lutar por pagamento. No fim das contas, não há relatos de combates feitos pela EMP, apenas de papéis auxiliares (Pavel e Evgeny, 2018). Ou seja, na classificação de Singer, esta seria uma das poucas empresas de suporte militar russas, uma empresa que não está diretamente relacionada ao conflito (Singer, 2008). Da MAR surgiu a chamada Polite People que também foi de vida curta, suas principais atividades eram relacionadas à investigação no território de Donetsk, no entanto, não tiveram boas relações com a milícia local (Molfar Intelligence Institute, 2023a).

Assim como a Patriot, a Redoubt, fundada em 2018, é diretamente relacionada com o Governo russo, neste caso pelo GRU (Taylor, 2025), sendo uma das EMPs da família anti-

¹⁵ MAR é uma corruptela de *Maruha*, uma deusa eslávica (Pavel e Evgeny, 2018).

terror, seu financiamento vem do MD e de dois empresários bilionários sancionados: Gennady Timchenko e Oleg Deripaska (Molfar Intelligence Institute, 2023a). Sua base fica em Kubinka, próxima da 45ª Brigada das Forças Armadas Russas (Boussel, 2024).

Seus serviços são variados e seguem as necessidades do GRU. Antes de 2022, a EMP desenvolvia operações em diversas regiões pelo globo, como na Guerra da Geórgia em 2008 (Boussel, 2024). Em agosto de 2022, tinham entre 100 e 400 combatentes, no entanto, após a reorganização (dezembro de 2024), ela relatou ter cerca de 25.000 em pessoal e outros contratados (Boussel, 2024). O Ministério da Defesa do Reino Unido estimou que a Redoubt provavelmente tenha mais de 7.000 pessoas (Seltzer, 2024).

Desde 2014 sua função se tornou a de conter o GW, como uma EMP com controle direto, diferente da autonomia do GW (Galeotti e Arutunyan, 2024). A Redoubt participou da operação para assassinato de Volodimir Zelensky agremiando membros do GW (Boussel, 2024) e sofreu baixas massivas no início do conflito. Seu fracasso forçou, fatalmente, a introdução do GW para preencher a lacuna na linha da frente (Galeotti e Arutunyan, 2024).

No fim de 2022, o grupo foi desmantelado e se tornou uma empresa recrutadora, a Redoubt recruta voluntários que são encaminhados para várias formações, incluindo unidades BARS (Reserva do Exército de Combate do País), Batalhões de Voluntários e elementos da 16.ª Brigada Spetsnaz (Galeotti e Arutunyan, 2024). Um detalhe interessante é a existência de múltiplas entidades com o nome Redoubt ou Redut para o objetivo de aumentar a confusão e dificultar sanções. A União Europeia, ao tentar sancionar a EMP por crimes de guerra na Ucrânia, identificou a entidade legal errada que estava registrada para manutenção de veículos a motor (Olson, 2024).

Uma das EMPs mais importantes no contexto marítimo e alinhada ao Governo da Rússia é a RSB-Group¹⁶ (*Rossiskie System Bezopasnosti Group*¹⁷), conhecida no panorama da segurança privada russa. Diferentemente do GW, o RSB-Group (juntamente com o Moran Security Group) é mais comparável às suas contrapartes ocidentais no sentido legal e operacional (Reynolds, 2019). Tendo funções de uma firma de meios militares, consultoria e suporte, atuando nas três tipologias de Singer (2008).

Seus fundadores são ex-membros do serviço militar ou da segurança no contexto russo, inclusive seu presidente, Oleg Krinitsky é um oficial da FSB (Kryvyziuk e Onyshchuk, 2025). Seus principais serviços são de segurança marítima e desminagem, como a remoção de minas

¹⁶ Esta é uma das EMPs russas que tem site oficial (<https://rsb-group.org/>).

¹⁷ Grupo de Sistemas Russos de Segurança, tradução nossa.

terrestres da Líbia em 2017. E, juntamente com o GW e as forças especiais russas, apoiou o General Haftar e o LNA (ACLED, 2023; Hybrid CoE, 2022).

Oferece proteção armada, escolta e segurança de embarcações civis em áreas de risco de ataques de piratas, incluindo o Golfo de Aden, Oceano Índico e Atlântico, Estreito de Malaca e Estreito da Guiné (Jones et al, 2021). Em 2024, iniciou uma missão de treinamento para as forças de segurança de Burkina Faso (Galeotti e Arutunyan, 2024). Ainda que tenha sido uma das poucas EMPs que nunca participou do conflito na Ucrânia (Kryvyziuk e Onyshchuk, 2025).

Uma outra EMP que se vincula ao GW é a Sewa Security Services, considerada uma subunidade do GW (Druzhinin, 2023). No entanto, com fortes relações com o GRU e o MD e com a Lobaye Invest (ACLED, 2023). Seu destaque operacional foi ser a empresa responsável por fornecer segurança pessoal ao Presidente Touadéra da RCA pois, em abril de 2018, o pessoal de segurança inicialmente designado para a guarda presidencial foi substituído por instrutores militares russos empregados pela Sewa Security Forces (Mohamedou, 2024).

O pessoal empregado pela Sewa rapidamente se integrou às FACA ao longo de 2018. A empresa é ativa no apoio ao governo na RCA, oferecendo serviços de treinamento militar e segurança. O pessoal da Sewa e de outras empresas ligadas ao GW/AC assumiu postos influentes dentro do governo e da autoridade alfandegária do país (Bosch; Kimble, 2025).

Outra EMP também a ligada ao MD, a Shield (Schhit) é uma das EMPs russas que tem participação global, atuando na Síria, especialmente com a 45ª Brigada VDV. Ao contrário de grupos como o GW e a Patriot, que se envolvem em operações de combate, a Shield é descrita como uma EMP destinada apenas a fornecer serviços de segurança e não possui capacidade de participar em batalhas (Jones et al., 2021). A empresa forneceu serviços de segurança para a Sroytransgaz, uma empresa de construção e engenharia russa de propriedade de Gennady Timchenko, financiador da Redoubt. Atualmente opera na Ucrânia e em outros locais como parte do Africa Corps (Galeotti; Arutunyan, 2024).

Outras EMPs mais antigas estão ligadas ao nascimento do GW, como a Slavonic Corps e o Moran Security Group (Marten, 2019). A Moran é considerada uma empresa tradicional focada em serviços de segurança marítima e antiterrorismo e o Slavonic Corps era de propriedade integral de Vadim Gusev, que também atuava como vice-diretor do Moran (Marten, 2019; Rondeaux, 2020).

O Moran Security Group operava na área de Palmira, fornecendo segurança para grandes empresas do setor de energia (Rondeaux, 2020). Em 2013, o Moran, em nome do Slavonic Corps, fechou um contrato com o Ministério de Petróleo e Recursos Minerais da Síria para fornecer segurança aos locais de extração, refino e distribuição de petróleo e gás (Miranda

et al., 2023). A missão do Slavonic Corps, que recrutou cerca de 267 homens, era inicialmente proteger esses locais de produção de energia (Ferreira; Kostiuk; Rodrigues, 2023). Foram empregados também em Hmeimim, na Latakia, província da Síria (Pili, 2025).

No entanto, acabaram no desastre de Homs, em que foram emboscados pelo ISIS e posteriormente mandados embora para a Rússia, processados pelo art. 356 do Código Penal Russo e presos (Marten, 2019; Rússia, 1997).

A Strazh PMC é uma das poucas EMPs que possui o nome registrado como uma EMP, geralmente o registro conta como “segurança privada” e não “militar privada” (Pavel; Evgeny, 2018). Seu registro em Kaliningrado onde tem oito contratos estatais atuando em casinos, bares e restaurantes como seguranças, sem ser uma força militar em si como as outras EMPs (Molfar Institute of Intelligence, 2023a). É uma das EMPs incentivadas pelo discurso de Putin de 2012 sobre as EMPs e o interesse nacional (Bukkvoll; Østensen, 2020).

O Tavrida, batalhões compostos por cossacos, demonstram a influência histórica desses grupos na tradição de uso de forças de semi-Estado pela Rússia. Liderado pelo *ataman* Anton Viktorovich Sirotkin, chefe do Exército Cossaco do Mar Negro, o citado Black Sea PMC (Molfar Institute of Intelligence, 2023a).

Esta EMP recebeu armamento, equipamento e suprimentos com fundos do orçamento regional da Crimeia e com a participação direta das autoridades russas (Medved, 2023). Um batalhão de assalto cossaco "Tavrida" foi formado em março de 2022 como parte de outras EMPs e cumpriu missões de combate na região de Zaporizhzhia por seis meses (Kazachestvo, 2023).

Outro grupo nacionalista é o Tsarskie Volki (Lobos do Czar), nome inspirado nas unidades voluntárias pró-restauração da monarquia russa que participaram da República de Srpska durante a Guerra da Bósnia (White Jr., 2023). Esta EMP é outro exemplo de firma de suporte militar, visto realizam testes de armas e auxiliam as Forças Armadas logisticamente, o grupo é presidido por Rogozin, deputado da Duma e ex-diretor da Roscosmos e seus experimentos são reportados pela rede social Telegram (Impelli, 2023).

A última EMP lista, a Yastreb (Falcão) é uma EMP nos moldes da RSB-Group, ou seja, voltada para o mercado. Conduzem negociações, escolta de cargas, segurança marítima, segurança de instalações de petróleo e gás e serviços de evacuação de refugiados (Yastreb, [s.d.]). Seu proprietário é o mesmo da *MAR PMC* e *Polite People*, Marushchenko Oleksiy Ivanovych (Molfar Intelligence Institute, 2023a). Fizeram parte das primeiras ondas de EMPs no conflito da Ucrânia de 2022 (Bryjka, 2023).

4.3 O confronto entre Rússia e Ucrânia, das batalhas até o motim e a substituição pelo Africa Corps

Antes de iniciarmos o debate do conflito em si, precisamos esclarecer alguns pontos. Primeiramente, a ofensiva russa ou operação militar especial, foi um ato de agressão contra outro Estado soberano. Visto a guerra de conquista ser ilegal no Direito Internacional, em específico o *Jus ad bellum*, alguns autores tratam de conflito, guerra ou, segundo a normativa russa, uma “operação militar especial” (Fuentes, 2023).

O conflito é uma continuação da Guerra do Donbass que ocorria desde 2014 e Putin apenas deu início à intervenção aberta e a ordem para iniciar a operação militar especial em fevereiro de 2022, com o objetivo de proteger as repúblicas separatistas de Donetsk e Lugansk, reconhecidas pela Rússia, e desmilitarizar e “desnazificar” a Ucrânia (Covachev; Fazakas, 2024).

Pela Doutrina Gerasimov, a intervenção aberta é uma parte essencial de atingir objetivos político-militares (Gerasimov, 2016). Após o financiamento dos grupos rebeldes de Donetsk e Lugansk, o uso de EMPs e operações de desinformação, a Rússia se sentiu à vontade para iniciar uma intervenção aberta pois havia semeado uma justificativa desde 2014.

Segundo Ditrych (2024), a Rússia emprega táticas híbridas por meio de montagens *ad hoc*, ou seja, organizações militares elaboradas para uma missão em específico. Segundo ele, o GW foi uma criação típica do modelo *bricoleur* (bricolagem), concebida para contornar os pontos fortes de outros atores no "jogo de sombras" geopolítico global.

Em números, enquanto víamos de 100 até 3.000 homens empregados no exterior, no caso ucraniano, o GW chegou de 50.000 a 60.000 homens empregados. Por conta do plano de recrutamento de prisioneiros russos (Tedder, 2024).

O plano russo inicial centrou-se em um ataque relâmpago surpresa a Kiev, com o objetivo de tomar a capital em questão de dias (alguns analistas previam a queda em 72 horas) e instalar um governo pró-Rússia (Ray, 2025). As forças russas invadiram a partir de quatro eixos principais (norte, nordeste, leste e sul) (Duggal; Ali, 2023), contudo, não conseguiram sucesso rápido e a Ucrânia desenvolveu uma resposta eficaz, surpreendendo muitos observadores (Cohen e O'Brien, 2024).

O emprego do GW no começo da guerra deu-se em missões de alto risco, uma força destacada que executava assassinatos, sendo suas primeiras operações com 400 homens para assassinar o presidente ucraniano Volodimir Zelensky (Bryjka, 2023; Fuentes, 2023). Além dos

meios militares, o GW contrabalança o *body bag effect*, uma das bases do porquê de os Estados utilizarem as EMPs, que é a redução do efeito moral negativo da morte de jovens conscritos, um efeito que a Rússia sofreu durante o conflito na Chechênia (Jones et al, 2021).

O GW iniciou operações de terror contra a população, similar ao caso sírio (ACLED, 2023). Além de operações específicas, em termos militares, os wagneritas são tropas leves, ou seja, executam operações de assalto, reconhecimento e contra reconhecimento com alta mobilidade, de acordo com o relato de um membro da EMP (OAM, 2023).

Em determinado momento da ofensiva russa, analistas incutiam o sucesso militar pela brutalidade das operações de assalto (*stormtroopin*) do GW, e que o Exército Russo mantinha posições e não avançava sem o apoio do GW (Ber, 2023).

Algumas batalhas do conflito nos oferecem casos passíveis de análise, principalmente para entender o papel do GW em meio às forças armadas russas e a diferença entre as ações na Ucrânia e o teatro de operações em outros continentes. A Batalha de Hostomel em 25 de fevereiro de 2022 foi a primeira grande operação do conflito, nela membros do GW operaram sob comando da Redut (EMP do GRU) por meio de guerra clandestina em sintonia com as forças aerotransportadas russas (VDV) e os *spetsnaz* no aeroporto de Hostomel em Kiev (Boussel, 2024; Bryjka, 2023).

O cerco de Mariupol em fevereiro de 2022, embora não tenha a presença do GW, foi importante para o avanço russo (Duggal e Ali, 2023). A cidade portuária era um meio de caminho da Rússia e a Crimeia, uma ponte terrestre importante para dar prosseguimento ao avanço. O uso de artilharia destruiu ao menos 90% das construções da cidade, foi a primeira grande batalha urbana do conflito comparável a Stalingrado durante a Segunda Guerra Mundial. Foi considerada parte da guerra de atrito até que a última resistência ucraniana se rendeu em maio (Ray, 2025). Apesar da derrota ucraniana, os russos tiveram que reavaliar suas ações visto os imensos custos humanos.

Enquanto isso, ao norte, em Kharkiv, cidade fronteiriça com Belgorod, foi resistente nos primeiros meses do conflito, no entanto, as regiões norte e leste foram ocupadas pelos russos. Uma cidade fundamental para a logística, Izyum, acabou cedendo em março. Kharkiv foi cercada e submetida a cargas de artilharia diárias, a população civil sofreu a maior parte das baixas. A HRW relatou o uso de munições *cluster* (de dispersão) em bairros residenciais (Ferraro, 2022). Em suma, até setembro, as tropas russas permaneciam em fogo de artilharia de curta distância, até os civis se refugiarem nos metrô no centro da cidade.

Em setembro, os ucranianos lançaram uma contraofensiva na região, pouco guarnecida visto o engano militar na região de Kherson (cidade próxima da Crimeia), que manipulou a

percepção de onde os ucranianos iriam reagir fazendo os russos fortalecerem as defesas no Sul e em Donetsk (Cohen e O'Brien, 2024). Em menos de uma semana, todo o Oblast¹⁸ de Kharkiv foi libertado dos russos e, no teatro de operações, Izyum também foi capturada, o importante centro de logística para o escoamento de armas e munições. A derrota russa foi devastadora para o corpo militar e para a opinião pública russa (Jensen, 2024).

A humilhação em Kharkiv e a necessidade do Kremlin por uma vitória levaram a Rússia a concentrar os seus recursos e depender cada vez mais do Grupo Wagner, canalizando os seus esforços para a captura de uma cidade de enorme valor simbólico e o conflito mais sangrento da Europa desde a Segunda Guerra Mundial foi a Batalha de Bakhmut (Cohen e O'Brien, 2024). Visto os fracassos russos nos cenários anteriormente apresentados, as Forças Armadas da Rússia deveriam entregar resultados e ter uma vitória. Uma cidade de encruzilhada, era inicialmente importante para a Rússia, pois assentava-se sobre o cruzamento de várias estradas que seguiam para oeste. A captura de Bakhmut era originalmente pretendida para facilitar ofensivas que cercassem grandes forças ucranianas no leste e, especificamente, para tomar as cidades fortificadas de Sloviansk e Kramatorsk (Cohen; O'Brien, 2024; Stepanenko, 2023).

A perda de Izyum, Kharkiv e Hostomel, fizeram com que os objetivos em Bakhmut ultrapassassem os estratégicos e se tornassem políticos, a oportunidade de uma grande vitória da Rússia mas, as necessidades de vitória não conseguiam superar a natureza de uma guerra de atrito que ocorria em Bakhmut. Sem conseguir fechar uma pinça com Kharkiv e com Kherson, a batalha se metamorfoseou em um embate informacional e político. A chamada “pequena Stalingrado” ou “Verdun da Guerra Russo-Ucraniana”, em referência às Guerras Mundiais (ACLED, 2023).

Os membros do GW na África foram mobilizados para o conflito na Ucrânia, concentraram suas forças em Donetsk. E, da república separatista, tanto as forças armadas quanto o GW iniciavam operações para tomar Bakhmut. Os ganhos territoriais atribuíveis ao GW incluíram menos de duas dúzias de pequenos assentamentos ao norte e ao sul de Bakhmut, ocorrendo principalmente entre setembro de 2022 e fevereiro de 2023 (ACLED, 2023). A conquista mais importante neste período foi a cidade de Soledar (ao norte de Bakhmut), que foi tomada em 12 de janeiro de 2023 (Duggal; Ali, 2023).

Para aumentar as forças, Prigozhin garantiu a permissão para recrutar condenados de prisões russas. Com toda a mobilização do GW, de 1.000 no começo da guerra, o GW atingiu

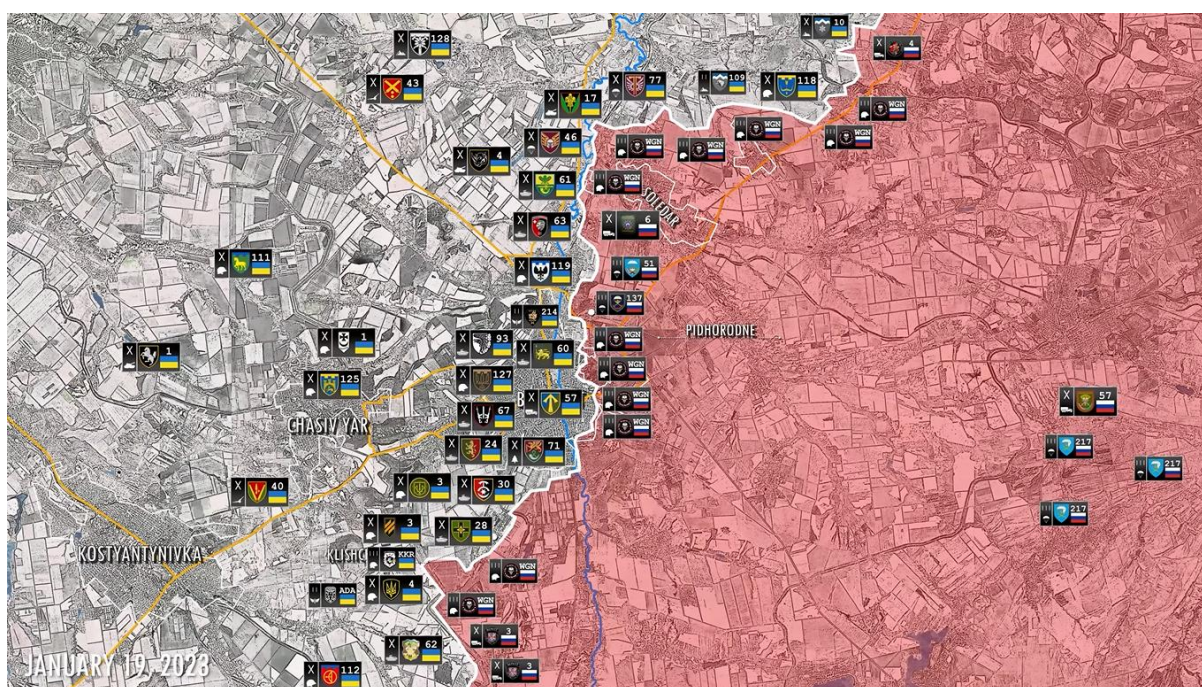
¹⁸ Oblast é uma divisão administrativa comum nas regiões ex-soviéticas.

50.000 homens em campo em 2023, sendo 80% dos recrutas condenados por crimes na Rússia. As técnicas empregadas por Prigozhin eram de ondas humanas para revelar as posições dos ucranianos. A gratificação para os condenados era de livramento de suas penas (Ber, 2023).

O GW dependia fundamentalmente do Ministério da Defesa (MD) russo para o fornecimento de artilharia e suprimentos. Quando o GW sofreu perdas, o MD começou a introduzir forças regulares (como a 106ª VDV) nos flancos de Bakhmut para compensar a exaustão do grupo (Stepanenko, 2023).

A batalha de Bakhmut empregou o GW massivamente, em determinado momento era a principal força na tomada da cidade, a figura abaixo representa a situação do campo de batalha após a tomada de Soledar:

Figura 4 – Representação da Batalha de Bakhmut



Fonte: War Archive, 2024.

Como resultado, o desgaste do GW foi maior em meio a batalha de Bakhmut, dependiam do envio de equipamentos pelo MD para contrapor os equipamentos da OTAN, recebidos pelos ucranianos. E, como o MD dava prioridade para as forças regulares, criou atrito com o GW, logo houve diversos vídeos circulando na internet que representavam Prigozhin enfurecido ao lado de pilhas de corpos de wagneritas e exigindo munição para o MD, em especial do Ministro da Defesa na época, Serguei Shoigu (ACLED, 2023).

Ao fim do conflito de nove meses, os EUA estimaram cerca de 100.000 baixas russas na luta por Bakhmut, e Prigozhin confirmou pelo menos 20.000 mortos do GW, ou seja, uma letalidade de 40% do efetivo do grupo. Mais de 88% do número de baixas do GW foi de

condenados (Kofman, 2024). O conflito pírrico nos forneceu alguns fatores que são essenciais para analisarmos a atuação do GW na Ucrânia, sua relação com o Estado russo e os eventuais conflitos da relação público-privada. Prigozhin, ao fim da batalha, desmobilizou os membros do GW para reorganização futura (ACLED, 2023).

O MD julgava o GW como um perigo em potencial e buscava subordiná-lo à cadeia de comando das forças regulares. Em junho de 2023, o MD russo ordenou que todas as "formações voluntárias" (incluindo as EMPs) assinassem um contrato com o MD, o que foi visto como uma forma de obter controle sobre as EMPs, e do Prigozhin que ganhava maior popularidade do que as forças armadas (Larsen, 2025; Kofman, 2024).

Em 23 de junho de 2023, o GW, sob ordens de Prigozhin, entrou na cidade de Rostov na Rússia e rumou à Moscou, contra o Chefe de Estado Maior Valery Gerasimov e o Ministro da Defesa Serguei Shoigu, sem pretensões de tomar o poder ou derrubar Putin. Prigozhin chamou a ação de "marcha da justiça", sendo o abandono e o desgaste em Bakhmut o principal motivo do motim do GW.

A marcha durou menos de 24 horas e as forças do GW conseguiram chegar a cerca de 200 quilômetros de Moscou com pouca resistência. O receio de derramamento de sangue russo fez com que a marcha terminasse, de acordo com Prigozhin (Larsen, 2025). O motim resultou em algumas aeronaves russas abatidas, mas sem grandes causalidades (Ray, 2025). O Presidente bielorrusso, Lukashenko, anunciou que tinha mediado um acordo entre Prigozhin e o Kremlin para evitar a morte por traição e Igor Krasnov, procurador-geral da Rússia, autuou Prigozhin por motim (Kremlin, 2023).

Prigozhin morreu dois meses depois em agosto de 2023. A sua morte, juntamente com a de Valeriy Chekalov (gerente de logística) e Dmitry Utkin (comandante de campo), fez uma declaração clara a quaisquer comandantes ambiciosos do GW que desejassem ocupar o seu lugar (Olson, 2024).

O Grupo Wagner se desmantelou, e Putin ofereceu três opções para os membros da companhia: (i) serem absorvidos pelas forças oficiais, (ii) se mudarem para a Bielorrússia ou (iii) participarem das operações na África. Além disso, Putin garantiu que os negócios na África continuassem mesmo pelos membros do GW (Olson, 2024; Larsen, 2025).

Desde então, o GW mudou de nome para Africa Corps (AC), e o seu controle passou para o GRU. Ocorre uma espécie de “estatização” da EMP e em documentário feito pela produtora VICE, o Grupo Wagner mantém a sua cultura e status em diversos países da África. Muitos russos são chamados de “instrutores” ou de “Wagner” em países como a RCA (VICE, 2023). As atividades do antigo GW foram repartidas: as operações paramilitares ficaram com

o MD e GRU, enquanto a propaganda e influência política foram redistribuídas para o Serviço de Inteligência Estrangeiro e o FSB. E o recrutamento passou a ser de soldados da ativa mantendo seus postos e benefícios militares oficiais, algo impossível sob o modelo clandestino anterior (Mehra e Demuynck, 2025).

5 O USO DE EMPRESAS MILITARES PRIVADAS PELA RÚSSIA

A Rússia utiliza suas EMPs como uma espécie de *mão invisível* para concretizar seus interesses no tabuleiro global. Longe de serem meras contratadas, essas forças atuam como um instrumento adaptativo e multifacetado da política externa da Rússia, servindo a propósitos estratégicos, geopolíticos e econômicos em diversas partes do mundo. Essa tática se encaixa perfeitamente na estratégia russa de guerra irregular e na "zona cinzenta" (*gray zone methods*) que operam no limiar da guerra convencional, permitindo que a Rússia expanda sua influência e mine adversários, sobretudo explorando o vácuo de poder em nações com governança fraca (Jones *et al.*, 2021; Rosa, 2022). O principal benefício para o Kremlin reside na negação plausível (*maskirovka*): ao utilizar contratados ao invés de soldados regulares, a Rússia consegue avançar em seus objetivos sem ter que assumir responsabilidade direta pelo envolvimento do Estado (Jones *et al.*, 2021; Strong, 2022). Essa distância é vital para evitar o temido "efeito saco de corpos" ("*body bag*" *effect*), pois a morte de contratados que supostamente escolheram estar lá é muito menos sensível para a opinião pública russa do que a perda de militares regulares, tornando as EMPs uma força de baixo custo e mais "descartável" do que as tropas regulares (Marten, 2019).

Apesar de toda essa utilidade, e de as EMPs terem se expandido drasticamente, o Kremlin se recusa a legalizá-las; a legislação russa proíbe o mercenarismo. Contudo, essa ilegalidade não é um descuido; é um mecanismo deliberado de controle que garante que as empresas possam ser ameaçadas de processo a qualquer momento caso se desviem das diretrizes russas (Rosa, 2022).

O Estado russo e os oligarcas afiliados desenvolvem um sistema que opositores descrevem como um "esquema colonial" operado por uma "empresa criminosa multidimensional". Por fim, um pilar crucial dessa estratégia é a guerra de informação e o gerenciamento de discurso: as EMPs, como o GW, estão ligadas a campanhas de desinformação e propaganda pró-Rússia, apresentando-se como "heróis e salvadores" locais, minando fundações democráticas e facilitando futuros engajamentos militares privados. Em síntese, essas forças ultrapassam a tática militar; é um componente essencial da Estratégia Nacional de Segurança da Rússia, que permite a Rússia projetar poder, garantir benefícios econômicos e fortalecer regimes amigos, mantendo sempre a negação de envolvimento oficial e evitando o escrutínio democrático (Spearin, 2024).

5.1 As EMPs nas doutrinas da Rússia

A Rússia concebe as suas EMPs sob a ótica doutrinária. Aqui entendemos doutrina segundo Carlos de Meira Mattos, sendo a formulação de objetivos nacionais, a interpretação destes e a criação de uma estratégia para alcançá-los. De acordo com Cardoso:

A doutrina militar de um país define-se como um conjunto de atitudes estratégicas e táticas de possível adoção por suas forças armadas. Os elaboradores da doutrina a idealizam para os teatros de operações das hipóteses de emprego, levando em consideração a geografia, a natureza e vulto das ameaças e os princípios de guerra/estratégia. Na medida em que cresça a probabilidade de ativação da Hipótese de Emprego, os fatores geopolíticos e a geoestratégia, sugeridas por eles, passam a interferir na ajustagem da doutrina. Os formuladores devem, também, manter aberto o canal de influência da cultura local, da história, da tradição, do orgulho pátrio, da política exterior do Estado, do poder nacional (nele se inserem a higidez e consistência da economia, a habilidade e tenacidade da política externa, a capacidade militar, o domínio tecnológico e a vontade e o moral da nação). Vale dizer que, além de ser o modo pelo qual um país visualiza a concretização militar de sua política de defesa, as estratégias militares correspondem a uma doutrina militar conforme feitio da nação. Doutrina militar em descompasso com a cultura do país tende a enfraquecer o indispensável apoio popular aos eventuais empregos da força na defesa nacional (Cardoso, 2013, p. 40).

Ainda existem dois tipos de doutrinas: as institucionais e as de análise política, a primeira sendo oficial e a segunda uma leitura de política internacional da época – uma doutrina institucional é a Doutrina do Exército Brasileiro, por exemplo, e, em sequência, a Doutrina de Segurança Nacional, uma leitura geopolítica estadunidense e brasileira. E, baseando-se nisso, podemos analisar quais doutrinas são pertinentes e como a Rússia enxerga sua geoestratégia, focando no elemento das EMPS. As doutrinas ganharam maior relevância com a Guerra Fria, como a Doutrina Truman e Doutrina Carter (Hage, 2022).

O seguinte quadro elenca as doutrinas que abordaremos, conforme Meira Mattos propôs. A principal ideia é ver quais objetivos estratégicos a Rússia busca, e quais meios ela está utilizando. A doutrina auxiliará a análise prática daquilo que a Rússia propõe como Estado, além de ver como as EMPs se encaixam nas doutrinas.

Quadro 5 – Doutrinas Russas

Doutrina	Elaboração	Objetivo nacionais
Conceito de Segurança Nacional	Presidente da Rússia, Conselho de Segurança da Federação Russa, Assembleia Federal da Federação Russa.	• Assegurar a defesa de seu povo multinacional; • Inviolabilidade do Estado e sua soberania; • Defender a Rússia como potência; • Integridade, lei e ordem e remoção dos fatores causadores de extremismo e terrorismo;

			• Fortalecimento dos valores morais e tradições patrióticas.
Doutrina Militar Russa	Presidente da Rússia		• Elabora as políticas militares presentes no Conceito de Segurança Nacional; • Prevenir, localizar e neutralizar as ameaças militares; • Centralização do comando e controle estatal; • Resposta nuclear à agressão e uso de armas nucleares contra a Rússia ou seus aliados; • Definição de ameaças externas como reivindicações territoriais, expansão da OTAN e focos de conflitos armados nas fronteiras; • Guerra moderna como meios diretos e indiretos; • Cooperação militar-técnica e militar-política internacional.
Doutrina Putin	Desenvolvido por Serguei Karaganov, diretor do Conselho de Política Externa e Defesa em Moscou.		• Rejeição da subordinação ao Ocidente; • Rejeição do universalismo; • Realinhamento estratégico com a Eurásia; • Minar a legitimidade moral e política da OTAN.
Doutrina Gerasimov	Doutrina desenvolvida em torno do Chefe do Estado-Maior russo, Valery Gerasimov.		• Integração entre táticas militares e não militares; • Razão 4:1 de meios não militares e meios militares; • Objetivos militares por meios políticos e econômicos; • Uso oculto da força militar como fase anterior à intervenção aberta; • Alta mobilidade e operações sem contato; • Guerra em todos os espaços físicos e informacionais.
Doutrina Marítima Russa	Aprovada oficialmente pelo Presidente Vladimir Putin pelo Decreto Presidencial 512.		• Posicionar a Rússia como nação marítima poderosa; • Segurança Nacional; • Construir capacidade para proteger os interesses nacionais nos oceanos; • A Rússia utilizará de seu “poder duro” para proteger interesses em regiões vitais.
Doutrina de Segurança Energética	Oficialmente aprovada pelo Presidente da Rússia e elaborada pelo Conselho de Segurança Russo.		• Garantir a segurança energética no território russo; • Complexo de Combustível e Energia; • Segurança de recursos; • Desenvolvimento de infraestrutura;

-
- Desenvolvimento do potencial de hidrocarbonetos nos mares Árticos e do Norte da Rússia.
-

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Parmar; Sawan; Agnihotri, 2022; Bogoviz *et al.*, 2018; Islam, 2021.

As doutrinas nos apresentam alguns direcionamentos, enquanto o Conceito de Segurança Nacional define princípios gerais da Defesa do país, tal qual a Política Nacional de Defesa e a Doutrina Militar elabora estratégias, mais próxima da Estratégica Nacional de Defesa brasileira (Brasil, 2020). A Doutrina Marítima e Energética elabora algumas ações práticas como a presença naval no Atlântico e Mediterrâneo e projetos de exportação como *Nord Stream 2*, *Power of Siberia* e *South Stream* (Parmar; Sawan; Agnihotri, 2022; Bogoviz *et al.*, 2018), afinal, são representações dos interesses russos que vemos em EMPs russas quando são contratadas para a proteção das instalações de petróleo e minérios.

As doutrinas Gerasimov e Putin expõe a posição militar e política, respectivamente, da Rússia, ainda que em algumas posições como a visão da OTAN, das suas fronteiras e da guerra moderna seja similar com o Conceito de Segurança Nacional e a Doutrina Militar, ambas doutrinas são mais explícitas quanto aos meios empregados, principalmente a Doutrina Gerasimov.

Um exemplo disso é a operação na Líbia, onde foi criada uma zona de exclusão aérea, imposto um bloqueio marítimo e amplamente utilizados contratantes militares privados em estreita interação com formações armadas da oposição. Devemos reconhecer que, embora compreendamos a essência das ações militares tradicionais realizadas pelas forças armadas regulares, temos apenas uma compreensão superficial das formas e meios assimétricos. Nesse sentido, cresce a importância da ciência militar, que deve criar uma teoria abrangente para tais ações. O trabalho e a pesquisa da Academia de Ciências Militares podem ajudar nesse sentido (Gerasimov, 2016, p. 25, tradução nossa).¹⁹

Como podemos ver, ao denunciar o uso de meios não convencionais, Gerasimov propõe como a Rússia poderia utilizá-los, segundo a sua apresentação de PowerPoint na Academia Russa de Ciência Militar.

¹⁹ “An example of this is the operation in Libya, where a no-fly zone was created, a sea blockade imposed, and private military contractors were widely used in close interaction with armed formations of the opposition. We must acknowledge that, while we understand the essence of traditional military actions carried out by regular armed forces, we have only a superficial understanding of asymmetrical forms and means. In this connection, the importance of military science, which must create a comprehensive theory of such actions, is growing. The work and research of the Academy of Military Sciences can help with this.”

Figura 5 – Slide apresentado por Gerasimov



Fonte: Jones *et al.*, 2019.

A figura 5, muito veiculada à Doutrina Gerasimov, explora a principal motivação por trás da Rússia utilizar EMPs, o uso adaptativo da força como doutrina militar para atingir objetivos político-militares. Esse é o cerne de toda a análise, por exemplo, nela se inserem as intervenções abertas como Operação *Desert Storm* no Kuwait, *Urgent Fury* em Granada ou *Enduring Freedom* no Afeganistão, características dos EUA, mas também as guerrilhas, o financiamento da oposição armada como na Nicarágua e os Contra e no Sudeste Asiático com a *Secret War*, por último, as empresas militares privadas na Serra Leoa pela EO e Iraque pela Constellis (Piehler, 2013).

Além dos meios que usam a força, a Rússia se preocupa com sua posição em detrimento das chamadas Revoluções Coloridas, de acordo com Cordesman (2014), as mudanças de regime feitas durante os anos 2000 e 2010, na Geórgia, Ucrânia e Quirguistão demonstram um tom ameaçador, nos dois primeiros casos levando a guerras de interferência direta – além da Primavera Árabe que causou a morte de Gaddafi, principal aliado russo no Norte da África.

Já a Doutrina Putin, elaborada em 2022 junto do Conflito Russo-Ucraniano, desenvolve o que podemos já ver nas doutrinas oficiais, o de ressentimento com a boa vontade

do Ocidente durante o período mais penoso da política e economia russa, os anos 1990 (Karaganov, 2022). Da posição da OTAN frente à ruína russa, essa que foi acompanhada de conflitos nas fronteiras como Ossétia, Geórgia e Chechênia.

5.2 A cultura estratégica russa

Sara Morrell (2021), ao analisar a cultura hierarquia russa, nos oferece uma sequência de conceitos e argumentos sobre a tentativa constante de centralizar as operações. A Rússia é, historicamente, utilizadora de ciladas, táticas de desinformação e decepção militar. A cultura hierárquica reflete a cultura nacional e militar russa, que tende a expressar normas de obediência a uma hierarquia estrita, além de um desejo de ordem, estabilidade e líderes fortes. Essa cultura perdurou apesar das mudanças no governo e nas capacidades. A centralização se tornou um fator chave do sucesso do uso dos meios citados. A anexação da Crimeia fora um sucesso devido à liderança pessoal de Putin que centralizou o controle de todas as ferramentas políticas, econômicas, financeiras, militares, de inteligência e de informação.

O trabalho sugere que, ao formular a política externa em relação à Rússia, é necessário considerar não apenas os avanços em alta tecnologia para aplicações militares tradicionais, mas também as inovações e usos abaixo do limiar de guerra declarada — o que inclui guerra híbrida, zona cinzenta ou guerra não-linear (Morrell, 2021). Em essência, a cultura hierárquica russa — manifestada em sua preferência histórica por comunicação centralizada e obediência estrita — fornece o arcabouço cultural que permite ao Estado russo coordenar operações complexas de cilada militar em todos os níveis, tornando a centralização um mecanismo-chave para o sucesso (Morrell, 2021).

A *maskirovka* é um termo para o uso de táticas enganosas pelos russos, promovendo guerra informacional minando sistemas políticos e convertendo as pessoas à causa que a Rússia apoia (Morrell, 2021). As EMPs utilizaram táticas de *maskirovka* na Ucrânia pré-2022 e continuam na RCA e Líbia.

De acordo com Andrei Soldatov, as visões do Governo russo vêm de uma tradição de membros da KGB e FSB:

Atualmente, segundo ele, a Rússia está “sendo maltratada... traída”. Os líderes russos, os ***siloviki* que surgiram da KGB e da FSB**, foram treinados para “**ver o mundo em termos de ameaças**”, então, de acordo com Andrei Soldatov, jornalista investigativo especializado em segurança, eles “não têm uma estratégia” e “dependem de táticas” porque “não sabem qual será a próxima ameaça”, então “só podem responder”. Ele e outros analistas das políticas de segurança da Rússia interpretam “os avanços da Rússia de volta ao cenário mundial como reações improvisadas, táticas, apostas que

às vezes eram mais preocupantes do que magistrals”. (Springborg; Williams; Zavage, 2020, p.14, tradução nossa²⁰, grifo nosso).

Por fim, conforme o Coronel Scott Shaw (2020), Comandante do Asymmetric Warfare Group, o C2 (Comando e Controle) russo não é consistente em todos os contextos operacionais. O C2 das EMPs sibila entre o MD, GRU, governos parceiros e interesses privados e alguns fatores de moral, dependência de apoio estatal e vulnerabilidade aérea erodem a capacidade de comando e comunicação. As EMPs são atores que se movem na intersecção da segurança interna e externa, dos setores estatal e privado, e das esferas militar e civil. Elas são organizações privadas com potencial para usar a força armada ou violência.

5.3 A Rússia e as suas EMPs sob a ótica de Singer e McFate, Buzan e Waever e Mearsheimer

Ao longo de nossa exposição, vemos que as EMPs russas são diversas e operam de diferentes formas com diferentes relações com o Governo e oligarcas russos. Vemos o GW como uma EMP de tipo novo, que opera sem qualquer tipo de regra de engajamento (*rule of engagement*), somente quando fornecida pelo seu contratante ou pelo GRU.

O cenário é de empresas tipo GW e empresas legais que são identificadas juridicamente. Enquanto o GW, para muitos autores, é visto como um grupo paramilitar de segurança pessoal de Putin (Marten, 2019; Rondeaux, 2020; Jones *et al.*, 2021). A comparação com cossacos que fornecemos no começo sustenta essa ideia russa de uma força quase-estatal que emprega uma casta de guerreiros diferenciada, composta de russos, chechenos, kadyrovitas, georgianos, ex-militares, tanto comuns quanto *spetsnaz*.

Devemos então nos questionar sobre o papel desempenhado por grupos do tipo e o que eles agregam nos conflitos contemporâneos. Algo que não é muito difícil de responder visto experiências pregressas com outras EMPs de outros países como a Constellis e EO. No entanto, conforme Jones *et al.* (2021) propõe, o modelo GW é o único que opera na zona cinzenta do direito interno e internacional como uma força oculta, embora, em nossa análise, muitas vezes seja justamente a natureza velada que se torna o diferencial das EMPs, conforme vemos no Iraque e Afeganistão (Singer, 2008).

²⁰ “Currently, according to him, Russia is “being mistreated . . . betrayed.”⁵² Russia’s leaders, the siloviki who emerged from the KGB and FSB, were trained to “see the world in terms of threats,” so according to Andrei Soldatov, an investigative journalist specialized in security, they “do not have a strategy” and “rely on tactics” because they “don’t know what the next threat might be,” so can “only respond.”⁵³ He and other analysts of Russia’s security policies interpret ‘Russia’s strides back onto the world stage as improvised reactions, tactics, gambles that were at times more worrisome than masterful.’”

Existem quatro fatores para o uso de EMPs pela Rússia como forma de política externa, esses são: (i) operacionais, (ii) econômicos, (iii) políticos e (iv) históricos. O quadro a seguir explica as principais razões do emprego de empresas militares privadas.

Quadro 6 – Uso das EMPs pelas Rússia

Emprego de EMPs	
Fatores operacionais	
Guarda das rotas marítimas	Como vemos no caso do RSB-Group, na Síria, Líbia, Egito e no caso da Crimeia – a motivação principal se tornou a posse de portos de alta profundidade e a segurança marítima.
Segurança de instalações	Um dos principais “produtos” das empresas militares privadas russas é a segurança de instalações de energia, combustível, mineração e prédios governamentais.
<i>Concealed use of force</i>	As EMPs são manifestações do uso oculto da força junto de guerrilhas e grupos paramilitares, sua vantagem operacional antecede a intervenção aberta, como no exemplo da MAR e Shield.
Recrutamento diferenciado	Diferentemente das forças oficiais, as EMPs não possuem um recrutamento restrito, o GW, por exemplo, recrutou condenados pela justiça russa, assim como a EMP Andreyevsky Krest.
Multiplicador de forças	Operacionalmente, as EMPs atuam em funções em que o conhecimento e treinamento determina o desempenho de uma operação.
Especialização	A especialização, geralmente, é o ativo mais buscado na contratação de uma EMP.
<i>Fly by night</i>	Empresas que são criadas e desaparecem rápido são ótimas para a mobilização.
Fatores políticos	
Negação plausível (<i>maskirovka</i>)	A negação plausível é um instrumento histórico de política internacional para livrar os países de responsabilidades sobre grupos armados em território estrangeiro.
<i>Body bag effect</i>	O efeito psicológico negativo do retorno dos corpos dos soldados pode ser revertido no emprego de EMPs. As altas taxas de mortos na Batalha de Bakhmut foram um exemplo.
Manutenção de <i>status quo</i>	O objetivo da Rússia em muitos dos países listados é de garantir a não mudança do regime. Bem como na própria Rússia, por isso as agremiações de ultranacionalistas, neonazistas e criminosos.
Braço da política externa	A EMPs russas, principalmente o GW e o AC, são instrumentos de diplomacia onde não há

	diplomatas russos, ou ainda um ativo diplomático como um “pacote de sobrevivência de regime”, além de serem formas de conservar os regimes aliados da Rússia.
Estratégia de guerra híbrida	Em casos de uso oculto da força, as EMPs fazem parte de todo o teatro de guerra híbrida. Nos países africanos e nas repúblicas separatistas da Ucrânia, as EMPs são associadas com propagandas e guerra informacional por parte do Governo russo, como o foi a maior parte das EMPs citadas.
Fatores econômicos	
Obtenção de recursos naturais	Em todos os territórios, exceto Ucrânia e Venezuela, as EMPs estão associadas à proteção de algum ativo econômico ou ainda de alguma empresa de energia ou mineração.
Contrariar sanções	As EMPs fazem parte do esforço russo de contrariar as sanções do Ocidente, o ouro coletado pelas empresas é enviado para Moscou e, sem rastreamento, é utilizado para o comércio internacional.
Empreendimento	As EMPs não são todos grupos mercenários da Rússia. Algumas possuem sites e são registradas em países fora da Rússia para fugir da sanção jurídica.
Baixo custo	Um dos fatores que, historicamente, fazem os países utilizarem EMPs é o baixo custo. Este fator foi decisivo para o caso moçambicano.
Fatores históricos	
Histórico de forças de semi-estado	A Rússia ao longo de toda Idade Média já possuía forças de semi-estado, os chamados cossacos, que, inclusive, duram até os dias de hoje e fizeram parte das colunas do GW e do AC.
Ressentimento pelo Ocidente	Com o fim da Guerra Fria, a Rússia teve um profundo ressentimento pelas sequenciais crises econômicas e pelas guerras civis junto da intervenção do Ocidente em vários conflitos internos russos.
Formação do corpo político russo atual	A formação do corpo político de agentes dos serviços de inteligência faz com que o mundo da política internacional seja visto em um binômio de ameaça e pacificação.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em ACET, 2025; ACLED, 2022; Amoah, 2023; Arnold, 2019; Aslund; Snegovaya, 2021; Avant, 2005; Bäckström, 2023; Balci; Aras, 2025; Benaso, 2021; Berger; Mikail, 2021; Blouin, 2013; Bosch; Kimble, 2025; Bugayova; Regio, 2019; Bukkvol; Østensen, 2020; Carter Jr., 2020; Daly, 2023; Davydov, 2023; Deitch; Kulkova, 2023; Denisova, 2023; Departamento Federal dos Negócios Estrangeiros do Conselho Federal Suíço; Comité Internacional da Cruz Vermelha, 2015; Elinder; Erixson; Hammar, 2024; Faleg; Secieru, 2020; GCSP, 2024; Giedraitis, 2020; Gosteva, 2016; Heinemann-Grüder, 2023; Hybrid CoE, 2022; International Institute For Strategic Studies, 2021; Jones *et al.*, 2021; Kaya, 2013; Krieger, 2022; Lamb; Gregg, 2018; Larsen. 2025; Larsen; Wivel, 2025; Luther, 2024; Megatrends Afrika, 2023; Mehra;

Demuynck, 2025; Nikitin, 2023; Oliinyk; Oliinyk-D'omochko; Maksymov, 2023; Pili *et al.*, 2025; Pokalova, 2023; Ponomarev; Ulanova, 2023; Port, 2021; Rajosefa, 2023; Rendboe, 2019; Serwat; Nsaibia; Gurcov, 2023; Singer, 2008; Spearin, 2024; Springborg; Williams; Zavage, 2020; Strong, 2022; Sturdee, 2021; Sukhankin, 2019; Swed; Arduino, 2024; Tallet, 2013; Agência Central de Inteligência dos EUA, 2021; Weinthal; Sowers, 2023; Weiss, 2020; Weitz, 2017.

Todos esses fatores subsidiam o porquê de a Rússia utilizar as EMPs, uma vantagem que opera além do uso convencional da força. A análise sob a lente de Singer (2008) e McFate (2015) nos proporcionam algumas considerações sobre como as EMPs se tornam parte da política externa russa.

Na visão de Mearsheimer (2001), essas EMPs solapam alguns preceitos de atores estatais como únicos, como a soberania estatal. No entanto, ao observarmos na questão da autossuficiência do estado, ou seja, na busca de autonomia estratégica, as EMPs russas são exemplos paradigmáticos de grupos militares que ultrapassam os limites do comando russo, e por isso foram logo controladas, ou racionalizadas. A Rússia utiliza inovações e usos abaixo do limiar da guerra declarada, o que é referido como guerra híbrida, zona cinzenta, guerra não linear ou guerra abaixo da linha (da Doutrina Gerasimov) (Morrell, 2019).

No nível de política internacional, as EMPs são encontradas sempre em países em que há um lapso de poder, como Síria, Líbia, RCA, Mali, Burkina Faso e tantos outros, o que também pode ser considerado um caso de balanceamento externo. O *status quo* é raro na política internacional, então sempre que houver algum espaço para o poder ele se manifestará de alguma forma, seja pelo poder latente ou poder militar (Mearsheimer, 2001). As EMPs são exemplos de poder latente que se converte em militar rapidamente, assim como no caso dos Kadyrovitas e dos cossacos.

Dentro da perspectiva de poder terrestre, dos *big battalions* (Mearsheimer, 2001), as EMPs são exemplos de grande mobilização e capacidade de ocupação de regiões. Muitas EMPs apenas mantinham guarda e policiamento de territórios. Para Morrell (2019), a Rússia tem uma consciência grande sobre seu entorno estratégico e, em sua cultura militar, a mobilização é parte fundamental visto esta ditar o restante do conflito. No caso do ataque russo na Batalha de Hostomel, a falha subsequente fez com que a Rússia não estivesse preparada para um conflito prolongado.

Além disso, esses fatores nada mais são do que desdobramentos do *Derzhava*, o conceito que funda a política externa da Rússia (Tsygankov, 2022). De acordo com Tsygankov (2022) a Rússia é fundada baseada em uma tradição realista, a mesma de Mearsheimer (2001).

Atualmente a política externa de Putin busca ser mais próxima do equilíbrio global, limitando a busca de hegemonia dos EUA e estabelecer uma parceria com a China.

Essa análise de Tsygankov (2022) é verdadeira quando vemos o argumento de Mearsheimer (2014) sobre a crise da Ucrânia em que o autor elenca fatores como expansão da OTAN, expansão da União Europeia e promoção da democracia como dinamizadores do processo que, como sabemos, deu início ao conflito entre Rússia e Ucrânia em 2022. Logo, a sobrevivência nacional e multipolaridade são objetivos permanentes da política externa russa em sua projeção em outros países.

Ainda, Tsygankov (2022) argumenta que pelas limitações econômicas e demográficas em comparação com os EUA ou a China, a Rússia utiliza métodos assimétricos para projetar poder. Isso inclui o desenvolvimento de tecnologias militares sofisticadas (como mísseis hipersônicos), campanhas de informação e operações no ciberespaço, permitindo que o país exerça influência sem a necessidade de paridade econômica total com seus rivais.

E a expansão da OTAN e as sanções ocidentais aceleraram o consenso de que a Rússia deve apoiar-se em nações não-ocidentais (Tsygankov, 2022). A consolidação de instituições como a União Econômica Eurasiática, Organização de Cooperação de Xangai e a Iniciativa do Mar Negro reflete o esforço de criar uma plataforma de influência onde o Ocidente não tenha participação direta.

Em resumo, a política externa russa é o exercício de uma grande potência em transição, que busca proteger sua unidade territorial e seu status através de uma mistura de realismo pragmático, força militar e manobras diplomáticas para evitar o isolamento. Também, quando tratamos da hierarquia de metas, Putin e seus generais deixam de lado diferenças ideológicas em se relacionar com outros países e com suas EMPs. Permitindo a atuação de EMPs que são abertamente contra o governo, afinal, o Governo russo fez o cálculo da segurança.

A seguinte tabela sumariza a percepção que temos sobre o fenômeno das EMPs, em especial na política externa da Rússia:

Quadro 7 – EMPs e Rússia em perspectiva

	<i>Gerasimov</i>	<i>Mearsheimer</i>	<i>Buzan e Waever</i>
<i>Rússia</i>	Uma nação ameaçada.	Lógica realista.	Uma grande potência e possível <i>penetrator</i> em CRS.

<i>EMPs</i>	Uso oculto da força.	Instrumento de política externa.	Atores não- estatais que projetam poder.
-------------	-------------------------	-------------------------------------	--

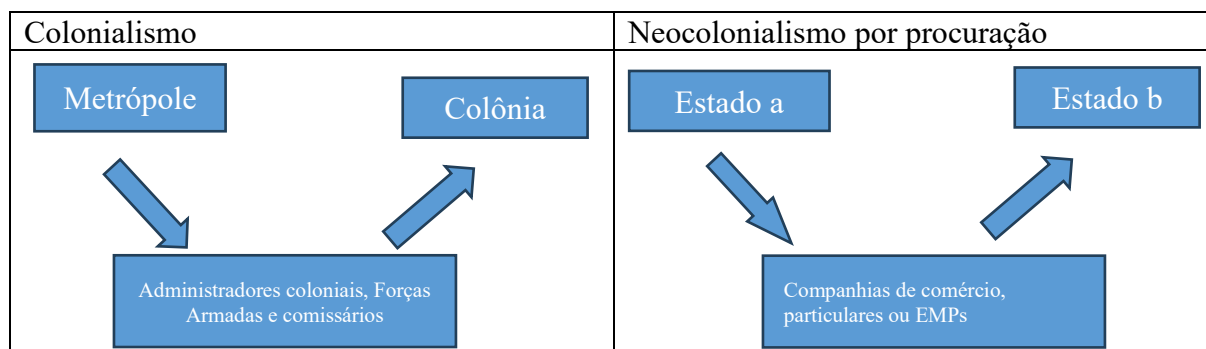
Fonte: Elaborado pelo autor com base em Gerasimov, 2016; Mearsheimer, 2001, 2014; Buzan; Waever, 1998, 2003; Ramadhany; Hakim; Manullang, 2024; Medina, 2025.

6 O GRUPO WAGNER NO CONTEXTO GLOBAL

Como dito, as operações do GW na Síria e Ucrânia catapultaram seu emprego para diversos países da África em contextos políticos diferentes. De modo geral, o GW teve suas principais operações na Líbia, RCA, Burkina-Faso, Mali e Sudão além de outras localidades e operações menos relevantes. De quatro países em 2015, GW aumentou sua presença para 27 países em 2021 (Jones *et al.*, 2021).

Antes de analisarmos caso a caso, em princípio, precisamos enumerar algumas ações padrão, uma forma de *modus operandi* que se aplica em todos os cenários que a empresa está. Dobos e Burton (2023) fazem um paralelo entre o GW e a Companhia Inglesa das Índias Orientais destacando o conceito de Neocolonialismo por Procuração. Ou seja, tanto o GW no séc. XXI quanto a Companhia Inglesa das Índias Orientais no séc. XVII executam operações que possuem teor colonialista, que visam a submissão de um governo estrangeiro ao da empresa original, a diferença entre as relações Metrópole-Colônia é que nestes casos as empresas são o representante total ou, às vezes, único da Metrópole – daí o termo “por procuração”. O quadro 8 demonstra as diferenças entre Colonialismo clássico e Neocolonialismo por procuração.

Quadro 8 – Modelo de colonialismo em comparação com o Neocolonialismo por procuração



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Dobos; Burton, 2023.

Observamos, então, que no colonialismo as metrópoles atuavam de forma direta em suas colônias. O caso mais memorável são os governadores-gerais no Brasil Colônia que mantinham relações diretas com a Coroa e atuavam em nome desta na coleta de tributos (provedor-mor), administração da justiça (ouvidor-mor) e na proteção dessas terras (capitão-mor) (Fausto, 2009).

Em contraste, o neocolonialismo por procuração de Dobos e Burton (2023) delega as funções administrativas para particulares, além disso atua em um nível de “colonialismo esmaecido” pois, atualmente, a condição de colônia é ultrapassada pelo Direito Internacional.

Dessa forma, tanto as companhias de comércio quanto as EMPs são empresas fundadas por particulares com financiadores e gestão interna que atuam em nome de seus respectivos Estados, seu objetivo, inicialmente, é o lucro (Dobos; Burton, 2023).

No caso do GW são diversas as formas de atuação na África. No geral ao que apresenta mais evidências são as de apoio a regimes amigos do Governo russo, ou seja, o apoio direto à conservação do poder de aliados, como na Síria com o regime de Bashar Al-Assad. Esta característica se mantém no caso da Venezuela (Jones *et al.*, 2021).

E, o GW oferece apoio vital a governos aliados e líderes autoritários, protegendo-os de insurgências, golpes de Estado e movimentos de oposição. Em troca, Prigozhin e suas empresas associadas recebiam concessões lucrativas para a extração de recursos naturais, como ouro, diamantes e urânio, além de pagamentos diretos (Jones *et al.*, 2021).

Pela perspectiva de Singer (2008) e McFate (2015), o GW é definida como uma firma de meios militares e de consultoria militar, pois atua como “ponta de lança” e treina exércitos, fornecendo consultoria. Além disso, ela ultrapassa a definição do binômio EO e Constellis, pois em certos cenários possui comando próprio e autossuficiência, em outros casos é completamente dependente das forças russas e do GRU.

Pela autonomia e envolvimento de atores privados como Prigozhin e Utkin, o GW se torna cada vez mais um exemplo de neomedievalismo de McFate (2015), afinal o grupo é uma expressão da sobreposição de soberanias, em que o poder público acabe dependendo do poder privado da EMP.

O caso mais bem sucedido desse emprego foi na RCA. País que enfrenta uma guerra interna entre as forças armadas da RCA (FACA) e grupos Anti-balaka (majoritariamente cristã) e rebeldes Séleka (majoritariamente muçulmanos), estes já tendo episódios de tomada do poder, como em 2013 (Swed; Arduino, 2024). Após a deposição do presidente François Bozizé (2003-2013) e a tomada do poder pelo Séleka houve o recrudescimento das relações entre os cristãos e muçulmanos pela presidência de Michel Djotodia, com fortes indícios de tentativa de genocídio e ingerência total do Estado (Dobos; Burton, 2023).

O governo transicional de Catherine Samba-Panza após a queda de Djotodia posteriormente foi substituído por vias eleitorais. Faustin Touadéra foi eleito presidente da RCA em 2014 e desde então permanece no cargo, visto o Estado de Direito não existir em determinadas regiões, segundo alegações da Suprema Corte (Strong, 2022).

Então, o GW possui um único cliente na RCA, o presidente Touadéra. O principal serviço que o grupo pode oferecer é auxiliar as forças governamentais, treinar a milícia anti-Balaka e combater os rebeldes que agora são diversificados, ligados à fé muçulmana e outros

credos (Caparini, 2022). O GW assumiu as tarefas de segurança que tanto a Legião Estrangeira Francesa (solicitada por Bozizé, nas palavras de Touadéra) quanto a Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da RCA (MINUSCA) não conseguiram cumprir, na visão da liderança local. Essa mudança de eixo, do "antigo colonizador" para o "novo colonizador", é um padrão recorrente nos casos analisados.

O GW chegou à RCA em seguida da Operação Sangaris, iniciada em 2013 e que perdurou até 2016 (Pokalova, 2023). Com o objetivo de conter a violência em massa que ocorria no país. Esta foi a sétima intervenção francesa desde a independência do país em 1960 (Swed; Arduino, 2023).

Em 2017 chegaram os primeiros componentes do GW por meio de solicitação feita pelo presidente Touadéra aos russos (Dobos; Burton, 2023). Especificamente em reunião com Sergei Lavrov (Ministro das Relações Exteriores da Rússia), Touadéra demonstrou seu desapontamento com as tropas da ONU por não poderem fazer ataques diretos aos rebeldes. Logo, uma centena de civis russos chamados de “instrutores” chegaram na RCA para primeiro, treinar as tropas das FACA, e, depois, entrar em combate direto contra as forças rebeldes (Mohamedou, 2024).

É interessante observar que além do GW, a empresa Sewa Security Services atua como guarda pretoriana do presidente Touadéra, ou seja, busca garantir a segurança de seu governo e dos políticos de alto nível (Jones *et al.*, 2021). Junto dela, a Lobaye Invest (com registro na RCA), uma empresa de mineração que fechou grandes contratos com o Governo da RCA e que é uma subsidiária da M-Invest (com registro na Rússia), ambas tendo Prigozhin como proprietário. Em 2018, a Rússia conseguiu isenção ao embargo de armas impostas pelas Nações Unidas, enviando armas e mais instrutores – cerca de 170 (Dobos; Burton, 2021). Da Lobaye Invest deu-se origem ao primeiro russo Conselheiro de Segurança Nacional de Touadéra – Valery Zakharov, um ex-oficial do GRU que mantinha relações com a embaixada da Rússia no país (Benaso, 2021).

A presença física entre a população é notável. Homens grandes e brancos que não falam francês andando armados junto de membros da FACA ou ainda membros de grupo anti-Balaka recrutados pelos GW (Spearin, 2024), muitas vezes cometendo massacres e abusos sexuais contra a população local (Chinagorom *et al.*, 2025; Strong, 2022).

Em 2019, Prigozhin e membros do GW tiveram um papel inédito para uma EMP, mediar um acordo de paz, a Declaração de Cartum com o governo da RCA e 14 grupos rebeldes, embora o acordo fosse frágil e tenha se desintegrado posteriormente, ele serviu para legitimar temporariamente a presença russa como mediadora da paz e para se entranhar no

regime de Touadéra, utilizando incentivos financeiros e de segurança para "comprar uma paz tênue" (Ameyaw-Brobbe; Antwi-Danso, 2024).

Já em 2020, houve um momento de inflexão, o GW alterou suas prerrogativas de treinamento para o combate direto. Com a crise eleitoral, e a tentativa de impedir a reeleição do presidente Touadéra, seis dos principais grupos rebeldes, incluindo membros do Séléka e anti-Balaka leais ao Bozizé, se uniram na Coalizão de Patriotas pela Mudança (CPC) e iniciaram uma ofensiva contra o governo da RCA (Strong, 2022). Neste período o GW foi essencial tanto para a proteção do governo quanto para a propaganda dele, promoveram transmissões de rádio, desenhos animados e panfletos para apoiar a reeleição de Faustin (Jones *et al.*, 2021).

Na virada do ano para 2021, o grupo já havia tomado Bambari e avançavam para Bangui, naquilo que fora interpretado como um golpe de Estado (Strong, 2022; Jones *et al.*, 2021). Nesta situação, o Ministério dos Negócios Estrangeiros anunciou o envio de mais 300 instrutores para o país, totalizando 2.100 membros do GW (Jones *et al.*, 2021). Em fevereiro de 2021, o ataque foi repellido pela RCA, Ruanda e o GW, e com a contraofensiva sob liderança da EMP.

A eficiência da contraofensiva foi tão grande que 60% do território do país foi retomado, junto de suas reservas de mineração e, por fim, Touadéra se declarou presidente após o segundo turno em março de 2021 (Strong, 2022).

O resultado para o GW foi a expansão de seu contingente e a criação de um “Estado dentro do Estado” – paralelos podem ser feitos com a NKVD (o Comissariado do Povo para Assuntos Internos). O GW iniciou uma fase mais autoritária, com punições civis coletivas – dados da ACLED (Armed Conflict Location & Event Data Project) indicam que o grupo esteve envolvido em mais da metade dos "eventos de violência política" na RCA, com 70% desses eventos visando civis. Em comparação, ataques do GW resultavam em uma média de quatro mortes por incidente, enquanto os da FACA e grupos rebeldes resultavam em apenas um (Spearing, 2024). Os principais alvos eram muçulmanos e das etnias Fulani e Gbaya, de onde vinham as frentes do CPC.

O ganho econômico foi alto, as maiores minas de ouro do país eram protegidas e mantidas por empresas russas, como as de Ndassima. O efeito da presença russa fez com que as forças ocidentais ficassem receosas junto da própria missão da MINUSCA²¹. Em 2022, a França retirou suas tropas e a União Europeia suspendeu o treinamento das FACA sob alegação de graves violações dos direitos humanos (Spearing, 2024; Bosch, 2025).

²¹ Relatos de minas terrestres antipessoal e antitanque armadas pelo GW causaram a morte de um *peacekeeper* da MINUSCA (Jones *et al.*, 2021).

Com isso, o GW consolidou sua posição dentro do Governo de Touadéra, iniciando outros processos além do militar, desenvolvendo propagandas, projetos e financiando jornais e rádios. O objetivo se tornou criar um sentimento antifrancês, inclusive por meio de obras cinematográficas como o filme *The Tourist* (2021), que explora a vinda dos russos para proteção dos africanos.

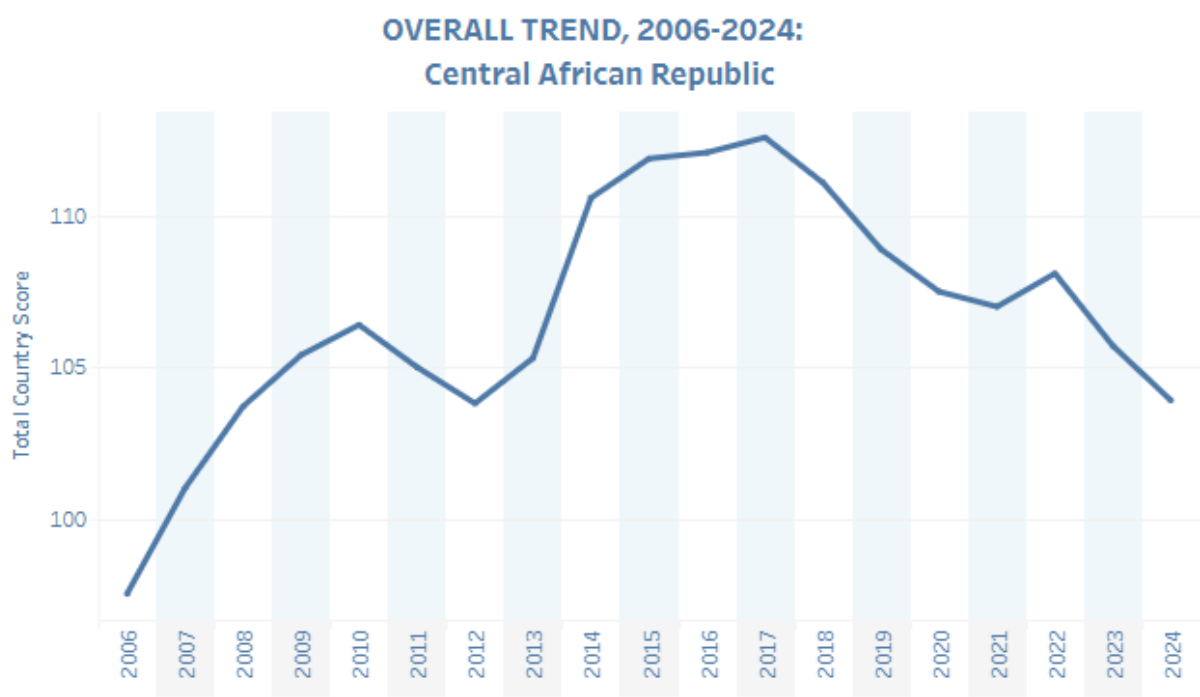
A situação só mudaria com motim do Grupo Wagner em 2023, que deu cabo à vida de Prigozhin e Utkin, se tornou um momento ímpar para a relação da Rússia com suas EMPs e com os governos onde atuam. No caso do GW, muitos membros foram desmobilizados, no entanto, conservou-se aqueles que mantinham negócios na África sob nova nomenclatura – Africa Corps.

Em 2022, houve a mudança de Conselheiro de Segurança Nacional de Touadéra. Vitali Perfilev assumiu o posto de Zakharov, no entanto, há poucas informações sobre ele, além de sua participação em um documentário da produtora VICE (2022), na qual o conselheiro nega a existência do Grupo Wagner e é apresentado mediando debates junto da população.

De acordo com Martin Ziguélé, ex-primeiro-ministro da RCA e opositor do governo, o estado atual do país é de uma dependência colonial do GW, com acordos de defesa que solapam a sua independência do país e o submete a uma relação centro-periferia (Corbeau News Centrafrique, 2025).

Em suma, a situação na República Centro-Africana é instável, de acordo com o *Fragile State Index*, uma metodologia que mede a fragilidade de Estados baseado em dados quantitativos, qualitativos e análise (Fragile States Index, n.d). No entanto, de acordo com o gráfico, seu desempenho melhorou em relação ao ano de 2017, ano com maior taxa desde o levantamento dos dados em 2012. Pettersson e Eck (2018) apontaram a RCA em 2017 como um dos principais Estados frágeis.

Figura 6 – Índice de fragilidade da RCA



Fonte: Fragile States Index [s.d.].

Se compararmos em números conforme o Quadro 9, as operações do GW em relação à Operação Sangaris, mesmo sendo mais bem sucedida para seu contexto, teve excessos de violência e, em termos territoriais, demonstrou pouca efetividade, já o GW conseguiu retomar grande parte do território perdido para os rebeldes.

Quadro 9 – Comparação entre as operações Sangaris e do Grupo Wagner

Parâmetro	Operação Sangaris	Operação Wagner
Total de fatalidades	1.747	1.817
Taxa de Fatalidade	40% superior a qualquer outro período	25% inferior a qualquer outro período
Ataques contra civis	661	537
Ganhos territoriais do Governo	3 eventos	36 eventos
Retomada de território por não-estatais	5 eventos	9 eventos
Âmbito Geográfico	Concentrada na parte Ocidental do país	Mais generalizada, cobrindo também as partes orientais do país

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Swed; Arduino, 2023.

Migrando, então, para o caso do Mali, em 2021, o GW começou a operar no país para cooperar com as forças armadas após a Operação Barkhane²² (Spearin, 2024; Krieger, 2022). O objetivo principal foi realizar operações contra o terrorismo – o GW substituiu essa função na região do Sahel. Além do combate aos terroristas, o grupo também realiza ações parecidas com as da RCA, garantindo a segurança do governo de transição.

O conflito no Mali perdura desde 2012, pela violência gerada pelos grupos *Jama'at Nasr al-Islam wal Muslimin* (JNIM), um conglomerado afiliado à Al-Qaeda, e o Estado Islâmico no Sahel (IS Sahel). Esses grupos utilizam da diferença étnica e do jihadismo para se expandir do norte do país em direção ao centro, tornando diversas regiões malianas ingovernáveis.

Antes da entrada do GW, igualmente no caso da RCA, o conflito iniciou uma escalada violenta (ACLED, 2022). De acordo com o Uppsala Conflict Data Program (UCDP), 2017 foram registradas 605 mortes relacionadas ao conflito, e no período de 2018 até 2020 chegaram a 4.002 (Krieger, 2022). Os golpes militares de 2020 e 2021 agravaram a situação dos franceses e da ONU no país, e fez crescer o sentimento antifrancês e anti-Occidente. Em consequência, a Operação Barkhane se encerrou em 2022 e a Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização no Mali (MINUSMA) em 2023 (Pokalova, 2023).

Pelas características da junta militar maliana, presidida pelo Coronel Assimi Goïta, perquiridas pelo Afrobarometer (2025), assume-se que o governo anticolonial tem mais apoio dos malianos urbanos do que aqueles que estão em zonas de conflito. Ademais, a Junta não demonstrou interesse em retornar a ordem democrática ou promover eleições (Spearin, 2024; Primus, 2025).

Então, materialmente, a entrada dos russos foi natural. Além das crises e da necessidade de um gerenciador da insegurança do Estado, o Mali tem 80% de seus equipamentos de origem soviética e russa (Audinet; Dreyfus, 2023). Logo, o GW estaria mais apto para treinar as Forças Armadas do Mali (FAMa).

Por fim, Putin, em 2021, afirmou que o Mali havia contratado uma EMP russa para segurança dos depósitos de ouro no país (Audinet; Dreyfus, 2023). Fontes da ACLED (2022) apontam uma taxa fixa de 10 milhões de dólares cedidas pelo Governo do Mali ao GW pelos serviços da EMP.

O GW chegou no Mali em aviões cargueiros Il-76 e Antonov-124, operados por membros das Forças Aeroespaciais Russas. Após a chegada, foi construído um campo militar

²² Operação realizada entre 2014 e 2022 pela França para combate das células do Estado Islâmico no Sahel

exclusivo do GW nas proximidades do Aeroporto Internacional Modibo Keita, em Bamako, estabelecendo uma base de operações permanente no país. As bases dos legionários franceses foram ocupadas pelos russos nas cidades de Timbuktu, Gossi, Menaka e Gao - e, outras 13 localidades foram ocupadas (ACLED, 2022).

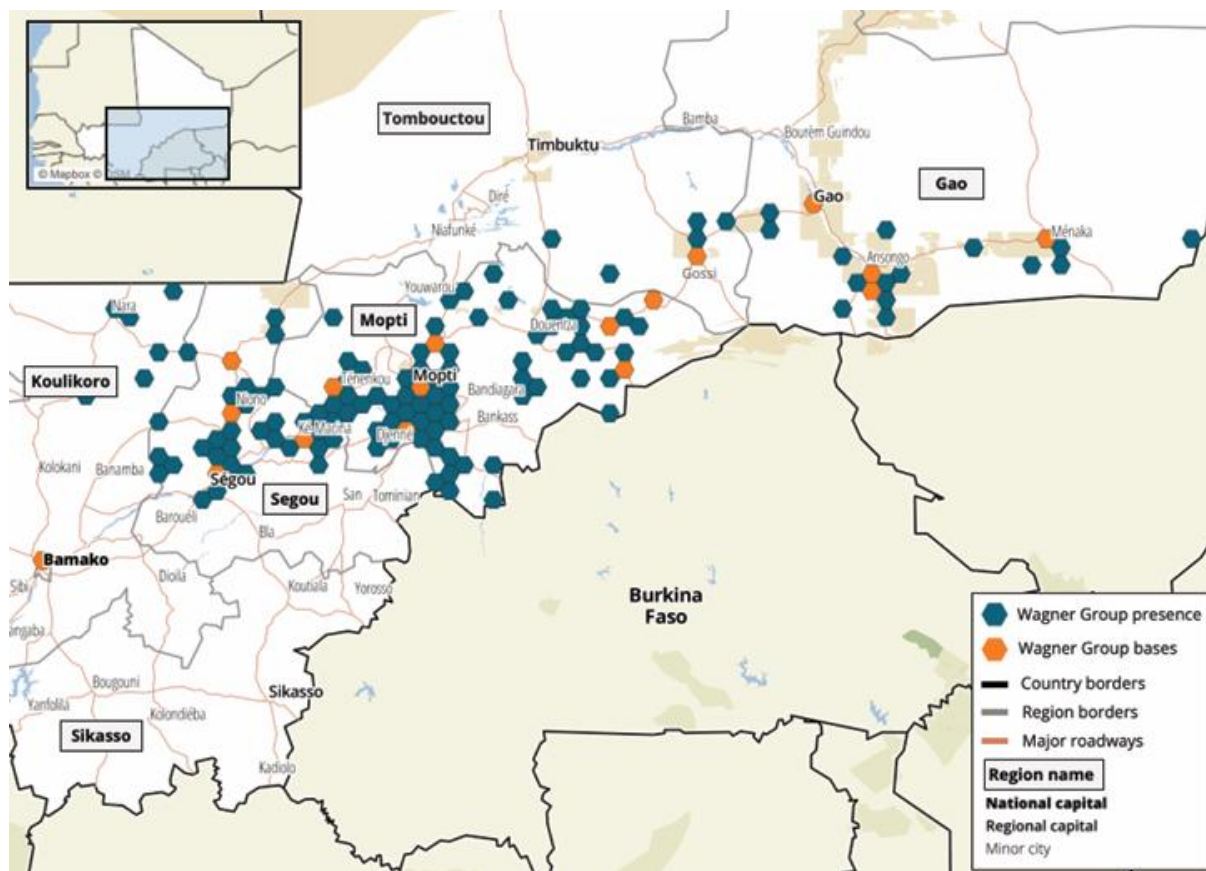
Assim como em outros casos, o governo do Mali negou a chegada de mercenários com o nome Wagner, mas sim de instrutores russos, da mesma forma o Prigozhin continuou a negar a associação do nome aos instrutores. Diferentemente do caso da RCA, o GW no Mali opera juntamente com as FAMa (ACLED, 2022).

O GW no Mali, durante seis meses operacionais, teve apenas nove escaramuças contra o JNIM e uma interceptação com o EI do Sahel, em contraste com os diversos casos de violência contra civis (ACLED, 2022). Ou seja, seu objetivo primário, factualmente, demonstra-se como o controle populacional, especialmente nas regiões de interesses econômicos (Daly, 2023; Strong, 2022). Em 2022, as primeiras marcas de mudança dos meios de conflito foram com o uso de armadilhas pelo GW (ACLED, 2022).

Pouco efetivas, as ações intensificaram a violência jihadista. Em colaboração com as FAMa, o Wagner alcançou vitórias táticas decisivas em batalhas como Korientze, Diallo e Severe (entre fevereiro e abril de 2023), especialmente quando desfrutavam de apoio aéreo (ACLED, 2022). Relatórios da Humans Right Watch (HRW) demonstram a evolução da violação de direitos humanos pelos membros do GW, por meio de ataques discriminados contra civis e uso de violência sexual (HRW, 2023; HRW, 2024).

O mapa a seguir indica as áreas de atuação do GW e suas bases.

Figura 7 – Focos da atuação do GW no Mali



Fonte: ACLED, 2022.

Ivan ‘Miron’ Maslov, um ex-soldado *spetsnaz*, foi identificado como principal líder do Wagner no Mali. Anteriormente ele foi listado como combatente do Wagner na Ucrânia em 2014 e, em seguida, no Sudão em 2018. Sua ascensão se baseou no controle interno do grupo, Maslov executava punições e reportava violações de disciplina. Um relatório sobre a base de Al Jufra, na Líbia lhe foi creditado (Margolin, 2024). Com a queda de Prigozhin, Maslov passou a ser supervisionado pelo GRU.

6.1 O caso da Líbia, Egito, Sudão e Sudão do Sul

Outras regiões importantes da África sob operação do Wagner e, posteriormente, do Africa Corps, são a Líbia, Egito, Chade, Sudão e Sudão do Sul. O grupo se inseriu na Líbia e Egito dentro do contexto da Guerra Civil da Líbia de 2011, como parte do esforço de Khalifa Haftar, senhor da guerra que representa o Exército Nacional Líbio (ENL), herdeiro de Muammar Gaddafi, em um sistema de conflito complexo entre milícias regionais, senhores da

guerra, penetradores (Estados Unidos e Rússia) e a própria Missão de Suporte das Nações Unidas na Líbia (UNSMIL) (Jones *et al.*, 2019).

O cenário líbio é um caso clássico de sobreposição de interesses, o ENL sendo apoiado pelo Egito e Rússia, enquanto, por sua vez, o Governo de Acordo Nacional (AGN) é apoiado pela Turquia e Estados Unidos da América (Jones *et al.*, 2021). Nos CRS, a Líbia se encontra em um complexo de grandes potências, em uma situação de *overlay*, ou seja, em que os interesses exteriores começam a ditar a segurança do Estado, visto a Rússia, EUA e Turquia fazerem parte de outros CRS (Buzan; Waever, 2003).

A intervenção das EMPs começou em 2015, o grupo foi contratado pelo General líbio Khalifa Haftar (líder do governo de Tobruk ou ENL) para fornecer apoio militar contra o governo em Trípoli como um multiplicador de forças, sendo que alguns autores levantam a hipótese de puro oportunismo no alinhamento entre Rússia e Haftar (Hybrid CoE, 2022). Foi relatado que, entre 2015 e 2017, o GW implantou cerca de 200 operadores na Líbia, incluindo atiradores de elite altamente qualificados (Petersohn, 2021). Em março de 2019, fontes do governo britânico citaram a presença de 300 elementos do GW em Benghazi, que teriam fornecido ao ENL tanques, artilharia, munições e drones (AWG; JHU/APL, 2020). E alguns relatos constam caças a jato (Pokalova, 2022)

O controle do ENL sobre a região estrategicamente valiosa da Cirenaica, que contém as instalações petrolíferas críticas da Líbia, e o importante porto de Benghazi, tornou Haftar o parceiro mais viável para promover os objetivos da Rússia (Soroceanu, 2022). Essa parceria, solidificada por meio de reuniões de alto nível iniciadas em 2016, serviu como o principal ponto de entrada para a profunda inserção do GW no conflito líbio, preparando o terreno para seu envolvimento militar direto e decisivo (Pokalova, 2022).

Alegadamente, o GW estava presente na Líbia para garantir os portos de águas profundas de Tobruk e Derna para a frota russa, como uma forma de intercâmbio com outras EMPs de escolta naval como o RSB-Group. Além disso, a atuação do GW na Líbia não pode se dissociar da sua presença no Egito como trampolim para atividades e treinamento do ENL (Jones *et al.*, 2021).

O Egito não faz parte da nossa análise como hospedeira de EMPs. Como uma potência regional, a Rússia o utiliza como plataforma de projeção no Norte da África. Algumas evidências apontam para isso, como a implementação de uma base de forças especiais russas em Masra Mattouh e operadores de drone no campo de aviação Sisi Barrani, 96 quilômetros da faixa de fronteira Egito-Líbia (Jones *et al.*, 2019; Hybrid CoE, 2022).

Em maio de 2020, o Comando Africano dos EUA alegou que a Rússia enviou pelo menos 14 jatos MiG-29 e vários Su-24 da Síria para a Líbia (Jones *et al.*, 2019; Hybrid CoE, 2022). Centros de recrutamento em Homs, Damasco, Khama, Daraa e As-Suwayda utilizados tanto para o exército da Síria quanto para serem enviados para a Líbia (Sukhankin, 2020). Em uma ponderação sobre as capacidades do ENL, Sukhankin aponta para as capacidades do material em relação ao turco e a origem dos recursos humanos:

Primeiro, **Wagner e o ENA são militarmente inferiores** devido ao surgimento de armamento avançado turco — principalmente veículos aéreos de combate não tripulados (VANTs) (T-intell.com, (<https://t-intell.com/2020/05/22/lethal-stalkers-how-turkish-drones-are-neutralizing-haftars-pantsirs-in-libya-bda/>) 22 de maio). Em segundo lugar, os russos enfrentam problemas crescentes com Haftar, que teria acusado os russos de enviar “**combatentes não tão experientes da Síria, Bielorrússia e Sérvia**” e de não cumprir suas obrigações contratuais de pagar aproximadamente US\$ 150 milhões ao Grupo Wagner (Libya Observer, (<https://www.libyaobserver.ly/news/report-haftar-owes-russian-wagner-group-150-million-rift-grows-over-rookie-fighters>) 14 de maio). Em terceiro lugar, a Rússia está usando forças mercenárias como forma de pressionar Haftar — que já incomodou Moscou em várias ocasiões — a se tornar mais dócil. (Sukhakin, 2020, p. 2, tradução nossa,²³grifo nosso)

A presença do GW na Líbia é similar no caso sírio, visto o movimento pendular entre a presença dos soldados do GW em ambos os países. Em termos operacionais, o GW iniciou suas operações de desminagem, guarda de portos e treinamento do ENL como instrutores militares a partir de bases estacionárias em Bengazi e Tobruk (Hybrid CoE, 2022; Pulaski, 2023; Neethling, 2023). Em 2018, o GW começou a assumir um papel mais ativo no campo de batalha, assim, no auge da campanha de 2019 para capturar Trípoli, a atividade da EMP russa aumentou drasticamente, com a maioria das fontes indicando a presença de 800 a 1.200 membros envolvidos diretamente em combate (Strong, 2022).

As principais bases estão em Al-Khadim (base aérea), Sirte e Al-Jufrah. Na base aérea de Jufra, os russos estavam construindo pistas de pouso, hangares e centros de comunicação para o transbordo de mais aeronaves militares MiG-29 (Oliinyk, 2023). Ao Sul, em Sabha, bases do GW mantém a supervisão das petroleiras (Pulaski, 2023). Em 2019, o GW começou a aparecer diretamente participando dos confrontos com o ENL na ofensiva contra Trípoli (Pokalova, 2023).

²³ “First, Wagner and the LNA are militarily inferior due to the emergence of Turkish advanced weaponry—primarily unmanned combat aerial vehicles (UCAVs) (T-intell.com, (<https://t-intell.com/2020/05/22/lethal-stalkers-how-turkish-drones-are-neutralizing-haftars-pantsirs-in-libya-bda/>) May 22). Second, Russians face rising issues with Haftar, who has reportedly accused Russians of sending, “not so experienced [fighters] from Syria, Belarus and Serbia” and failing to fulfill his contractual obligations of paying approximately \$150 million to the Wagner Group (Libya Observer, (<https://www.libyaobserver.ly/news/report-haftar-owes-russian-wagner-group-150-million-rift-grows-over-rookie-fighters>) May 14). Third, Russia is using mercenary forces as leverage to make Haftar—who has unnerved Moscow on several occasions—more docile (v=C2Ljr8bbwuU&t=4056s) June 16)”.

A cidade de Bani Walid, por sua localização próxima à Trípoli, tornou-se um ponto de alavancagem para as operações do ENL e GW (Sukhankin, 2021) e, segundo Jones et al. (2021), a cidade faz parte do transbordo de equipamentos. O GW atuou como um multiplicador de forças, realizando tarefas especializadas como de observadores avançados de artilharia e equipes de *snipers* (atiradores de elite) (Pokalova, 2023).

Então, em suma, o GW operava como uma tropa destacada que realizava atividades especializadas que um soldado líbio não conseguiria executar, como operar os sistemas de armas fornecidos pela Rússia ou desenvolver táticas. O GW ajudou a implantar armamento russo avançado, incluindo sistemas de mísseis superfície-ar modernos como o Pantsir S-1 (Pulaski, 2023) e ajudou a operar aeronaves militares, incluindo os MiG-29A e Su-24, transferidos da Síria, por pilotos do GW e realizaram ataques diretos, como ataques terrestres (Pokalova, 2023). Além de que, no nível do conflito, os membros do GW já tinham experiência operacional na Crimeia, Georgia, Síria e Chechênia.

Algumas armas utilizadas na Líbia demonstram a forte relação com o Estado russo, como o míssil Kalibr e o sistema de defesa antimísseis S-300, que são de uso típico das Forças Armadas Russas (Hybrid CoE, 2022). Assim, a Líbia é uma das principais bases de operações do GW na África, sendo usada como base avançada para a expansão de operações e influência em toda a região do Sahel (Chade, Mali e Níger) (Oliinyk, 2023).

O desastre humano advindo da intervenção está intimamente ligado ao contexto da guerra civil e da violação tanto de direitos humanos quanto do direito humanitário (*jus in bellum*). O grupo foi acusado de matar e mutilar civis, incluindo crianças, um exemplo citado é a vila de al-Sbeaa, ao sul de Trípoli em 2018 (Soroceanu, 2022).

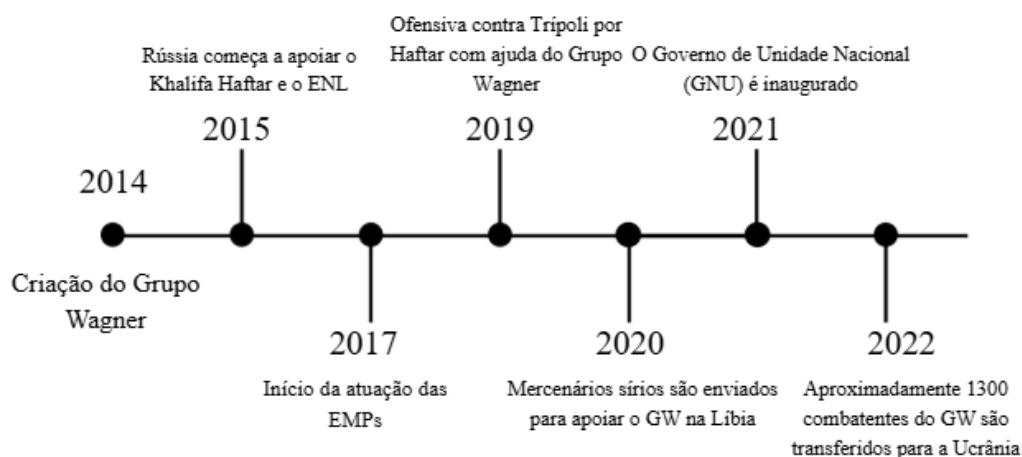
Nas relações entre combatentes, a Convenção de Genebra não é respeitada, se um combatente é capturado e não tem informações ou não está apto para o trabalho escravo, segundo um ex-combatente do GW, o “destino dele é óbvio” (Soroceanu, 2022, p. 162). A já ausência do Estado de Direito permite que as atividades do GW na Líbia – incluindo o contrabando e a extração ilícita de recursos – fomentem a expansão do crime organizado (Badawi, 2024).

A HRW documentou casos de vários habitantes da Líbia que foram mortos por minas terrestres armadas por membros do GW. O uso de minas terrestres e armadilhas explosivas (*booby traps*) em áreas civis, em violação do direito internacional, é uma acusação específica feita contra somente o GW. E moradores de Bani Walid protestaram pela presença do grupo na cidade ser associada à morte de civis. Em 2021, o procurador do Tribunal Penal Internacional (TPI) alertou as EMPs russas na Líbia de que poderiam ser processadas pelo alegado uso de

tortura, detenção arbitrária e violência sexual e baseada em gênero (*sexual and gender-based violence* - SGBV) (Jones *et al.*, 2021).

A figura 8 apresenta a linha do tempo da participação do GW na Líbia, destacando a entrada do grupo, seus principais confrontos e a subsequente saída para o Conflito Russo-ucraniano.

Figura 8 – Linha do tempo do GW na Líbia



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Marten, 2019; Pokalova, 2022.

Em suma, o caso líbio nos apresenta uma participação robusta e mais bem documentada do que os casos que apresentamos anteriormente. Como evidenciado, a Rússia encontra no Norte da África uma base operacional para intercambiar as ações tanto no complexo de segurança do Oriente Médio quanto no complexo Subsaariano, os portos de alta profundidade (Tubruk, Bengasi, Bacia de Sirte) são essenciais para isso, além das bases no vizinho Egito.

Na perspectiva político-econômica, o emprego do GW neste cenário de guerra civil é baseado em três imperativos: (i) o controle dos postos de petróleo e gás natural; (ii) ter o controle dos portos de alta profundidade e (iii), como consequência, a garantia do poder de um pró-Rússia e anti-Occidente na Líbia, o Khalifa Haftar. Algumas evidências estão no gigante russo Rosneft²⁴ que assinou um acordo em 2017 para a compra de petróleo bruto, com o objetivo de pavimentar o caminho para investimentos no setor de energia. Em junho de 2020, o GW assumiu a custódia do El Sharara, o maior campo de petróleo da Líbia, do complexo petroquímico de Ras Lanuf, o campo de petróleo de Zillah e os portos de Es Sider e Zuetina – basicamente monopolizando a atividade petrolífera do sul da Líbia (Pokalova, 2023; Hybrid

²⁴ Empresa de petróleo e gás.

CoE, 2022). Como forma de criar liquidez na economia, a Rússia apoiou Haftar na impressão de moeda para restaurar a liquidez nas áreas sob seu controle (Jones *et al.*, 2021).

O quarto país neste subtópico que possui uma relação próxima com o GW é o Sudão. Sua situação é extremamente complexa e a visualizamos em fases, anteriormente ao início da Guerra Civil em 2023, em 2017 os primeiros membros do GW já pousavam em Darfur para fazer a proteção do então presidente Al Bashir (Jones *et al.*, 2021). O GW foi destacado para evitar a transição de regime, e a moeda de troca foram os recursos naturais (Ferreira; Kostiuk; Rodrigues, 2023). Concessões de mineração de ouro foram oferecidas pela M-Invest e Meroe Gold, empresas russas ligadas ao Prigozhin (Mehra; Demuyneck, 2025).

Após uma viagem de Al-Bashir para Moscou se alinhar com Vladimir Putin e Serguei Lavrov em 2017, a cooperação econômica, política e em segurança se consolidou deixando o terreno preparado para o GW (Larsen; Wivel, 2025).

Inicialmente, o GW começou a treinar as Forças Armadas Sudanesas (SAF) junto das Forças de Suporte Rápido (RSF), que se digladiaram em 2023 (Daly, 2023), mas também com o objetivo de garantir a exploração de minérios e uma base naval para a Rússia (Larsen; Wivel, 2025). Uma filmagem mostrando russos treinando soldados locais no Sudão foi divulgada em 12 de dezembro de 2017 (Carter Jr., 2020).

Os principais problemas para o GW eram lidar com os protestos. Para isso, treinaram as forças de operações especiais do Serviço Nacional de Inteligência e Segurança do Sudão e a polícia do país (Shaw, 2020; Larsen; Wivel, 2025). Segundo Larsen e Wivel:

O Grupo Wagner também provou ser uma ferramenta para a diplomacia pública russa no Sudão. Em 2021, Prigozhin, por meio de uma empresa de mineração local, doou 198 toneladas de alimentos aos sudaneses pobres durante o Ramadã. A doação incluiu itens básicos como arroz, açúcar e lentilhas, bem como 28 toneladas de biscoitos importados da Rússia. Embora outras regiões fossem mais necessitadas, 10 toneladas de alimentos foram enviadas diretamente para Porto Sudão, um local onde a Rússia está fazendo *lobby* para obter uma base naval. Os esforços de diplomacia pública do Grupo Wagner também incluíram tentativas mais amplas de influenciar o público a favor do regime apoiado pela Rússia. Nessa capacidade, o Grupo Wagner conduziu campanhas de desinformação para desacreditar os protestos antigovernamentais, entre outras táticas, postando como ativistas de base fazendo uma campanha na mídia contra o movimento de protesto (Larsen; Wivel, 2025, p. 10, tradução nossa).²⁵

²⁵ “The Wagner Group has also proved to be a tool for Russian public diplomacy in Sudan. In 2021, Prigozhin, through a local mining company, donated 198 tons of food to poor Sudanese during the Ramadan. The donation included basics such as rice, sugar and lentils as well as 28 tons of Russian imported cookies. Even though other regions were more needy, 10 tons of the food were sent directly to Port Sudan, a site of Russian lobbying for a naval base. Wagner Group public diplomacy efforts also included broader attempts to sway the public in favor of the Russian backed regime. In this capacity the Wagner Group conducted disinformation campaigns to discredit the anti- government protests, by among other tactics, posting as grassroots activists doing a media campaign against the protest movement.”.

A imagem pública do GW no Sudão é reforçada, bem como a imagem da própria Rússia, por meio de ações que captam os corações e mentes de seus anfitriões e desacreditam a oposição com desinformação.

O Sudão é relevante para os objetivos russos de estabelecer uma presença militar em Porto Sudan (no Mar Vermelho). Em fevereiro de 2023, o governo sudanês finalizou a revisão de um acordo para a base russa no Mar Vermelho (Chinagorom *et al.*, 2025).

O pessoal do GW foi alegadamente observado nas ruas perto das operações do NISS suprimindo protestos anti-Bashir²⁶ em Cartum no final de dezembro de 2018 (Shaw, 2020). Algumas fontes afirmam que russos ajudaram a reprimir protestos no Sudão, no entanto, o Kremlin negou tais alegações (Larsen; Wivel, 2025).

Mas, em 2019, Al-Bashir caiu em meio a protestos seguidos de um golpe militar das próprias SAF, deixou o cargo que ocupava desde 1989 (Hybrid CoE, 2022). Tanto Ameyaw-Brobbe e Antwi-Danso (2024) quanto Górká (2023), apontam um nexo causal entre o emprego do GW como uma força violenta e a subsequente queda de Al-Bashir, que pleiteava uma reeleição inconstitucional e utilizou o GW como seus propagandistas e tropa de choque em protestos.

Em uma matriz de cálculo político, a Rússia, ao perder seu aliado, rapidamente se alinhou com o Conselho Militar de Transição (CMT) e escolheu trabalhar, em particular, com o General Mohamed Hamdan Dagalo (chamado de Hemedti), líder das RSF, visando assegurar o futuro de seus contratos de mineração e seus interesses econômicos (ouro) no país (Pokalova, 2023).

A Rússia se realinhou para manter seus negócios de forma pragmática. Neste caso, Hemedti fora vice-presidente do CMT, mas um líder de uma facção das FAS, a FSR. A Rússia, neste caso, preferiu romper as suas relações com Al-Bashir e optar pelo lado com maior poder militar, sem vieses ideológicos.

Hemedti era um parceiro particularmente valioso, pois suas forças controlavam as minas de ouro na área de Darfur, garantindo ao GW acesso contínuo ao principal recurso econômico do Sudão (Neethling, 2023). Sobre a questão econômica:

Em novembro de 2022, a organização sem fins lucrativos *Organised Crime and Corruption Reporting Project* (OCCRP), sediada nos Estados Unidos, publicou um relatório alegando que o Grupo Wagner canalizou recursos para o regime sudanês em troca de acesso preferencial à lucrativa indústria de mineração de ouro naquele país. É interessante notar que todas as empresas de mineração estrangeiras que operam no Sudão são obrigadas a conceder ao governo sudanês 30% de suas ações, para que o Sudão possa se beneficiar de toda a extração de ouro. A exceção notável é a operação de mineração de Prigozhin, uma subsidiária chamada Meroe Goldwas, que foi criada

²⁶ Organizados por vários movimentos civis e descentralizados

em 2017, quando os laços e a cooperação entre a Rússia e o Sudão foram ativamente solidificados. Além de dispensar os 30% da Meroe, al-Bashir também concedeu à Meroe Goldwas direitos de exploração para outra reserva potencial de ouro (Neethlin, 2023, p. 12-13, tradução nossa)

Hemedti concordou em ceder bilhões em mineração para a Rússia em troca de apoio político e militar (Oliinyk, 2023). Em fevereiro de 2022, Hemedti, então vice-presidente do Conselho Soberano, realizou uma visita de oito dias a Moscou, onde se encontrou com altos funcionários russos, incluindo Serguei Lavrov (Larsen; Wivel, 2025).

Em 2023, eclodiu o conflito entre as SAF sob liderança de al-Burhan (presidente Conselho de Soberania) e as RSF sob liderança de Hemedti (vice do mesmo conselho). O motivo foi a integração das RSF, formado de milícias janjaweed, às forças armadas do país, em busca de retomar o Estado de Direito (Larsen; Wivel, 2025).

O GW continuou apoiando as SAF nos períodos iniciais da guerra, fornecendo mísseis terra-ar (Ameyaw-Brobbe; Antwi-Danso, 2024). O GW foi um grande intensificador do conflito, sendo um multiplicador de forças das RSF. Mas, a Rússia mantinha uma relação próxima com o regime militar empossado e como este conflito se iniciou durante o segundo ano do Conflito entre Rússia e Ucrânia, muito do ouro coletado era diretamente enviado para a Rússia para financiar o conflito e superar as sanções crescentes (Mohamedou, 2024).

Enquanto o Sudão mantinha relação próxima com o GW, o seu vizinho recém independente, o Sudão do Sul, não possui uma forte presença do GW, mas ainda assim está aqui citado pois, como os conflitos sofrem de transbordamentos (*spillover*), houve algumas escaramuças na fronteira tripla entre RCA, Sudão e Sudão do Sul, além de relatos de um militante separatista de Donetsk, Igor Strelkov, que, em 2017, apontou o Sudão do Sul como um plano do GW após a Síria (Pokalova, 2023). Em síntese, ainda que o Sudão do Sul não seja um teatro operacional, é cobiçado como um projeto futuro.

6.2 O fracasso em Moçambique e a relação com a ditadura em Burkina Faso e Níger

Em 2018, a Rússia e Moçambique já negociavam acordos de cooperação militar e de acesso aos portos, e empresas como Rosneft e Gazprom ganharam licenças para explorar o país (Strong, 2022). No mesmo modelo de negócios da RCA, Mali e Sudão, o GW foi convidado para lidar com jihadistas do grupo Ahlu-Sunnah Wa-Jama (ASWJ) na província de Cabo Delgado, rica em gás natural. O GW desembarcou em setembro de 2019 com 200 membros (Benaso, 2021).

O combate foi todo baseado na tática de contrainsurgência, em um terreno desconhecido de selva e sem apoio da inteligência, o grupo se encontrava além de qualquer capacidade. O GW teve um sucesso muito mais limitado ao lutar contra grupos insurgentes em comparação com confrontos militares tradicionais (ACLED, 2023).

O grupo sofreu pesadas baixas, de acordo com relatórios sete mercenários foram mortos em emboscadas por extremistas islâmicos um mês após sua chegada (Carte Jr., 2020). O comandante do GW, "Granit" (Aleksander Bondarenko), foi morto em Mocimboa de Praia em 5 de outubro de 2019, num ataque em que a equipe foi emboscada (Margolin, 2024). Além de episódios de decapitação de civis e membros das Forças Armadas (Benaso, 2021).

Além dos entraves operacionais, a desconfiança dos militares de Moçambique e a fácil emboscada por meio de disfarces de insurgentes, foram um fator a mais para a total insegurança do grupo. A situação desfavorável fez o GW retroceder e ser substituído pela Dyck Advisory Group, EMP sul-africana (Strong, 2022).

Os fatores de falta de preparação, inteligência, o ambiente de selva, o número de baixas e falta de coordenação com os militares do país foram colocados na balança de risco e ganho, vendo a falta de necessidade de escalar o conflito e a já boa relação entre Rússia e Moçambique, o GW se retirou do país em abril de 2020 (Doxsee, 2022)

Passando para dois casos em que a Rússia e o GW possuem relação estreita, Burkina Faso e Níger possuem operações parecidas. Burkina Faso tem uma história recente marcada por ciclos de agitação política e golpes militares consecutivos (Kumar, 2023). O país sofreu golpes em janeiro e setembro de 2022 (Margolin, 2024). Em 2023, cerca de 40% do território do Burkina Faso era controlado por grupos armados não estatais (Kumar, 2023).

O interesse do GW no país veio após o golpe do Tenente-Coronel Paul-Henri Sandaogo Damiba, o que levou a Alesksandr Ivanov, porta-voz de uma organização ligada ao GW na RCA, manifestar o desejo de compartilhar o conhecimento de instrutores russos (Audinet; Dreyfus, 2023). No entanto, o Grupo Wagner nunca conseguiu enviar recursos para Burkina Faso, visto o governo ter receio dos empreendimentos de natureza exploratória de Prigozhin (Margolin, 2024).

Em contrapartida, com a ascensão do AC, foram enviados mais de 100 combatentes para Ouagadougou (Bosch; Kimble, 2025). O correligionário de Burkina Faso era o próprio Estado russo e possuía acordos de economia formal, com a construção de refinarias de ouro e acordos para projetos de energia nuclear civil. Além de uma base militar construída, o AC também servia de empresa guarda-chuva para EMPs russas menores, como a *Bear Brigade PMC* (Mehra; Demuynck, 2025).

Menos de um ano após o segundo golpe em Burkina Faso, o Níger sofria um golpe militar em julho de 2023 e Prigozhin também ofereceu apoio à Junta militar (Kumar, 2023). Fortaleceu o discurso com a promessa de restaurar a ordem no país e eliminar terroristas, além de acusar a França e o Ocidente como colonialistas (Margolin, 2024).

Após a queda de Prigozhin, o AC conseguiu lograr um acordo com o país e a chegada dos instrutores se deu em abril de 2024, documentado por câmeras. As missões do AC no Níger enquadram-se na oferta de um modelo de serviços de segurança e influência chamado por analistas como “Pacotes de Segurança Estatal” (Larsen; Wivel, 2025).

6.3 Participações menores em outros países

Os países listados anteriormente são considerados mais relevantes para este estudo, além deles, outros que também consideramos com relevância, mas que ainda possuem muito pouco material disponível ou que são empreendimentos ainda iniciais.

Um caso em que o GW teve pouca projeção foi o Chade, considerado um impasse para os analistas de política internacional. O país sofre de instabilidade política junto de terrorismo e grupos rebeldes, no entanto, não há um acordo com os russos, ainda mais com o GW. Durante o golpe de 2021, que colocou Mahamat Déby no poder, o GW supostamente treinou soldados chadianos que poderiam tomar o poder de Déby (Jones *et al.*, 2021).

Com o encontro e melhora de relações entre Putin e Déby em 2024 (Melly, 2024), a hipótese de o GW estar promovendo o transbordamento do conflito e um golpe de Estado, subsequentemente, é pouco provável em nossa análise. Como uma ex-colônia francesa, estaria em busca de relativa estabilidade, como um dos poucos regimes do tipo no Sahel, aos poucos se desvinculando da França, por exemplo pela saída dos franceses do país (Fröhlich, 2024). Por consequência, observamos um caso de barganha entre Rússia e Ocidente com relativa autonomia.

O caso venezuelano em que 400 membros do GW desembarcaram em 2019 para fazer a segurança do Presidente Nicolás Maduro (Miranda *et al.*, 2024). E Madagascar, que implantou contratados no país, o GW forneceu segurança para estrategistas políticos ligados a Yevgeny Prigozhin, sendo o país visado pela Rússia devido à sua governança fraca e recursos naturais (Jones *et al.*, 2021; Rosa, 2022).

Em Angola, Guiné-Equatorial e Guiné-Bissau expandiu suas operações relacionadas à mineração, a empresa russa Alrosa assinou um acordo de diamantes com a Catoca Mining em 2018 (Cordesman, 2020; Heinemann-Grüder, 2023). Na RDC, o GW enviou observadores para

as eleições, o país é citado como um exemplo onde a Rússia utilizou um mecanismo duplo, combinando apoio técnico-militar legal com o uso de formações "ilegais", embora a baixa presença militar russa em posição de combate fosse uma característica das operações africanas, focando em ganhos econômicos e geopolíticos (Rosa, 2022).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo este estudo, com base nos dados obtidos, podemos afirmar que as EMPs não são passageiras da cultura estratégica russa. Esses grupos participam das ações da política externa da Rússia, com centralização em órgãos como FSB, GRU e MD, executam diversas tarefas que o Estado russo não conseguiria de forma velada ou sem sanções automáticas.

Estabelecem relações com os governos e supervisionam as operações econômicas de empresas russas no exterior. Se organizam em redes de empresas com o objetivo de contornar as sanções à Rússia. E garantem a proteção de regimes próximos à Rússia.

O uso de EMP pela Rússia, então, reflete não só o emprego dos cossacos, além deles, as EMPs russas reformulam os conceitos de forças nacionais e de setor de segurança. Tornam-se novos atores em conflitos internacionais, rebalanceiam conflitos e demonstram o poder de penetração (Buzan; Waever, 2003) da Rússia que difere operacionalmente de intervenções abertas de franceses e estadunidenses.

Além da política externa, as EMPs também possuem papel social na Rússia, são a expressão do fervor patriótico de grupos pró-Rússia. Muitas vezes são organizações de curta vida, mas que já fornecem treinamento militar para conscritos das forças regulares. Também são consideradas uma forma de controle social de grupos extremistas neonazistas, pró-monarquia e criminosos.

Em suma, as EMPs apresentadas são parte essencial do aparato militar e de segurança russo. Participam de diversos conflitos onde são os únicos representantes dos interesses russos. Seu futuro não é incerto como podemos ver com o caso da queda do Grupo Wagner que foi absorvido em outras EMPs. Se desenvolve uma verdadeira “cultura de EMPs” na Rússia do tipo *fly by night*, mobilizados em prol do interesse russo, e junto disso a escalção da violência e conflito em várias regiões da África, Oriente Médio e Leste Europeu, onde, segundo McFate (2015), cada vez mais ocorre a sobreposição de soberanias e gerências, e não o fim de crises.

REFERÊNCIAS

ACLED. Armed Conflict Location & Event Data Project. **Moving out of the shadows: shifts in Wagner Group operations around the world**. Grafton, WI: ACLED, 02 ago. 2023. Disponível em: <https://acleddata.com/report/moving-out-shadows-shifts-wagner-group-operations-around-world>. Acesso em: 04 jul. 2025.

ALIYEV, Hasan. Why Are Some Civil Wars More Lethal Than Others? The Effect of Pro Regime Proxies on Conflict Lethality. **Political Studies**, [S.l.], v. 68, n. 3, p. 749–767, 2020.

ALPHA-B. Private security company "Alpha-B". **About us, services and corporate information**. [S.l.: s.n.], 1993-2025. Disponível em: <https://www.alpha-b.ru/about>. Acesso em: 30 out. 2025.

AMOAHA, Michael. Private military companies, foreign legions and counterterrorism in Mali and Central African Republic. **African Affairs**, [S.l.], 2023.

AMEYAW-BROBBEY, Thomas; ANTWI-DANSO, Vladimir. Selling security to Africa: private military and security companies (PMSCs) and the fate of African intrastate security. **Small Wars & Insurgencies**, v. 35, n. 6, p. 1050-1078, 17 jan. 2024. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09592318.2024.2344489>. Acesso em: 15 ago. 2025.

ASLUND, Anders; SNEGOVAYA, Maria. **The impact of Western sanctions on Russia and how they can be made even more effective**. In: Atlantic Council. Atlantic Council, 2021. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/in-depth-research-reports/report/the-impact-of-western-sanctions-on-russia/>. Acesso em: 24 out. 2025.

ASSER, Martin. The Muammar Gaddafi story. **BBC News**, 21 out. 2011. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/news/world-africa-12688033>. Acesso em: 24 out. 2025.

AUDINET, Mathieu; DREYFUS, Elina. **A Foreign Policy By Proxies? The Two Sides of Russia's Presence in Mali**. Report 97. IRSEM, set. 2022, atualizado jan. 2023.

AVANT, Deborah. **The Market for Force: The Consequences of Privatizing Security**. New York: Cambridge University Press, 2005.

AVATKOV, V.; SBITNEVA, A. Odin v pole ne voin: vedushchie ChVK Turtsii. In: **PUTI K MIRU I BEZOPASNOSTI**, Moscou, n. 2 (65), p. 219-232, 2023.

BÄCKSTRÖM, Olli. Regular Armies. In: BÄCKSTRÖM, Olli. **Military Revolution and the Thirty Years War 1618-1648: Aspects of Institutional Change and Decline**. Helsinki: Helsinki University Press, 2023. Cap. 3, p. 87-164.

BACHÉ, Didier. Mali: six bergers exécutés por Wagner près de Nara, à la frontière avec la Mauritanie. **RFI**, [S.l.], 8 nov. 2024. Disponível em: <https://www.rfi.fr/fr/afrique/20241108->

mali-six-bergers-exécutés-par-wagner-près-de-nara-à-la-frontière-avec-la-mauritanie. Acesso em: 5 ago. 2025.

BADAWI, H.; DAABUL, M. The Wagner Group: complex web of intrigue and geopolitics structure. **Arab Journal for Security Studies**, v. 40, n. 2, p. 262-282, 2024.

BARKALOVA, Ekaterina. "**Pravoslavnaia ChVK**" ot milliarda, sviashchennika i silovika [PMC "Orthodox" from a Billionaire, a Priest and a Silovik]. [S.I.: s.n.], [2024]. Disponível em: <https://paperpaper.io/pod-vidom-pravoslavnoj-chvk-kak-mill/>. Acesso em: 5 ago. 2025.

BBC. Chad exploits Russian-Western rivalry to its advantage. **British Broadcasting Corporation (BBC)**, 4 out. 2024.

BBC NEWS RUSSKAIA SLUZHBA. Iz "Akhmata" v Mariupol. Rukovoditel' chechenskogo boïtsovskogo kluba poluchil doli v kompaniakh v okkupirovannoi "DNR" [From "Akhmat" to Mariupol. The Head of the Chechen Fighting Club Received Shares in Companies in the Occupied "DNR"]. [S.I.]: BBC News Russkaia Sluzhba, [2024]. Disponível em: <https://www.bbc.com/russian/articles/cv2qxnk59790>. Acesso em: 5 ago. 2025.

BENASO, Ryan. **Invisible Russian Armies: Wagner Group in Ukraine, Syria and the Central African Republic**. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Internacionais) - University of San Francisco, San Francisco, 2021. Disponível em: <https://repository.usfca.edu/thes/1384>. Acesso em: 1 out. 2025.

BENEDETTI, Darío de. Mercenarios, Estado y guerra. In: IPAR, Ezequiel; TONKONOFF, Sergio (orgs.); FÉRNANDEZ, Mariana; LASSALLE, Martina (coords.). **Teoría, política y sociedad: reflexiones críticas desde América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2018. Cap. 12, p. 193-208. Disponível em: https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/16639/1/Teoria_politica_sociedad.pdf. Acesso em: 13 mai. 2025.

BLANCHFIELD, Lynn. **The United Nations System: Frequently Asked Questions**. Washington D. C.: Congressional Research Service, 2023. 22 p. Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/R/R47715>. Acesso em: 12 out. 2023.

BOBROV, Dmitry; GARIEV, Denis. Interv'iu s dobrovol'tsem: 'Vse uspekhi SVO derzhatsia iscliuchitel'no na geroizme russkogo soldata' [Interview with a volunteer: 'All successes of the SMO are based solely on the heroism of the Russian soldier']. **Telegraph**, [S.I.], 9 jul. 2022. Disponível em: <https://telegra.ph/Intervyu-s-dobrovolcem-Vse-uspehi-SVO-derzhatsya-isklyuchitelno-na-geroizme-russkogo-soldata-07-09>. Acesso em: 5 ago. 2025.

BOGOVIZ, A. V.; LOBOVA, S. V.; RAGULINA, Y. V.; ALEKSEEV, A. N. Russia's Energy Security Doctrine: Addressing Emerging Challenges and Opportunities. **International Journal of Energy Economics and Policy**, v. 8, n. 5, p. 1-6, 2018. Disponível em: <https://www.econjournals.com/index.php/ijeep/article/view/6736>. Acesso em: 14 out. 2024.

BUKKVOLL, Tor; ØSTENSEN, Åse G. The Emergence of Russian Private Military Companies: a new tool of clandestine warfare. **Special Operations Journal**, [S.I.], v. 6, n. 1, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/23296151.2020.1740528>. Acesso em: 3 mar. 2025.

BORSHCHEVSKAYA, Anna. **Russia Foreign Policy Papers**. Foreign Policy Research Institute, 2019. Disponível em: <https://www.fpri.org/wp-content/uploads/2019/12/rfp4-borshchevskaya-final.pdf>. Acesso em: 24 out. 2025.

BOSCH, Shannon Joy; KIMBLE, Matthew. State Responsibility for Violations of International Humanitarian Law and Human Rights Law by Private Security Companies in Africa: The Case of the Wagner Group and Africa Corps. **Journal of African Law**, [S.l.], p. 1–18, 2025.

BOUSSEL, Pierre. **Russian Private Military Companies**. TRENDS Research & Advisory Publications, 2024.

BUZAN, Barry; WÆVER, Ole. **Regions and Powers: The Structure of International Security**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. (Cambridge Studies in International Relations: 91). 564 p. ISBN 978-0-521-81412-6.

BUZAN, Barry; WÆVER, Ole; WILDE, Jaap de. **Security: A New Framework for Analysis**. Boulder, Colorado: Lynne Rienner Publishers, Inc., 1998. 294 p. ISBN 1-55587-603-X.

BRASIL. Ministério da Defesa. Política Nacional de Defesa; Estratégia Nacional de Defesa. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/os-documentos-da-defesa>. Acesso em: 27 dez. 2025.

BRUNEAU, Thomas C. **Outsourcing National Defense**. Estados Unidos da América: Lynne Rienner Publishers, 2023. 177 p.

CAFERRO, William P. Warfare and Economy in Renaissance Italy, 1350–1450. **The Journal of Interdisciplinary History**, v. 39, n. 2, p. 167-209, out. 2008. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/20143817.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2025.

CALVERT, Michael. Counterinsurgency in Mozambique. **The RUSI Journal**, v. 118, n. 1, p. 81-85, 1973.

CHINAGOROM, Alita Emmanuel et al. Non-State Actors and Proxy Warfare Dynamics in Sub-Saharan Africa: Interrogating the Wagner Group. **Ibadan Journal of the Social Sciences**, Ibadan, v. 23, n. 1, Edição Especial, p. 1-11, 2025. Disponível em: <https://ijss-ui.com.ng/volume-23-issue-1-2025/1737-2/>. Acesso em: 16 set. 2025.

COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA. **Documento de Montreux**, 17 de setembro de 2008. Disponível em: <https://www.montreuxdocument.org/media/pdf/MontreuxPO.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2024.

CONSTRUCTIVE DESTRUCTION. In: **Russia in Global Affairs**. Moscou, n. 01, jan./fev. 2022. Disponível em: <https://eng.globalaffairs.ru/articles/from-destruction-to-gathering/>. Acesso em: 5 ago. 2025.

CONVENÇÃO DE GENEBRA I, 12 de agosto de 1949. Disponível em: https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/normativa_internacional/Sistema_ONU/DH.pdf. Acesso em: 14 mai. 2024.

CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. **Council Decision (CFSP) 2020/1999 of 7 December 2020 Concerning Restrictive Measures against Serious Human Rights Violations and Abuse**. [S.l.]: Council of the European Union, 2020. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/PDF/?uri=CELEX:02020D1999-20230908>. Acesso em: 5 ago. 2025.

CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. **The Business of War – Growing risks from Private Military Companies**, 31 de agosto de 2023. [S.l.: s.n.], 2023.

DEITCH, T. L.; KULKOVA, O. S. Problemy mira i bezopasnosti v sotrudnichestve Kitaia so stranami Afriki [Problems of peace and security in China's cooperation with African countries]. In: **PUTI K MIRU I BEZOPASNOSTI**, Moscou, n. 2 (65), p. 123-147, 2023.

DENISOVA, T. S.; KOSTELYANETS, S. V. Politicheskii krizis v Burkina-Faso: vnutrennie i vneshnie faktory destabilizatsii [Political crisis in Burkina Faso: internal and external factors of destabilization]. In: **PUTI K MIRU I BEZOPASNOSTI**, Moscou, n. 2 (65), p. 73-90, 2023.

DIPLOMAT MAGAZINE. Country Report: Mozambique At 40. **Diplomat Magazine**, 1 fev. 2015. Disponível em: <https://diplomatmagazine.com/country-report-mozambique-at-40/>. Acesso em: 24 out. 2025.

DOBOŠ, Bohumil; PURTON, Matthew. Proxy Neo-colonialism: The Case of Wagner Group in the Central African Republic. **Insight on Africa**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 7–21, 2024.

DOXSEE, Catrina. **Written Testimony, House Oversight National Security Subcommittee**. [S.l.: s.n.], 21 set. 2022.

DUNIGAN, M. **Victory for Hire: Private Security Companies' Impact on Military Effectiveness**. Stanford, CA: Stanford University Press, 2011.

EAST LIBYA COMMANDER HAFTAR IN MOSCOW FOR TALKS WITH PUTIN. **Al Jazeera**, 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2023/9/28/east-libya-commander-haftar-in-moscow-for-talks-with-putin>. Acesso em: 03 abr. 2024.

EDITOR. Exércitos privados se multiplicam na Rússia, formados por lutadores e até torcedores uniformizados. **A Referência**, [S.l.], 06 mar. 2024. Acesso em: 5 ago. 2025.

EKONOMICHESKAIA PRAVDA. Rossiiskii "Gazprom" sozdaët sobstvennuiu ChVK - razvedka [Russian "Gazprom" creates its own PMC - intelligence]. [S.l.]: **Ekonomicheskaja Pravda**, 7 fev. 2023. Disponível em: [https://epravda.com.ua/rus/news/2023/02/7/696804/? cfchl tk=wZwhTiBxHKF.Dk908xlpk ATqRZIIKYawithA.x0cNk-1763758462-1.0.1.1-h6jDOQmAg76YptkueH6thCSGTbk1e_XrRQI XSeVtCs4](https://epravda.com.ua/rus/news/2023/02/7/696804/?cfchl tk=wZwhTiBxHKF.Dk908xlpk ATqRZIIKYawithA.x0cNk-1763758462-1.0.1.1-h6jDOQmAg76YptkueH6thCSGTbk1e_XrRQI XSeVtCs4). Acesso em: 5 ago. 2025.

ELINDER, Mikael; ERIXSON, Oscar; HAMMAR, Olle. How Has the War in Ukraine Affected Russian Sentiments? **Bonn: Institute of Labor Economics**, nov. 2024. (N. 17457). Acesso em: 5 jun. 2025.

ELSHANI, Vlora. HORIZONTAL INEQUALITIES AND CONFLICT. **Contemporary Macedonian Defence**, v. 22, n. 42, p. 41, 2022.

EUROPEAN CENTRE OF EXCELLENCE FOR COUNTERING HYBRID THREATS (ed.). **Hybrid threat activity in the MENA region: state and non-state actors seeking status and expanding influence**. Helsinki: Hybrid CoE, mar. 2022. (Hybrid CoE Research Report 5).

FALEG, Giovanni; SECRIERU, Stanislav. *Russia's Forays into Sub-Saharan Africa: Do You Want to Be My Friend, Again?* Paris: **European Union Institute for Security Studies (EUISS)**, 2020. (Brief 6). Acesso em: 5 jun. 2025.

FEDERAÇÃO RUSSA. Código Penal. UGKRF, 63-FZ, 1º de janeiro de 1997. Disponível em: <https://www.wipo.int/edocs/lexdocs/laws/en/ru/ru080en.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2024.

FEDERAÇÃO RUSSA. **The Concept of the Foreign Policy of the Russian Federation – The Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation**. Disponível em: https://mid.ru/en/foreign_policy/fundamental_documents/1860586/. Acesso em: 20 set. 2024.

FEDERAÇÃO RUSSA. Decreto Presidencial n. 24, de 10 de janeiro de 2000. **On the Concept of National Security of the Russian Federation**. Moscou, 2000.F

FEDERAÇÃO RUSSA. Lei Federal n. 155-FZ, de 31 de julho de 1998. O vnutrennikh morskikh vodakh, territorial'nom more i prilezhashchet' zone Rossiiskoi Federatsii [On the internal sea waters, territorial sea and adjacent zone of the Russian Federation]. [S.I.: s.n.], 1998.

FERREIRA, Carla Conceição da Silva; KOSTIUK, Oleksandra; RODRIGUES, Yegho Preisigke Luxinger. Wagner Group: An instrument of Russian foreign policy? **Political Observer | Portuguese Journal of Political Science**, [S.I.], n. 19, p. 49-68, 2023. DOI: 10.59071/2795-4765.RPCP2023.19/pp-49-68.

FILIPPOV, V. R. Perspektivy voennogo prisutstviia Pitoi respubliki v Afrike v kontekste krizisa frantsuzskogo neokolonializma [Prospects for the military presence of the Fifth Republic in Africa in the context of the crisis of French neocolonialism]. In: **PUTI K MIRU I BEZOPASNOSTI**, Moscou, n. 2 (65), p. 102-122, 2023.

FORPOST - NOVOSTI SEVASTOPOLIA, KRYMA, ROSSII I MIRA. Sevastopol'skie samooboronovtsy poluchat bolee 15 millionov za okhranu Vodokanala [Sevastopol self-defense forces will receive more than 15 million for the protection of the Vodokanal]. [S.I.]: FORPOST - Novosti Sevastopolia, Kryma, Rossii i Mira, [2024]. Disponível em: <https://sevastopol.su/news/sevastopolskie-samooboronovcy-poluchat-bolee-15-millionov-za-okhranu-vodokanala>. Acesso em: 5 ago. 2025.

GARCÍA, Juan David Ramírez. De los mercenarios antiguos a los guerreros corporativos: un enfoque histórico. **Revista de la Facultad de Derecho y Ciencias Políticas - UPB**, Medellín, v. 47, n. 126, p. 39-53, jan.-jun. 2017.

GAVIN, Michael. **Major Power Rivalry in Africa**. Council on Foreign Relations, 2021. p. 1–39. Disponível em: <https://www.cfr.org/report/major-power-rivalry-africa>. Acesso em: 24 out. 2025.

GIEDRAITIS, Aivaras. Private Military Companies in the Foreign and Security Policy of the Russian Federation in 2014-2019. **Lithuanian Annual Strategic Review**, v. 18, p. 123-146, 2020.

GÓRKA, Marek. The Wagner Group as a Tool of Russian Hybrid Warfare. **Polish Political Science Yearbook**, [S.l.], v. 2, p. 83-98, 2023.

GRIGORIEV, Alexander. Comandante da unidade "Akhmat": as Forças Armadas Russas derrotaram os militantes das Forças Especiais das Forças Armadas da Ucrânia e um destacamento do PMC Forward americano perto de Sudzha. [S.l.: s.n.], 18 set. 2024. Acesso em: 5 ago. 2025.

HAGE, José Alexandre Altahyde. O que é a Doutrina Putin?: a questão estratégica russa e a segurança nacional ampliada. **Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 10-31, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/austral/article/view/128143/88165>. Acesso em: 30 out. 2024.

HARPER, Tara. **War, Decisions, и Деньги: Analyzing Private Military Companies in American and Russian Contexts**. 2023. Tese (Bacharelado) - Portland State University, Portland, CA, 2023.

HUNTINGTON, Samuel. **O Soldado e o Estado: Teoria e Política das Relações entre Civis e Militares**. Tradução: José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.

HURST, C. "The Militarization of Gazprom." **Military Review**, p. 59–67, Set./Out. 2010. Disponível em: https://www.armyupress.mil/Portals/7/militaryreview/Archives/English/MilitaryReview_20101031_art001.pdf. Acesso em: 6 jun. 2024.

IBRAHIM, Nada; BARABANOV, Ivan. The lost tablet and the secret documents. **BBC News**, 11 ago. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/news/extra/8iaz6xit26/the-lost-tab>. Acesso em: 5 ago. 2025.

ISLAM, S. M. Azharul. **The Valery Gerasimov Doctrine**. BIPSS COMMENTARY, jul. 2021. Disponível em: <https://bipss.org.bd/pdf/The%20Valery%20Gerasimov%20Doctrine.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2025.

JAZEERA, Al. "Plan to compete": Chechen leader eyes Wagner-like mercenary unit. **Al Jazeera**, [S.l.], 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2023/2/19/chechen-leader-kadyrov-lauds-wagners-hard-work-in-ukraine>. Acesso em: 5 ago. 2025.

JONES, Seth G. **Three Dangerous Men: Russia, China, Iran, and the Rise of Irregular Warfare**. New York: W.W. Norton, 2021.

JONES, Seth G. et al. **Russia's Corporate Soldiers: The Global Expansion of Russia's Private Military Companies**. Washington: Center for Strategic & International Studies, 2021. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/russias-corporate-soldiers-globalexpansion-russias-private-military-companies>. Acesso em: 5 ago. 2025.

JOVANOVIKJ, Tamara. THEORY OF SOCIAL REPRESENTATIONS AND COMMUNICATION, CREATING CONFLICT VERSIONS OF SOCIAL REALITY. **Contemporary Macedonian Defence**, v. 22, n. 42, p. 91, 2022.

KARAGANOV, S. Sergey Karaganov: Russia's new foreign policy, the Putin Doctrine. **Karaganov**. Disponível em: <https://karaganov.ru/en/sergey-karaganov-russia-s-newforeign-policy-the-putin-doctrine/>. Acesso em: 22 set. 2024.

KHARSEKINA, Vera. Afrika, "Akhmat", tiurma: chto proizoshlo s eks-naemnikami ChVK "Vagner" za god posle miatezha [Africa, "Akhmat", prison: what happened to former mercenaries of PMC "Wagner" a year after the mutiny]. [S.I.]: Kavkaz. Realii, [2024]. Disponível em: <https://www.kavkazr.com/a/afrika-ahmat-tyurjma-chto-proizoshlo-s-eks-naemnikami-chvk-vagner-za-god-posle-myatezha/33004327.html>. Acesso em: 5 ago. 2025.

KINSEY, Christopher. **Corporate Soldiers and International Security: The rise of Private Military Companies**. Londres: Routledge, 2006.

KUWALI, Dan. Oversight and Accountability to Improve Security Sector Governance in Africa. Washington, DC: Africa Center for Strategic Studies, 11 set. 2023. (N. 42). Disponível em: <https://africacenter.org/publication/asb42en-oversight-accountability-security-sector-governance/>. Acesso em: 04 jul. 2025.

KURYLEV, K. P. et al. Fenomen chastnykh voennykh kompanii v voenno-silovoi politike gosudarstv v XXI v. [The phenomenon of private military companies in the military and political power of states in the 21st century]. **Vestnik mezhdunarodnykh organizatsii** (International Organisations Research Journal), Moscou, v. 12, n. 4, p. 130-149, 2017.

LACHER, Wolfram. **Chad Navigates Multipolar Disorder: The Perils of Playing Geopolitics for Regime Survival**. Berlim: Stiftung Wissenschaft und Politik (SWP), 19 dez. 2023. (Policy Brief, n. 19).

LAMB, C. J. et al. **Complex Systems Conflict**. Washington, DC: National Defense University Press, 2018.

LARSEN, Karen Philippa; WIVEL, Anders. Foreign Policy Instrument, Actor, or Infrastructure? Conceptualizing the Wagner Group in Sudan. **African Security**, [S.I.], 17 jul. 2025.

PAVEL, M.; EVGENII, A. Kto i zachem idet v ChVK i skol'ko platiat za voinu i bor'bu s piratami [Who goes to PMC and why, and how much they pay for war and fighting pirates]. [S.I.: s.n.], [2024]. Disponível em: <https://paperpaper.io/chvk/>. Acesso em: 5 ago. 2025.

MANEV, Nikola; NIKOLOV, Elenior. LETHALITY OF CONTEMPORARY RUSSIAN APFSDS ROUNDS AGAINST NATO'S MAIN BATTLE TANKS. **Contemporary Macedonian Defence**, v. 22, n. 42, p. 115-123, 2022.

MARTEN, Kimberly. Russia's use of semi-state security forces: the case of the Wagner Group. **Post-Soviet Affairs**, v. 35, n. 3, p. 181-204, 26 mar. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1060586X.2019.1591142>. Acesso em: 30 set. 2025.

MASEVSKI, Stojanche. THE IMPACT OF GEOPOLITICS ON THE UNITED NATIONS. **Contemporary Macedonian Defence**, v. 22, n. 42, p. 125, 2022.

MCFATE, Sean. **The Modern Mercenary**. New York: Oxford University Press, 2014.

MEARSHEIMER, John J. **The tragedy of Great Power politics**. New York, N.Y.: W. W. Norton & Company, Inc., 2001. 467 p. ISBN 0-393-02025-8.

MEGERISI, Tarek. **Geostrategic Dimensions of Libya's Civil War**. Washington, D.C.: Africa Center for Strategic Studies, 2020. (Brief, n. 37). Disponível em: <http://www.jstor.com/stable/resrep24408>. Acesso em: 5 jun. 2025.

MEGERISI, Tarek. The bear who came to tea: Russia, Libya and the Kremlin's playbook for fragile states. **Policy Brief**. European Council on Foreign Relations (ECFR), 28 mar. 2025.

MENA FUENTES, Lucía. **MARKET FORCES AND POLITICAL POWER: On the Evolution of the Wagner Group**. 2023. Dissertação (International Master in Security, Intelligence, and Strategic Studies) - Universidade de Glasgow, Universidade da Cidade de Dublin, e Universidade Charles, [S.I.], 2023.

MIRANDA, Adriano Junior Bruck et al. A Armadura Invisível – A Utilização da Empresa Militar Privada Wagner em conflitos envolvendo interesses da Rússia. In: **CONGRESSO ACADÊMICO DE DEFESA NACIONAL**, [S.I.], 2023, p. 13.

MOEDER, Riley. **The Wagner Group: a model for future Russian foreign policy in Africa**. [S.I.]: New Lines Institute for Strategy and Policy, set. 2023.

MOLFAR INTELLIGENCE INSTITUTE. **Catalog of Russian PMCs: 37 private military companies of the Russian Federation**. [S.I.]: Molfar Intelligence Institute/NGO "OSINT", 2025.

MOLFAR INTELLIGENCE INSTITUTE. **Catalog of Russian PMCs: 37 private military companies of the Russian Federation**. [S.I.]: Molfar Intelligence Institute, 24 abr. 2023.

MOLFAR INTELLIGENCE INSTITUTE. "DShRG Rusich": a neo-Nazi unit in the service of the Russian armed forces MII. [S.I.]: Molfar Intelligence Institute, [2024]. Disponível em: <https://www.molfar.institute/en/dshrg-rusich/>. Acesso em: 5 ago. 2025.

MORAN SECURITY GROUP. **About Us**. Disponível em: <https://morangroup.org/en/about/index>. Acesso em: 18 out. 2024.

MORRELL, S. C. Military Deception and Strategic Culture: The Soviet Union and Russian Federation. **Journal of Information Warfare**, v. 20, n. 3, p. 127-145, 2021. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27125003>. Acesso em: 30 set. 2024.

NAUMOV, P. Chastnye voennye kompanii v usloviakh transformatsii miroporiadka: funktsional'nyi analiz [Private military companies in the context of global order transformation: functional analysis]. In: **PUTI K MIRU I BEZOPASNOSTI**, Moscou, n. 2 (65), p. 207-218, 2023.

NEETHLING, Theo. Russian para-military operations in Africa: the Wagner Group as a de facto foreign policy instrument. [S.I.]: [s. n.], 2023.

NEONATSISTSKAIA gruppirovka "Rusich" sobralas' pomogat' FSB okhraniat' granitsu s Finliandiet' [Neo-Nazi group "Rusich" gathered to help the FSB guard the border with Finland]. **Meduza**, [S.I.: s.n.], 9 set. 2024. Disponível em: <https://meduza.io/news/2024/09/09/neonatsistskaya-gruppirovka-rusich-sobralas-pomogat-fsb-ohranyat-granitsu-s-finlyandiey>. Acesso em: 30 set. 2025.

NOVAYA GAZETA EUROPE. Russia's Defence Ministry signs contract with Akhmat volunteer detachment. [S.I.]: Novaya Gazeta Europe, 12 jun. 2023. Acesso em: 24 jul. 2025.

OLIINYK, Y.; OLIINYK-D'OMOCHKO, M.; MAKSYMOW, A. **The impact of Wagner Group's activities on African states: implications for Ukraine**. [S.I.]: Center for African Studies, [2024].

OLSON, Timothy. **Capstone Essay: The Private Military Landscape in Post-Soviet Russia**. [S.I.], [2024]. Ensaio (Capstone).

OOO "CHVMK". [S.I.]: Rusprofile, [2024]. Disponível em: <https://www.rusprofile.ru/id/1237700026420>. Acesso em: 4 jan. 2025.

OPEN SANCTIONS. **Sewa Security Services**. Open Sanctions. Disponível em: <https://www.opensanctions.org/entities/NK-g4YnaxJbdXa7Cd2mpzrg84/>. Acesso em: 26 jul. 2024.

ORTHODOXY IN DIALOGUE. Moscow Patriarchate Has Its Own Mercenary Army in Ukrainian Genocide. [S.I.]: Orthodoxy in Dialogue, 20 out. 2023. Acesso em: 2 set. 2025.

OTŁOWSKI, Tomasz. **The autonomization of the Wagner Group's activities and military position in Libya corresponds with the growth of the group's business and political position throughout the North African region**. [S.I.]: Casimir Pulaski Foundation, 2023.

OZLEM HAS. Regulating private military companies. **Journal of Conflict & Security Law**, p. 1-17, 2025.

PAOLIELLO, T. O.; PIMENTEL, C. R. Empresas militares e de segurança privada. In: SAINT-PIERRE, H. L.; VITELLI, M. G. (Org.). **Dicionário de Segurança e Defesa**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2018, v. 1, p. 327-332.

PARMAR, Sarabjeet S.; SAWAN, Ranendra S.; AGNIHOTRI, Kamlesh K. **MARITIME DOCTRINE OF THE RUSSIAN FEDERATION 2022: AN ANALYSIS**. [S.I.: s.n.], 17 ago. 2022.

PETERSOHN, Ulrich. The anti-mercenary norm and the market for combat force. **International Journal of Conflict and Violence**, [S.I.], 2021.

PIEHLER, Kurt G. **Encyclopedia of Military Science**. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2013.

PIGNI, Giovanni. The Russian Nationalists Pushing for Ukraine's Destruction. **New Lines Magazine**, [S.I.], 16 abr. 2025. Acesso em: 5 ago. 2025.

PILI, Giangiuseppe et al. **Playing the long game: Russia in the Mediterranean**. Rome: NATO Defense College, fev. 2025. (WAR Series, No. 03). Acesso em: 5 ago. 2025.

PMC ATK-GROUP. **[Website institucional/Documento sobre programa de treinamento militar]**. [S.I.]: PMC "ATK-GRO", 2023-2024. Acesso em: 5 ago. 2025.

POKALOVA, Elena. The Wagner Group in Africa: Russia's quasi-state agent of influence. **Studies in Conflict & Terrorism**, [S.I.], 2023.

RÁCZ, András. Russia's Military Power Fast and furious or failing? In: SAARI, S.; SECRIERU, S. (ed.). **RUSSIAN FUTURES 2030: The shape of things to come**. [S.I.]: European Union Institute for Security Studies (EUISS), [2020]. Capítulo 4.

RAMANI, Samuel. Russia's post-2011 resurgence in Libya: a four-pronged hybrid intervention. In: VÄLIMÄKI, J.; HILTUNEN, A. K. (ed.). **Hybrid threat activity in the MENA region: state and non-state actors seeking status and expanding influence**. Helsinki: Hybrid CoE, mar. 2022. p. 11-. (Hybrid CoE Research Report 5).

REPÚBLICA ÁRABE DA SÍRIA. EVRO POLIS; GENERAL PETROLEUM CORP. Contrato pela libertação de territórios, restauração infraestrutura, produção de petróleo e gás entre o Governo da República Árabe da Síria e a General Corporação Petrolífera e a Companhia Euro Polis. Disponível em: <https://www.documentcloud.org/documents/4326734EvroPolisContract#document/p31/a392905>. Acesso em: 14 jan. 2024.

REYNOLDS, Nathaniel. Putin's not-so-secret mercenaries: patronage, geopolitics, and the Wagner Group. Washington, DC: Carnegie Endowment for International Peace, jul. 2019. (The Return of Global Russia).

RSB-GROUP. **military consulting company**. RSB Group. Disponível em: <https://rsb-group.org/services/marine-operations>. Acesso em: 21 set. 2024.

RUSSIA'S MILITARY DOCTRINE. **Arms Control Today**, [Washington, D.C.], mai. 2000. Disponível em: <https://www.armscontrol.org/act/2000-05/russias-military-doctrine>. Acesso em: 30 jan. 2025.

RUZHIN, Nano. THE WAR IN UKRAINE THROUGH THE PRISM OF CLASSICAL GEOPOLITICS. **Contemporary Macedonian Defence**, v. 22, n. 42, p. 9, 2022.

ROSA, Vinícius Teles do Carmo Santa. **O papel das empresas militares e de segurança privada na estratégia nacional de segurança da federação russa**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Departamento de Relações Internacionais, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2022.

SILVA, J. Em meio a tensões com mercenários na Rússia, pesquisa e interesse por Empresa Militar Privada Brasileira cresce no google trends. **Sociedade Militar**. Disponível em: <https://www.sociedademilitar.com.br/2023/06/em-meio-a-tensoes-commercenarios-na-russia->

pesquisa-e-interesse-empresa-militar-privada-brasileiracresce-no-google-trends-2022j.html. Acesso em: 11 set. 2024.

SINGER, Peter W. **Corporate Warriors: The Rise of the Privatized Military Industry**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2003.

SOROCEANU, Igor. Practical analysis of the crime of mercenary activity: case study of the Libyan state. **Revistă Științifică Internațională „Supremația Dreptului” / International Scientific Journal „Supremacy of Law”**, n. 2, 2022.

SPRINGBORG, Robert; WILLIAMS, F. C. WILLIAMS; ZAVAGE, John. Russian Security Assistance. In: CARNEGIE ENDOWMENT FOR INTERNATIONAL PEACE. **Security Assistance in the Middle East: A Three-Dimensional Chessboard**. [S.I.]: Carnegie Endowment for International Peace, 2020. Disponível em: <http://www.jstor.com/stable/resrep20957.7>. Acesso em: 4 abr. 2025.

STRONG, Christopher. **Wagner Group and Opportunism in Russian Foreign Policy: Case Studies of the Central African Republic (CAR), Libya, and Mozambique**. 2022. Dissertação (Mestrado em Geopolitical Studies) - Charles University, Praga, 2022. Disponível em: <https://dspace.cuni.cz/bitstream/handle/20.500.11956/171305/120410413.pdf>. Acesso em: 24 set. 2025.

SUKHANKIN, Serguei. Russian PMCs and Irregulars: Past Battles. **Jamestown**, [S.I.], 2020a. Disponível em: <https://jamestown.org/russian-pmcs-and-irregulars-past-battles-and-new-endeavors/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SUKHANKIN, Serguei. The Hybrid Role of Russian Mercenaries. **Jamestown**, [S.I.], 2020b. Disponível em: <https://jamestown.org/the-hybrid-role-of-russian-mercenaries-pmcs-and-irregulars-in-moscows-scramble-for-africa/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SUKHANKIN, Sergey. Wagner Group in Libya: weapon of war or geopolitical tool? **Terrorism Monitor**, v. 11, n. 13, 26 jun. 2020.

SWED, Ori; ARDUINO, Alessandro. Do mercenaries perform better than states? Evaluating the Wagner group's impact on Central African Republic. **Small Wars & Insurgencies**, v. 36, n. 1, p. 59-86, 2024. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09592318.2024.2418675>. Acesso em: 21 set. 2025.

TALLET, Frank. Soldiers in Western Europe, c. 1500-1790. In: ZÜRCHER, Erik-Jan (Ed.). **Fighting for a Living: A Comparative Study of Military Labour 1500-2000**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2013.

TASIC, Mirko. SOFs and PMSCs: Factors of Stability and Change. **Journal of Strategic Security**, v. 18, n. 3, p. 299-319, 2025.

TAYLOR, Edwin. Redut PMC: The Kremlin's Private Army. **Grey Dynamics**, [S.I.], 2025. Disponível em: <https://greydynamics.com/redut-pmc-the-kremlins-private-army/>. Acesso em: 4 out. 2025.

THE SENTRY. **Architects of Terror: The Wagner Group's Blueprint for State Capture in the Central African Republic**. [S.l.]: The Sentry, jun. 2023. Disponível em: <https://thesentry.org/wp-content/uploads/2023/06/ArchitectsTerror-TheSentry-June2023.pdf>. Acesso em: 5 out. 2025.

TSYGANKOV, Andrei P. **Russian Realism: defending 'Derzhava' in international relations**. Abingdon: Routledge, 2022. E-book. DOI 10.4324/9781003247647. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781003247647>. Acesso em: 5 jul. 2025.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Tradução: Mário da Gama Kury. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

UNITED NATIONS UNIVERSITY CENTRE FOR POLICY RESEARCH (UNU-CPR). **A Breakthrough for People and Planet: Effective and Inclusive Global Governance for Today and the Future**. New York: UNU-CPR, 2023. 81 p. Disponível em: https://highleveladvisoryboard.org/breakthrough/pdf/highleveladvisoryboard_breakthrough_fullreport.pdf. Acesso em: 11 set. 2024.

UNITED24 MEDIA. **Putin's Use of Private Military Companies To Wage Terror on Ukraine**. [S.l.]: UNITED24 Media, [s.d.]. Acesso em: 5 ago. 2025.

U.S. DEPARTMENT OF STATE. **Wagner Group, Yevgeniy Prigozhin, and Russia's Disinformation in Africa**. Global Engagement Center, 2022. Disponível em: <https://www.state.gov/disarming-disinformation/wagner-group-yevgeniy-prigozhin-and-russias-disinformation-in-africa/>. Acesso em: 24 out. 2025.

VENKINA, Ekaterina. SMI: ChVK v Krymu poluchila milliony ot struktury Rotenberga [Media: PMC in Crimea received millions from Rotenberg's structure]. **Deutsche Welle (DW)**, Russkaia sluzhba, 14 ago. 2023. Acesso em: 25 out. 2025.

VICE. The Central African Republic Is Enlisting Russians in Its War Against Rebels. **YouTube**, 9 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oK63yqJYkGg>. Acesso em: 25 mar. 2024.

VICE. Inside Wagner: The Rise of Russia's Notorious Mercenaries | VICE Special Report. **YouTube**, 5 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rtSf9ktubO0>. Acesso em: 26 ma. 2024.

WALSH, Declan. Russian Mercenaries Are Driving War Crimes in Africa, U.N. Says. **The New York Times**, 27 jun. 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/06/27/world/asia/russia-mercenaries-central-african-republic.html>. Acesso em: 24 out. 2025.

WANG, J. Chinese Vessel Cuts Taiwan Internet Cable in Apparent Sabotage. **Wall Street Journal**, 5 jan. 2025. Disponível em: <https://www.wsj.com/world/asia/chinese-vessel-cuts-taiwan-internet-cable-in-apparent-sabotage-81e0d3b1>. Acesso em: 5 jan. 2025.

WEINTHAL, E.; SOWERS, J. Targeting Libya's rentier economy: the politics of energy, water, and infrastructural decay. **Environment and Security**, v. 1, n. 3-4, p. 187-208, 2023.

WHITE JR., Daniel J. **Vanguard of a White Empire: Rusich, the Russian Imperial Movement, and Russia's War of Terror**. 2023. Tese (Mestrado em Estudos de Segurança) - Naval Postgraduate School, Monterey, CA, 2023.

ZAIKIN, Nikita. "Vagnerovtsy" stali "akhmatovtsami" ["Wagnerites" became "Akhmatites"]. **TRT Russian**, [2024]. Disponível em: <https://www.trtrussian.com/article/17671600>. Acesso em: 30 set. 2025.

ZHENG, S.; XIA, Y. Private Security Companies in Kenya and the Impact of Chinese Actors. **SSRN Electronic Journal**, 2021. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3859591>. Acesso em: 18 jul. 2024.